

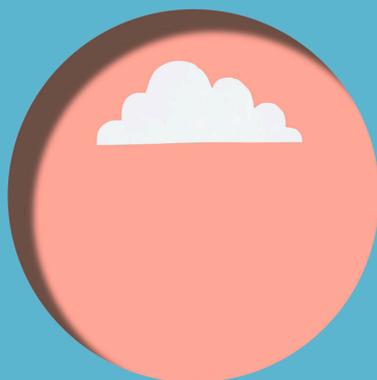
Ivânia Paula Freitas de Souza Sena  
Tiala Cristine de Albuquerque de Moraes  
(Orgs.)

# DURANTE a PANDEMIA



UM SALDO  
PARCIAL  
DE NÓS  
MESMOS





Diante da grave crise sanitária, econômica e política que vivenciamos no Brasil, se faz necessário ampliar os espaços de fala dos sujeitos, reduzir a sensação de “engasgo” e de “sufocamento” por vivenciar uma pandemia com condução governamental desastrosa. Até o momento, temos 528.611 mortos (Dados do Consórcio de Veículos de Imprensa, a partir de dados das Secretarias Estaduais de Saúde, publicados no dia 07.07.2021). As estatísticas apontam que estamos no segundo lugar quanto ao número de mortos no mundo, tal fato, junto a diversas declarações do presidente da república minimizando a gravidade da pandemia, assim como, ações irresponsáveis que descumprem as normas de segurança orientadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS e pelo próprio Ministério da Saúde do atual governo; com uma rotatividade de ministros assustadora (4 ministros diferentes em um período de 2 anos de governo) e com uma velocidade de vacinação muito abaixo do necessário, foi instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito, constituída para averiguar a condução das ações de enfrentamento à COVID-19 pelo Governo Federal (CPI da COVID). Diante desse contexto caótico e de isolamento social que nos afasta de familiares e amigos, nos impede de sair de casa, limitando drasticamente nossa liberdade e os momentos de lazer; a necessidade de se expressar e compartilhar dores emocionais, físicas, individuais, coletivas, existenciais como um todo, tem sido cada vez maior. Além das dores, como tudo na vida tem diversas faces, sabe-se que muitos de nós nos reinventamos, aprofundamos o autoconhecimento e aproveitamos o momento para aprender com os desafios.



**Durante a pandemia**



# Durante a pandemia

Um saldo parcial de nós mesmos

Organizadoras

**Ivânia Paula Freitas de Souza Sena**  
**Tiala Cristine de Albuquerque de Moraes**



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza; MORAIS, Tiala Cristine de Albuquerque de (Orgs.)

Durante a pandemia: um saldo parcial de nós mesmos [recurso eletrônico] / Ivânia Paula Freitas de Souza Sena; Tiala Cristine de Albuquerque de Moraes (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

144 p.

ISBN - 978-65-5917-211-5

DOI - 10.22350/9786559172115

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Pandemia; 2. COVID-19; 3. Educação; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 370

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação                      370

# Sumário

---

## **Apresentação** **11**

Tiala Cristine de Albuquerque de Moraes

### **Relatos autobiográficos**

---

## **1** **15**

### **Um ano fora do tempo**

Ana Paula Santiago

---

## **2** **21**

### **(Trans) formações, buscas rebotalhos**

Vívia Santos Andrade

---

## **3** **24**

### **Apenas isso**

Edna Maria de Oliveira Ferreira

---

## **4** **31**

### **O que a pandemia acendeu em mim**

Socorro Freitas

---

## **5** **38**

### **Processo pandêmico e o desvelamento de um povo dito cordial**

Edeil Reis do Espírito Santo

---

## **6** **45**

### **Rabiscos de uma coordenadora pedagógica na pandemia**

Edineide Vitor Costa

---

## **7** **53**

### **Entre espantos e medos, as lições da Covid-19**

Juscelita Rosa Soares Ferreira de Araújo

**8** **59**

---

**Dores silenciadas, sufocadas**

Carmélia Aparecida Silva Miranda

**9** **63**

---

**Ensinar em tempos de pandemia: quando educar se torna um desafio no cotidiano do lar**

João César Abreu de Oliveira Filho  
Andrea Almeida Cavalcante

**10** **72**

---

**Amor ou dor: o estatuto que me rege**

Edvone da Silva Souza

**11** **79**

---

**O que a pandemia fez, faz e fará de nós educadoras? Observações experienciais**

Carmem Sueze Silva Miranda

**12** **84**

---

**É preciso estar atento e forte**

Roberto Marques

**13** **92**

---

**A tal normalidade da vida: uma crônica do cotidiano**

Ivânia Paula Freitas de Souza Sena

**A partir de nós mesmos: artigos e ensaios**

**14** **103**

---

**Formação de professores para a educação de jovens e adultos na perspectiva da humanização no contexto da pandemia**

Gilvanice Barbosa da Silva Musial

<b>15</b>	<b>113</b>
<hr/>	
<b>Quando a arte inspira a luta</b>	
Lídia Barreto da Silva	
<b>16</b>	<b>121</b>
<hr/>	
<b>Assim como eu... muitas de nós!</b>	
Leonice Francisca de Souza	
<b>17</b>	<b>129</b>
<hr/>	
<b>Famílias autísticas na pandemia: vozes de mães</b>	
Gisele Soares Lemos Shaw Thais S. M. Teixeira	
<b>18</b>	<b>136</b>
<hr/>	
<b>Dores da pandemia: reflexões, vivências e angústias</b>	
Carmélia Aparecida Silva Miranda Eliana do Sacramento Almeida	
<b>Palavras finais</b>	<b>144</b>
<hr/>	



## **Apresentação**

*Tiala Cristine de Albuquerque de Morais*<sup>1</sup>

Diante da grave crise sanitária, econômica e política que vivenciamos no Brasil, se faz necessário ampliar os espaços de fala dos sujeitos, reduzir a sensação de “engasgo” e de “sufocamento” por vivenciar uma pandemia com condução governamental desastrosa. Até o momento, temos 528.611 mortos (Dados do Consórcio de Veículos de Imprensa, a partir de dados das Secretarias Estaduais de Saúde, publicados no dia 07.07.2021). As estatísticas apontam que estamos no segundo lugar quanto ao número de mortos no mundo, tal fato, junto a diversas declarações do presidente da república minimizando a gravidade da pandemia, assim como, ações irresponsáveis que descumprem as normas de segurança orientadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS e pelo próprio Ministério da Saúde do atual governo; com uma rotatividade de ministros assustadora (4 ministros diferentes em um período de 2 anos de governo) e com uma velocidade de vacinação muito abaixo do necessário, foi instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito, constituída para averiguar a condução das ações de enfrentamento à COVID-19 pelo Governo Federal (CPI da COVID).

A CPI tem tornado explícito que nunca houve compromisso do Governo Federal com a compra de vacinas, esta, foi recusada 14 vezes. Todas essas recusas estão comprovadas por documentos que compõem as provas de má condução governamental. A postura sempre foi contra as

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – UFC, Pedagoga – UNEB. Terapeuta Integrativa. E-mail: tialacristine29@gmail.com

recomendações da OMS e da ciência. No que se refere ao avanço da pobreza, o Brasil entrou em 2021 com 27 milhões de pessoas na miséria (dados da Fundação Getúlio Vargas). De acordo com o Instituto de Geografia Brasileira (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB), caiu 4,1%, maior queda nos últimos 30 anos. Realidade comprovada pelo número de pessoas que passou a viver nas ruas; outras que entraram no mapa da fome; assim como, tantas famílias que tiveram uma queda imensa no poder aquisitivo.

Diante desse contexto caótico e de um isolamento social que nos afasta de familiares e amigos, nos impede de sair de casa, limitando drasticamente nossa liberdade e os momentos de lazer; a necessidade de se expressar e compartilhar dores emocionais, físicas, individuais, coletivas, existenciais como um todo, tem sido cada vez maior. Além das dores, como tudo na vida tem diversas faces, sabe-se que muitos de nós nos reinventamos, aprofundamos o autoconhecimento e aproveitamos o momento para aprender com os desafios.

Considerando todas essas questões, construímos esse espaço para compartilhar angústias, emoções, aprendizados e sensações vividas durante a pandemia da COVID-19.

## **Relatos autobiográficos**

Não estamos perdidos. Pelo contrário, venceremos se não tivermos desaprendido a aprender.

Rosa Luxemburgo



# 1

## Um ano fora do tempo

*Ana Paula Santiago*<sup>1</sup>

E aqui começo a compartilhar um pouco da minha história. Um ano de pandemia, desafios, transformações, sonhos, esperanças. Para mim, um ano em que morri e renasci inúmeras vezes. Ano de colocar abaixo, velhas estruturas, de destruir as bases fracas, desgastadas e apodrecidas que alicerçavam uma vida de ilusões.

Neste processo, fui uma e fui muitas, mergulhei, fundo, em minhas sombras, encarei meus demônios de frente. E, adivinha? Eles não são nada bonitos ou amistosos. Vivi e revivi o passado que há tanto tempo escondi de mim. Achei a chave e abri o baú das memórias. Digo memórias, mas em alguns momentos me pareceu ter aberto a caixa de pandora.

Descobri que fui vítima e fui, também, algoz. Neste último ano, fui poeta e pensador, fui mercenário e matador, fui freira, fui meretriz, fui mãe, fui pai, fui feiticeiro, fui criança, fui homem, fui mulher.

Descobri que amigos e família são bens preciosos, são a força extra quando esmorecemos, são o apoio que não nos deixa cair, são a corda e a escada que nos retiram do fundo do abismo e nos traz à superfície. São alegria e também o espelho onde vemos refletida as nossas dores, angústias e arestas a serem aparadas.

Este foi um ano fora do tempo, pois a linearidade do tempo, tão própria desta dimensão, onde passado, presente e futuro seguem uma linha e

---

<sup>1</sup> Enfermeira, Acupunturista, Practioner em Barra de Access, Reikiana, Operadora de Mesa Radiônica. E-mail: paula.santiago@gmail.com

nunca se encontram, não existiu; ao invés disso, o tempo foi uma grande espiral, onde o passado, o presente e o futuro se encontraram, se cruzaram e muitas vezes coexistiram.

Parece loucura? É, eu sei. Se for mais confortável a você, eu sugiro que leia a minha história como se lê uma fantasia. Mas para aqueles que como eu, trilham o caminho da busca pela sua Verdade, tenho a certeza que essa história ecoará em seus corações.

Então... vamos lá!

Por onde começar? Estou perdida neste caminho. Aperto no peito... há dias, sofro as angústias, dores e tristezas de um passado marcado na alma, peso que carrego. Fui fundo, revolvi as entranhas da terra e descobri um pequeno pedaço meu, aprisionado àquela memória, àquele momento... lágrimas me vêm aos olhos, angústia me aperta o coração... solidão.

Estou presa naquele calabouço escuro, fétido, doentio; estou aqui há décadas, eras, esquecida, abandonada, minha luz apagada. Há tanto tempo não vejo o sol, não sinto a brisa tocar meu rosto, não sinto o frescor que vem do aroma das ervas frescas, o cheiro de comida quentinha saindo do forno, a pureza das cristalinas águas do rio/mar que banhava nossas terras.

Minha família me trancou aqui, porque me perdi, arrancaram meu filho de minhas entranhas, o tomaram de mim e me trancaram, me trataram como lixo, me rejeitaram, coração partido, sangrando, sofrido... ninguém a quem recorrer, ninguém para me proteger, desisti, me entreguei, não lutei e aqui fiquei... até ontem.

Ontem, um pequeno raio de luz adentrou a escuridão. Acho que lembraram de mim. Será que estão vindo me resgatar? Acho que é isso. Ou será esperança vã? Não, tenho certeza! É isso! Lembraram de mim!

E assim tem sido estes últimos dias. Uma luta constante para resgatar a mim mesma. Como é árdua esta batalha! Sinto o corpo fraquejar, dores

físicas apareceram, cansaço, desânimo, tristeza... por vários dias, me perguntei sua origem. Fraquejei, quase me entreguei. Mas como nesta jornada não caminhamos sós, aqueles que caminham ao meu lado, intercederam.

Jogaram luz na escuridão, me deram forças, mas a luta ainda está sendo travada. Encontro-me, nesse momento, no meio do campo de batalhas, lutando contra minhas dores, minhas sombras, meus medos, este é um desafio que só eu posso vencer. Muitos estão ao meu lado a ajudar. Não é fácil. A escolha é minha e está feita: vou resgatar a mim mesma, me acolher, me amar, me curar e interiorizar a Verdade que o poder é meu, o destino é meu e a vitória é minha.

E, aqui e agora, neste momento, ancorada na Luz e na Verdade, amparada pela energia das amadas irmãs de jornada, dou o último passo e, de uma vez por todas, rompo as barras desta prisão e ilumino toda esta escuridão com a força e a luz dos dez Sóis e declaro para o Universo, para mim, para todos: Eu Sou Livre! Eu Sou Livre! Eu Sou Livre!

E, assim, sigo o fluxo; o fluxo das curas, das curas de feridas, de feridas profundas que, por sua dor, cegam a visão e nublam os pensamentos. Por muitos anos me arrastei na ignorância causada pela dor e pelo medo. Anos de escuridão profunda, de negação e apatia. Por escolha própria, me aprisionei e paralisei por temer repetir a dor e os erros do passado e viver, na pele, a dor e o sofrimento de uma alma ferida.

Os anos se passaram e quem nasce para brilhar, não consegue, por muito tempo, se ofuscar. E, camada por camada, a culpa e a vergonha vão sendo liberadas, as feridas curadas e a consciência restaurada.

Quantas vezes me perguntei; por que não poderia voltar para casa? Ai... como doíam a saudade e a falta de alegria. Acreditei ser este planeta, uma prisão, um lugar esquecido por Deus, abandonado por todos, e, diante da revolta que assolava minha alma, mergulhei na escuridão. Fui fundo, abri o grande leque de conhecimentos que eu detinha e os usei ao meu bel

prazer, sucumbi aos prazeres da carne, da dor e do egoísmo, me esbaldei no sofrimento do mundo, me lavei nas lágrimas das crianças e lavei o chão em sangue inocente. Dias tenebrosos! Dias tenebrosos, vivi e depois me arrependi.

A culpa e o remorso, corroeram o meu ser e envolta nesta vibração, tranquei todos os portais aos quais tinha acesso, amarrei meus pés e minhas mãos, envenenei a minha mente para que todo este poder fosse esquecido, abandonado e nunca mais usado. Entreguei minha alma e meu corpo às minhas vítimas e permiti que fossem meus algozes, pois toda dor e sofrimento que me fossem infringidos por eles, seriam nada comparados ao que eu os fiz sofrer. Além disso, sofri a perseguição e o assédio dos meus confrades de “malvadezas” que muito desejavam meu retorno àquela seara, pois muito era o meu poder, o meu poder mental, o meu poder de manipular e subjugar.

E nesta roda de sofrimento, dor e medo passaram-se muitas e muitas vidas, até que agora, às vésperas da Nova Era, às vésperas da mudança pela qual anseia este orbe, parei de sentir pena de mim e resolvi recuperar a mim mesma.

Mas tanto era o medo de falhar e sucumbir, tantos foram os bloqueios a que me impus (como citei anteriormente, sou excelente mago) que a batalha pela libertação não tem sido fácil. Aos poucos, barreiras por barreiras vão sendo derrubadas e a consciência restaurada.

Graças ao bom Deus, que nunca nos desampara, (ao contrário do que acreditei antes) surgiram ferramentas, pessoas maravilhosas, grandes magos e magas de Luz, também me auxiliaram e auxiliam nesta caminhada pelo despertar e para alcançar a essência que... Eu Sou.

Hoje, por este trabalho, escolha e perseverança, pelo amparo recebido na fisicalidade e além dela, posso afirmar que muito já foi curado, que algo já é por mim acessado, mas meu universo é vasto, sou alma antiga, forjada

nas estrelas e muito ainda me está oculto, mas não por muito tempo porque a era da escuridão passou e agora é hora de brilhar.

Me aguardem! Pois, a promessa feita nas estrelas antes de pisar este belo planeta será cumprida e a mensagem contida em minha garganta ecoará pelos quatro cantos do mundo trazendo Luz àqueles que, como eu, se perderam na escuridão dos tempos.

Sigo em direção ao futuro. O futuro é parte de uma grande trama, onde algumas linhas se encontram e outras correm paralelas. Nos últimos dias tenho ido e vindo – Passado, futuro, presente: tempo. Como tem sido diferente! Linear!? Nem tanto, vou e volto.

Caminho por sobre suas tramas e nelas me vejo de tantas formas. Amo-me, odeio-me, construo, destruo, sorrio e choro..., mas o mais importante, em cada uma delas, aprendo. Aprendo comigo mesma, a lição da descoberta.

A descoberta que Amar não é apenas sorrir, mas, também, chorar.

Amar é olhar para trás, enxergar meus erros, tropeços, dores e amarguras, me pegar pela mão, oferecer-me colo e dizer: não importam as dificuldades, mas a lição aprendida.

Amar é levantar-me da lama, lavar minhas chagas, limpar o sangue que escorre, secar as lágrimas que afogam e dizer: tudo é aprendizado. O passado não é cáustico, o coração não é pedra, mas Luz que resplandece quando nos permitimos liberar os pesos, romper o véu e enxergar além da ilusão criada para nos cegar, dominar, humilhar, reduzir e apagar.

Ah... como me amo! E amo cada dia mais. Sabe o que está a acontecer? É tanto amor que se espalha que já está ficando apertado para aqueles sentimentos que querem me conter.

O Amor é Luz, Luz radiante e não há escuridão que resista ao seu brilho, não há tristeza ou dor que consiga se manter.

O amor chegou com força para romper as barreiras, derrubar os muros, abrir as trancas, os dias de dor e separação se aproximam do fim, são, agora, uma gota de água em um oceano de Luz, Luz e Amor.

E assim, na caminhada da Terra, entre alto e baixos, erros e acertos, lágrimas e sorrisos, vamos, aos poucos, buscando e alcançando a reintegração do nosso Ser com nossa alma, com nossa Luz interna, com a verdade que Somos.

Como já contei, me achei e me perdi inúmeras vezes e agora faço o movimento do perdão, da gratidão, do encontrar-me, o movimento de me conectar com minha essência e de viver a minha verdade.

Percebo, no dia a dia, a voz de minha alma cada vez mais alta, a ecoar na minha consciência, a juntar-se e fundir-se ao meu Eu.

Sinto-me transitando entre mundos e é como ter um pé aqui e outro lá, às vezes minha consciência expande, vem-me muita clareza com relação a perenidade desta vida, sua beleza e importância, confiança nos caminhos que sigo e fé no amparo divino. A paz e alegria invadem meu Ser e, pouco depois, é como se a consciência se contraísse e eu sinto o peso e a densidade, os medos e as dúvidas e, a partir daí eu tento trazer à lembrança, as sensações e consciência vividas nos momentos de expansão para que estes, sejam mais transitórios possíveis.

E assim, sigo vivendo... refazendo conexões, burilando o meu Ser, me libertando dos pesos, e, cada dia mais, juntando os pedaços que perdi e enterrei ao longo das inúmeras existências neste planeta azul, de forma que logo mais, a minha consciência, que hoje faz seu treino em expandir, não mais irá se retrair.

E estarei plena, inteira e curada. Seguindo no caminho da Luz e do Amor, por mim e pelo mundo. Afinal, somos todos Um.

## 2

### **(Trans) formações, buscas rebotalhos**

*Vívia Santos Andrade*<sup>1</sup>

Caminhos, jornadas, experiências.

Dores, espinhos, lamentos.

Dias, noites e uivos dos ventos.

Mais um que se foi, lágrimas escorrendo.

Vidas e mortes caminhando solitárias.

Fique em casa! Gritava a voz na televisão.

Máscaras coloridas a esconder a face que não mais sorria.

Medo, angústia, solidão.

Tudo junto se misturando e ampliando a escuridão.

Quem virá me ajudar?

Passou um mês, dois, três...

O que mudou?

Live para todos os gostos,

Curso disso, daqui(lo).?

Tudo online!

No início, euforia pelos dias dentro de casa.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação e Diversidade. Professora na Educação Básica na rede pública municipal de Cansanção-Ba. E-mail: andradepedagogia@yahoo.com.br.

Link para lattes: <http://lattes.cnpq.br/9607535220414639>

Comida assim, assado.

Música, dança e até carteadado.

Morreu um!

O que mudou? Nada!

A escola fechada, os gritos no intervalo silenciados.

Professores em casa esperando o resultado.

Espera, ainda não é o momento!

Passa um, dois, três meses.

Vou enlouquecer!

Corre faz alguma coisa.

Cuida de planta.

Aprende um prato novo.

Costura uma manta de retalho.

Espera o rebento chegar.

Cadê a escola, que dia volta?

Não volta!

Fica lá vazia.

E eu? E eu? E eu?

Eu quem?

Já não sei bem quem sou.

Ando nas madrugadas.

Dormindo na claridade do dia.

Esvaindo-se por entre os dedos,

Toda a minha energia.

Pontinhos coloridos chegam da noite pro dia.

Pinta aqui, cola acolá.

Aprende isso, pesquisa aquilo.

Mergulho profundo...

Dores e medos amenizados.

E no final das contas, um ano sem abraço.

Faces inúmeras dentro de sacos.

A dor atravessando a carne rasgando as vísceras.

Gente pela metade.

Cadê a vacina?

### 3

## Apenas isso

*Edna Maria de Oliveira Ferreira*<sup>1</sup>

A Ilha da Solidão foi tomada inesperadamente por um desfile de espectros de almas esqueléticas a circular por entre os turbilhões de massas etéreas e, quem sabe, massas contaminadas pelas notícias que vinham de Wuhan. Não ousei expor o rosto à janela com receio de contaminação. Antônio, já debilitado por algumas comorbidades pré-existentes, sentiu-se confortável para acrescentar à sua agenda de afazeres, uma lista de filmes e séries da Netflix, alguns vídeos alienantes desses que buscam te convencer de que este ou aquele político é menos (ou mais) corrupto e por aí vai. E, assim, meu marido subestimou o período crítico pelo qual toda a sociedade passava. Algumas pessoas têm essa facilidade de se ausentar mesmo estando presente. Antônio é um desses!

Eu, atônita e dividida entre os afazeres domésticos que assumi forçosamente, com a impossibilidade de trânsito livre das diaristas na residência como forma de evitar contágio, e entre a preparação de aulas *online* também por conta da pandemia, tentava entender o que se passava. Sim, sou professora, esposa e mãe, e exercer essas três funções, sozinha, em tempos de pandemia não foi tarefa fácil!

Mas, até mesmo uma certa sensação de euforia e animação foi possível à sociedade experimentar nos momentos iniciais da quarentena, graças

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Agrícola (UFRRJ), doutoranda em Educação (UNR- Argentina), professora EBBT no Instituto Federal Baiano, campus Senhor do Bonfim-BA. E-mail: edmaof@hotmail.com

Link para o *lattes*: <http://lattes.cnpq.br/1251875896052186>, ORCID <http://orcid.org/0000-0002-2606-557X>.

às *lives* que cantores e artistas se dispuseram a fazer como forma de contribuir para aliviar as tensões. A espera pelas *lives* era carregada de ansiedade, equivalendo quase que à espera pelas datas do show ao vivo, em tempos de adolescência.

Assistiu-se às de Flávio José, Caetano, Ivete Sangalo, entre outros cantores; dançou-se samba, pagode com Diogo Nogueira, Zeca Pagodinho, Seu Jorge; forró pé de serra, com Dorgival Dantas... vinho, família reunida...tudo de bom! Sensação de férias eternas, embora com esperanças de que logo, logo tudo voltasse ao normal... muito bom até aí! As famílias se reuniam e se bastavam a si mesmas, o que já era um traço característico da Ilha da Solidão, apenas se acentuou um pouco mais.

Quando tive que assumir o forno e o fogão, as coisas já complicaram. Bota tempero, tira tempero. Eu gosto, pode deixar, dizia um filho. Ah eu detesto, tira, dizia o outro. Gengibre aumenta a imunidade, alho em grande quantidade faz mal, use e abuse do limão, acrescente abacate ao seu cardápio, muitas frutas e legumes. Evite comidas gordurosas. As amêndoas e outros grãos são interessantes neste período. Enfim, a professora, mãe e esposa fez o que pode, mas reconhece que não conseguiu ir muito longe. Confesso que assim que me foi possível, abandonei o posto de cozinheira como quem deixa uma cela ou um prato recheado com jiló.

As coisas no mundo, lá fora, não se mostravam tão bem desenhadas, aos meus olhos. A situação se mostrava mais preocupante a cada dia. No início, as poucas máscaras que desfilavam nas ruas eram brancas, daquelas adquiridas em farmácias, o que passava a impressão de que todo espaço aberto era um hospital ou um lugar de recuperação de doentes; chegava-se a sentir o cheiro de hospital nas ruas, como era comum ouvir de transeuntes. Eram rostos, cada vez mais, esqueléticos a desfilarem em espaços públicos na Ilha da Solidão.

Depois se seguiu uma fase em que as máscaras foram ficando mais coloridas, mais cheias de bolinhas, bichinhos, listrinhas, o que parecia interessante para suavizar, um pouco, essa ideia de doença, essa sensação de morte tão próxima de todos, trazendo certo alívio para a apreensão e o sentimento de desesperança presentes nos corações humanos. Tudo parecia se encher, agora, de forças e coragem. Aliás, nessa fase foram muitas, as famílias e as costureiras que obtiveram lucros extras, criando seus modelos e vendendo suas máscaras para reverter em renda e alimentos para a família, uma vez que a ausência de políticas públicas e ações governamentais de enfrentamento à crise imperava.

Mas nem mesmo a cadência do samba, o compasso e o ritmo das *lives* ou a gradação de cores e modelos inusitados das máscaras conseguiram ultrajar a falta de ânimo e a desmotivação que tomaram conta dos espectros de almas esqueléticas que vagueavam, medrosamente, pelas ruas daquele espaço geográfico, buscando resolver inadiáveis problemas de ordem pessoal, em tempos de pandemia e com a decretação dos *lockdowns* que se tornaram cada vez mais frequentes.

Ouvi argumentarem a favor da ideia de que a pandemia não passava de uma gripezinha, enquanto outras autoridades e estudiosos do assunto defendiam a necessidade de reforçar o isolamento social, evitando aglomerações e contatos físicos. A imprensa e as mídias, em geral, apontavam e acirravam essas disputas, contradições e informações controversas. E a população toda, assistia à crise sentindo-se impotente para tomar esta ou aquela decisão: fazer uso ou não da Cloroquina e da Ivermectina, por exemplo? Até hoje o debate não se encerrou. Mesmo após a exposição de motivos cientificamente comprovados e contrários à liberação do uso feita pelos estudiosos e especialistas no assunto.

Dona Selma, minha vizinha, defendeu o uso desses medicamentos como forma de prevenção ao organismo para que o coronavírus, caso

chegasse, o fizesse de forma mais branda, sem causar tantos prejuízos à saúde do enfermo acometido por ele. E a disposição de Selma e dos demais que comungavam de suas ideias em tentar persuadir os outros quanto ao uso foi intensa, embora pouco resolutiva: nas poucas vezes que tentaram me convencer, o máximo que conseguiram foi me fazer sentir um quadrúpede: Cheguei a me imaginar relinchando, abanando as moscas com o rabo e pastando por entre as gramas! – revelei indignada e às gargalhadas a Antônio e aos meus filhos, mais tarde quando retornei. E agora o faço para você também, leitor. Foi uma experiência não muito agradável confesso!

Outros habitantes do povoado não defenderam, nem prescreveram e nem indicaram esses medicamentos: essas pessoas se diziam defensoras da ciência. Preto no branco ou nada feito! Houve ainda os que se apoiaram em subterfúgios e fizeram uso às escondidas, pretendendo nunca serem descobertos. Não vou chamá-los de hipócritas! Entretanto, quando o vírus atacava um de seus familiares e que se davam conta de que havia especulações sobre os efeitos danosos que esses medicamentos poderiam causar às funções renais, entre outros prejuízos, em caso de ingestão seguida da contaminação, entravam em desespero e acabavam saindo do anonimato.

Nessa situação constrangedora, recorriam a São Judas Tadeu, a Nossa Senhora do Bom Despacho, à Iemanjá, às figas amarradas com fitas vermelhas; aos dedos cruzados, a São Longuinho e a todos os Santos das causas impossíveis! (Ou só há um que atende a esse critério? Nem sei! Não entendo muito de santo.) Enfim, haja Santo, reza e mandinga! Mudei de ideia: vou nomeá-los hipócritas sim!

De reza em reza, mandinga em mandinga, a verdade é que o mundo todo ficou fechado. Fechado para a alegria com a morte de parentes e amigos próximos; fechado para o amor que cabia, até então, em um abraço apertado; para a boa vizinhança, para as viagens, para a troca de energia

positiva. Todos se mostravam exauridos em suas forças e preocupados com os caminhos que o capitalismo estava tomando: a ausência de políticas públicas de combate ao vírus ou de socorro às vítimas, estaria escondendo interesses escusos?

Aos poucos, as coisas foram se acomodando e os saldos parciais de cada subjetividade de alma (ou de todas a um só tempo!) foram emergindo, ora como monstros a serem vencidos, ora como ternura a ser disseminada. Momentos de frutíferas reflexões e de manchetes, cenas e trilhas sonoras perturbadoras invadindo as subjetividades. Pessoas adeptas a seitas, religiões ou orientações mais radicais acreditaram que a sociedade estaria passando por um momento de melhoramento com essa pandemia. Antes, fechados apenas em suas individualidades, seus preconceitos, racismos e intolerâncias; agora, forçados a se privarem da liberdade de ir e vir poderiam se converter. Parecia mesmo um castigo à humanidade – ponderavam alguns dos mais religiosos. Os anjos, santos, deuses, orixás e Deus estariam promovendo uma oportunidade de refinamento de almas! No pós-pandemia, mágica ou sagradamente, todos seriam pessoas melhores: mais humanas, mais solidárias, mais coerentes, enfim, sempre mais?! – argumentavam esses religiosos. Será? - interrogava-me com descrença.

**Fechando o saldo parcial:** a esposa, mãe e professora, agora totalmente *online*, continuou em casa, fechada, dividindo-se entre as manchetes, afazeres domésticos e demandas pessoais e profissionais. **Ponto auge da crise:** o capitalismo acenou para que abrissem as portas das casas comerciais, sob pena de uma crise financeiro-econômica ainda maior; e os políticos (pretensos defensores do bem comum!) iniciam uma quebra de braço. Nem sempre preocupados com a saúde ou com o bem coletivo! Mas, sim em medir forças políticas e criarem arestas, com as quais sustentariam suas plataformas de governo nas eleições

proximamente vindouras. E assim o fizeram. Direita e esquerda se digladiaram. Se um lado defendeu a vacina, o outro a refutou; se um lado se colocou adepto a ideia de abrir o comércio, o outro defendeu o isolamento total como única saída. E as divergências e surpresas não pararam por aí. Os resultados das eleições de modo geral é que foram, também, bizarros! E tudo transcorria aceleradamente! E a vida passava assim meio que cenas do próximo capítulo, manchetes a exigirem a atenção de todos. Atraíu até mesmo a atenção de Antônio!

**Chegada a tão esperada vacina:** criaram-se novas expectativas de retomada do que já havia sido chamado de normalidade, um dia. Tristemente, o processo de vacinação veio a conta-gotas e tão fracionado, por falta de vacina em quantidade suficiente, que a previsão de imunização passou rapidamente de alguns meses a anos: algumas das previsões chegaram a demarcar quatro anos e meio para alcançar a imunização de toda a sociedade. Como decisões governamentais podem resultar em saldos parciais ou globais indesejáveis! - eram as reflexões mais usuais por entre (as gentes) de almas esqueléticas, naquele contexto.

**Acirram-se as contaminações de familiares e pessoas conhecidas e próximas:** tristeza, sensação de impotência, medo e descrença em um futuro para a humanidade. Nesse clima de aflição e sem esperanças em dias melhores, um ano já havia se passado e a família aguardava, ansiosamente, o cronograma de vacinação. Soluços entre dentes, lágrimas engolidas a seco e adeuses a pessoas queridas, sem direito a despedidas. Esse saldo parcial eu juro que não queria! Eu o abomino.

**Nem todos na sociedade souberam aguardar sua vez:** algumas pessoas, aquelas que se julgam sempre mais espertas e mais abençoadas que os outros humanos, inclusive, alguns frequentadores de igrejas, templos e terreiros (infelizmente, foi possível essa constatação!) julgaram-se com mais direitos e até tomaram, logo, suas vacinas, burlando o sistema,

priorizando a si mesmos e demonstrando que nem mesmo uma pandemia pode ser eficaz para mudar consciências.

**Saldo final pós-pandemia:** A família reunida assiste, indignada, a essas contingências e se dá conta de que o mais abominável nessa situação toda é que, mesmo diante de atitudes e comportamentos individualistas e carregados de corrupção, paira sempre a certeza de impunidade, o que fortalece ações dessa envergadura ao longo do tempo! Logo, à sociedade resta apenas isso: continuar acreditando na educação de seu povo! Acreditando numa educação libertadora como propõe Paulo Freire. Há muito que se fazer! **Sugestão:** Inicie por um ensinamento cristão tão *sui generis*: **Amar o próximo como a ti mesmo!** Ou ainda, por um ensinamento foucaultiano de cunho mais filosófico “**o cuidado de si**”.

## O que a pandemia acendeu em mim

Socorro Freitas <sup>1</sup>

Sou pedagoga e terapeuta quântica / vibracional. Sou baiana e moro às margens de um dos rios mais lindos do país, o Rio São Francisco. É aqui, neste lugar, que tenho contemplado tempos difíceis, nunca pensados em serem vividos. Já pensei, por diversos momentos, sobre a possível existência de uma terceira guerra mundial, mas nunca me preocupei com isso, não. Sempre escolhi e escolho pensar e focar no melhor, porém, todos nós fomos surpreendidos por esta “guerra mundial” com um *inimigo invisível* e mortal. **Vimo-nos** de frente a um imenso desafio de **vivenciarmos** experiências nunca imaginadas. Passamos a viver tempos de medo, de recolhimento, de desinformação, de incompreensão, de desaceleração, de contenção, de mudança de hábitos... Tempos de reflexão sobre a própria existência e de expansão para uns, tempos de desequilíbrios para outros, fim dos tempos terrenos para muitos.

Assim venho analisando, vivenciando e superando esta “guerra”. No início, não havia muita compreensão sobre a proporção do caos que a humanidade passaria a enfrentar, nem das consequências de se viver numa pandemia. A falta de informação e incertezas, muitas vezes nos fragilizam e me fizeram sentir medo. Medo por mim mesma, diante da possibilidade de perder o controle dos rumos da minha própria vida, por meus familiares com a possibilidade de vê-los sofrer ou perder as vidas,

---

<sup>1</sup> Pedagoga e terapeuta quântica. E-mail:socorrofreitashelp@gmail.com

medo de não saber lidar com as situações, que nem poderiam ser sequer pensadas.

Nunca gostei de potencializar a frequência do “medo”, por ter a consciência de que possui as mais baixas *vibrações energéticas* e, conseqüentemente, aniquilam o *poder interno*. Tenho agido, cotidianamente, para superar medos “bobos”, mas daí, emerge na pandemia, num momento de desarmonia interior, um medo bem maior! Bem mais assustador! Vi-me fragilizada e impotente, mas por um curto período. A nossa capacidade humana de resiliência e adaptação é magnífica e, assim, viemos nos superando e nos reinventando a cada instante e de diferentes maneiras. Compreendi que a “escolha” de sentir medo, não era a adequada para superação de qualquer problema ou situação difícil, pois, isso “latejou” dentro de mim e resolvi agir, conforme a minha natureza de positividade e superação!

Escolhi viver o momento presente sem deixar que “os julgamentos” da mente prevalecessem, criando situações que não me levariam aos melhores caminhos. Deixei de lado a auto piedade e iniciei um processo de reflexão para compreender melhor o que estávamos vivendo e, assim, passei a sentir as minhas experiências com mais leveza, com mais verdade.

Decidi transformar o *isolamento social* numa excelente oportunidade para aprofundar os estudos na minha nova área de atuação: *desenvolvimento humano e o autoconhecimento*. Foi o que fiz com muita dedicação, auto compromisso e disciplina. Estudei bastante e ainda estudo. Foquei em um ponto que conecta a pandemia ao atual evento que toda a humanidade está vivenciando e que vem se espalhando no consciente coletivo: A transição planetária. Estamos numa etapa muito importante desta transição e isso é fato. Tudo no planeta está em processo de transformação e os seres humanos, que escolheram abrir-se para este processo, também estão. Eu faço parte deste grupo que, conscientemente, escolhe se transformar. Um

processo que tenho acolhido já há algum bom tempo em minha vida e o imenso desafio de conviver com a pandemia, acendeu fortemente isso em mim.

O que vinha fazendo presencialmente, repentinamente, teve que ser substituído por ações à distância e online. Este universo remoto fluiu de forma surpreendente, para mim, fruto da necessidade de dar continuidade à vida! Hora de superar obstáculos e seguir em frente alimentando aquilo que realmente vale a pena. Pude retomar e concluir o curso de terapeuta, meu real propósito de vida. Fiz outros cursos maravilhosos e me dediquei a muitos projetos, que hoje estão em prática. Permiti-me enxergar o lado bom que o *recolhimento* estava proporcionando. Escolhi viver o dia a dia com naturalidade, dando significado a cada fato, a cada situação, que antes, em “tempos normais”, não dispunha de tempo para conseguir fazer.

Encontrei, nesta situação, que para muitos estava sendo sufocante, uma “porta” para valorizar mais e agradecer por tudo o que *sou* e que tenho em torno de mim, desde os aspectos físicos, como morar numa casa espaçosa, rodeada de plantas, frutas, flores, pássaros e outros encantos da natureza, como nos aspectos humanos, rodeada (literalmente) por uma família grande e maravilhosa que se ama, se cuida e se protege em pura expressão de união, respeito e muito amor.

Fiz a escolha por superar a pandemia. Passei a cuidar melhor destes espaços que acolhem a mim e a minha família todos os dias. Comecei um processo de reorganização, de cuidado, de limpeza e organização dos nossos ambientes internos e externos, tornando-os mais aconchegantes, pois é nestes espaços tão nossos, que ainda continuamos, na maior parte do nosso tempo, compartilhando a vida com os nossos entes tão amados, onde nos sentimos seguros.

Reencontrei artes internas e me vi cuidando mais dos outros. Passei a ser a “cabelereira oficial” dos homens da família (que tinham coragem

de encarar a arte), me descobri mais higiênica com os cuidados essenciais com mãos, roupas, alimentos (atitudes que já viraram hábitos que continuarei a praticar); acolhi a minha família nas práticas necessárias das terapias energéticas que estavam em processo de aprendizagem, ou seja, desenvolvi novas formas de aprender, de reagir, de organizar, a partir do nosso próprio isolamento e incertezas.

Além de expandir o trabalho interno, adotando novas formas de olhar o externo, pude, também, estender à demais pessoas, um pouco de mim, me solidarizando com suas dores. Mesmo sem poder aglomerar, junto com familiares e muitos amigos, realizamos várias campanhas de arrecadação de alimentos e materiais para higienização e saímos, muitas vezes, nos bairros próximos, distribuindo-os com as pessoas necessitadas, que sempre receberam com sorrisos nos rostos. Cada grupo em seus espaços, nos comunicando de longe, pelo WhatsApp, nos falando por telefone, mantendo todos os cuidados necessários para não disseminarmos o vírus, mas sim amenizar um pouco da escassez que a “guerra” trouxe como outra consequência doída para as pessoas: a fome. Fiz da nossa casa, o ponto estratégico para as doações. Já não se falava mais de medo e sim de gratidão, de solidariedade, satisfação. É um momento que compreendemos que *todos somos* um, vindos da mesma Fonte Divina, que simplesmente fomos divididos em Consciências individuais e que, portanto, tudo está conectado.

Já mais acostumados às novas formas de agir e de reagir à pandemia, fomos nos tornando mais e mais cuidadosos, não só pelo nosso bem-estar, mas também pelo bem-estar do outro. Esta sensação de *unicidade*, foi se fortalecendo, tomando forma dentro de mim. Me dediquei a fazer orações e meditações coletivas por toda a humanidade e senti necessidade de me doar mais, fazendo o que podia para ajudar quem tivesse com algum tipo de dificuldade.

O uso da máscara tornou-se essencial e até passei a ter sonhos usando esta, tão fundamental peça e vivendo situações de pânico (nos sonhos) por ter pessoas ao redor sem usar. Pronto! A máscara já faz parte de nossas vidas e já me peguei, por vários momentos, usando sem necessidade. Mas o desejo real é que logo deixemos este hábito para trás e que venham outros melhores.

Quando o nosso interior se encontra em harmonia, as coisas ao nosso redor também vão se equilibrando, de algum modo, nesta mesma frequência e tudo passa a ressoar na mesma vibração harmônica.

Veio a concretização do “saber lidar” e a necessidade de gerar renda e começaram a surgir oportunidades de compartilhar esta possibilidade de superação com outras pessoas: Iniciei uma etapa de realização de atendimentos terapêuticos online, a fazer formações pedagógico-terapêuticas, também neste formato, e alguns atendimentos presenciais com terapias energéticas. É o *novo formato* se encaixando no *novo modo de encarar a vida*.

Infelizmente, também descobrimos que nem só coisas boas existem dentro de nós e que o que emerge é aquilo que alimentamos e focamos. Nestes momentos de enfrentamento e pressão de todas as formas, deixamos sair, também, o nosso lado intolerante, sem fé, impaciente, ingrato, violento, o nosso lado sombra. E quando nesta frequência estamos, não nos importamos com muitas coisas, nem com a nossa própria vida, nem com a vida do outro.

Vimo-nos, também, diante de cenários muito tristes com o aumento alarmante dos casos de violência nos lares, contra as mulheres e ainda a ausência desta *sensação de unidade* em muitas pessoas, que por não quererem ou não saberem lidar com as restrições causadas pela pandemia, não se permitiram “abrir mão” do lazer, das aglomerações, muitas vezes desnecessárias e da necessidade de manter os cuidados essenciais para

evitar a proliferação do vírus. Atitudes impensadas que contribuíram muito com o avanço de tantos óbitos, tornando mais denso e sofrido para todos, o momento pandêmico.

Nunca vivi diante de tamanhas incertezas, mesmo tentando manter a atmosfera familiar na alegria e superação, estive diante de muitos desafios dentro da própria família: Alguns tiveram que continuar a frequentar diferentes ambientes de trabalho, mantendo contatos diários com outras pessoas, ou seja, se expondo e expondo também os demais membros; saber lidar com a euforia dos jovens, que anseiam por contatos e descontração e dos idosos que anseiam pelas mesmas coisas. Isto é, usar o máximo de sabedoria para manter o equilíbrio das convivências – o que não é nada fácil!

Mas, parafraseando Lulu Santos, “...tudo passa! Tudo sempre passará...” o fato é que estas experiências trouxeram, para mim, a validação de inúmeras reflexões que tenho amadurecido ao longo da minha vida. Uma delas é que “nada nesta vida ocorre ao acaso” e sinto em minha alma, que a pandemia tem sido um imenso “laboratório” para todos nós, especialmente para mim e para tantas outras pessoas que tem o privilégio de poder perceber isso, pois só conscientemente podemos ser e viver, de fato o momento presente, com toda a sua real essência. Os experimentos vividos, trouxeram oportunidades de “entrar” e “vasculhar” o meu interior, o meu “eu” verdadeiro, de olhar com maior profundidade para as minhas ações/reações cotidianas, para os pensamentos e sentimentos que tenho alimentado, para o que tenho focado em todos os aspectos que compõem a minha vida e como as minhas ações têm fluído na vida dos que estão ao meu redor.

Vivenciar “o lado bom da pandemia” não é fechar os olhos para o imenso caos e sofrimento de tantas pessoas e famílias por todo o mundo. É uma questão de escolher se alinhar com a energia da Consciência

Universal, que é puro amor e que lateja dentro de cada ser humano que vibra conforme o que alimenta dentro de si e juntos, coletivamente, criarmos forças para encontrar caminhos para a superação. Nada conseguiremos sozinhos, isolados no egoísmo, mas na potencialização da individualidade como **ser** e na conexão com o todo. Muitos permitiram-se ao alinhamento com o medo, o caos, a desesperança, o egoísmo, a falta de fé e quando vibramos nestes níveis, nos enfraquecemos energeticamente e deixamos “as portas abertas” para doenças de todas as espécies.

Não sabemos lidar com as perdas, com as dificuldades, com os desafios, nem sabemos que atitudes tomar, porque também já não nos importamos com a gente tanto assim, nem com muitas coisas, estamos desconectados de nossa real essência, em desequilíbrio, escolhendo viver sem propósitos de expansão. Tudo o que você escolhe ser, impacta no mundo e tudo o que existe no mundo impacta em você, conforme a sua identificação. *Não existe evolução sem sair da zona de conforto*, esta é uma outra reflexão que válido, também, ao vivenciar tão diferentes momentos.

Muitas pessoas já chegaram à conclusão que nunca mais voltaremos a ter a vida que tínhamos antes e vou concordando plenamente com isso, porque aquilo que foi ficando para trás, se você não conseguiu tirar algum tipo de aprendizado, passou a oportunidade, pois o tempo não volta.... Se as experiências vivenciadas deixaram muita dor, escolha por superá-las e aprender com elas, pois o tempo não volta.... Não dá para “consertar!”

Agora, neste instante, reflita comigo: O fluxo da vida é tão maravilhoso, porque tudo no universo se transforma a cada instante! Não existem momentos iguais. Todos são plenamente únicos! Nos resta aproveitar a oportunidade de estarmos vivos e saudáveis neste tão importante momento planetário e nos conectar ao “aqui e agora”, sendo a melhor versão de nós mesmos, compartilhando com o mundo, as nossas descobertas.

## **Processo pandêmico e o desvelamento de um povo dito cordial**

*Edeil Reis do Espírito Santo*<sup>1</sup>

Num país mitologicamente definido como acolhedor, afável e habitado por um povo dito receptivo e de nobres sentimentos, um fenômeno se impôs e desnudou a hipocrisia, expôs as máscaras de uma gente que se autointitula “patriota”, “voltada para Deus”, “caridosa”, “conservadora”... o processo pandêmico revelou a cara, a face mais oculta desse povo, a estupefação tomou conta de grande parte dessa população, ao poder constatar o tipo de gente que vive ao seu lado e defende pautas nada humanistas, tampouco dignas de serem defendidas por gente que se define intransigentemente como cristãs!

A exposição da deterioração moral e da falta de empatia desse povo não poderia se dar num cenário pior – um momento de crise mundial, quando um vírus assola o mundo como um todo e dizima um elevadíssimo número de vidas de forma avassaladora, os sistemas de saúde, mundo afora, deixam as pessoas em pânico ante a possibilidade de entrar em colapso, há um duro desvelamento da faceta de alguns sujeitos que, em nome do seu bem-estar e de um conveniente direito de ir e vir, se acha com prerrogativas para contestar cientistas e profissionais da saúde e circular livremente, burlar o uso da máscara como meio de proteção sanitária,

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana. e-mail: edresanto@gmail.com

Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5884957979749036>

usando, por vezes, até mesmo, da anuência de médicos negacionistas e mesmo da justiça.

Aliás, nessa nação, negacionismo virou vocábulo e prática recorrentes, haja vista a opinião pessoal, a hipervalorização das Redes Sociais e de notícias nem sempre confiáveis, o empoderamento de influenciadores digitais e a meteórica ascensão de grupos políticos ultra conservadores ter revestido essa sociedade de uma aura de arrogância tamanha que o povo passou a militar em prol de causas absurdas e desumanas; essa nação foi tomada por um nível de discurso polarizado e de debates e defesas pautados no ódio e numa abordagem passional até mesmo da extinção de direitos básicos e fundamentais das populações, especialmente as mais carentes.

Viram-se grupos de empresários, políticos, veículos de comunicação, jornalistas e segmentos da sociedade se unirem em prol de contestar a ciência, de criar um clima de hostilidade com a universidade, com o conhecimento, com as artes e com a cultura. Formou-se um núcleo duro no qual o objetivo basilar é combater o “politicamente correto”. Traduzindo, entenda-se por politicamente correto o combate aos velhos vícios e desmandos do patriarcado, a defesa dos direitos das minorias silenciadas durante séculos pelo poderio econômico de uma sociedade que sempre sentiu orgulho de ser machista, heteronormativa, pautada em costumes eurocêntricos e habituada em desmerecer e fazer piadas “inocentes” pondo na berlinda mulheres, negros, idosos, indígenas, homossexuais e pessoas de origem estranhas aos centros urbanos do país: sul e sudeste.

A saudade de oprimir e submeter aqueles a quem consideram como inferiores, parece ter aflorado, ainda mais, durante a Pandemia mundial da Covid - 19, na alma dessa gente conservadora, muitas vezes defendida por suas principais vítimas. Não é à toa que esse povo se une em torno de um apoio e de uma fidelidade canina a um chefe de Estado que representa

setores ultra reacionários da sociedade e da política e, seguindo esse combate ao “politicamente correto” e o explícito ódio aos direitos humanos e à inclusão das minorias, esse “Bezerro de Ouro” é adorado por essa gente mesmo quando defende ideias anticientíficas, tais como; o não uso de máscaras para evitar a disseminação do vírus, faz aglomerações e toma atitudes de um adolescente cheio de birra para minar os protocolos do ministério da saúde da sua própria administração, boicota a ação de prefeitos e governadores durante todo o processo pandêmico, se volta contra a vacina e faz declarações levianas quanto à sua eficácia, faz afirmações comprometedoras e as negas reiteradas vezes...

É, a falta de educação formal de qualidade que faz com que um povo abra mão de direitos fundamentais em nome de um patriotismo alienante e de uma política que milita sempre no sentido de manter a economia estável, ainda que isso custe a ausência de uma agenda social que garanta às classes populares, acessos a bens serviços e direitos fundamentais a uma existência digna. Nessa nação, onde educação formal de qualidade é um luxo, é possível ver, durante a crise pandêmica, políticos que recebem vultosos salários, acharem absurdo estabelecer um auxílio emergencial de seiscentos reais para a população mais vulnerável e para pequenos comerciantes e profissionais autônomos. No entanto, é muito comum presenciar, dentre esses mesmos políticos, votações em favor do perdão de dívidas trabalhistas de grupos empresariais mega poderosos e a defesa de vultosas quantias para salvar bancos e grandes empresas, quando passam por momentos de crise financeira.

É triste afirmar e bem complicado admitir, mas a pandemia da Covid-19, serviu para evidenciar, ainda mais, o processo de alienação da classe trabalhadora e a grotesca falta de empatia dos detentores dos meios de produção. Contemplar meios de comunicação que, de modo conveniente e nada ético, defendem políticas que destroem os parques direitos das classes

populares e, de modo vil, ludibria uma parcela da população que não teve acesso a um qualitativo processo de escolarização, convencendo-a de que certas medidas são benéficas para o país é, no mínimo, um estelionato. É, por demais, comum, verificar comentaristas com explícito alinhamento político e nenhuma qualificação do ponto de vista da formação jornalística, compondo bancadas de programas jornalísticos e, por determinação do veículo de comunicação, defendendo políticas, sujeitos, pautas e medidas nada condizentes com as reais necessidades do povo e das suas expectativas. Mais comum ainda, é vê a defesa de pseudoverdades, os posicionamentos ideológicos de alguns sujeitos que se colocam em espaços ditos jornalísticos de modo que muitos veículos de comunicação usam seu espaço de concessão pública para mentir à população. Afinal, muitas inverdades são ditas sobre as medidas de prevenção e de combate à Covid-19 e em relação a tantos outros assuntos, no entanto, tais veículos de comunicação sequer são advertidos pelas agências reguladoras.

Trata-se de um país onde a opinião de comentaristas e influenciadores digitais, sem nenhuma formação para a pauta que se dispõem a discutir, se sobrepõe aos fatos. Temos uma geração de pessoas esquizofrênicas compondo a sociedade e a mídia jornalística, televisiva e os espaços digitais da web, haja vista, tais pessoas parecerem viver uma realidade paralela no que diz respeito a muitos fatos e pautas caras à sociedade, porquanto tem sido recorrente a discordância de jornalistas e comentaristas de programas de entretenimento, de blogueiros e influenciadores digitais alinhados ao pensamento ultraconservador com cientistas e especialistas na área de saúde. Posicionamentos em defesa de um tratamento precoce para a Covid-19, sobre a ineficácia da máscara e do distanciamento social e de a oposição ao *lockdown*, como medida de contenção da disseminação do vírus, entre tantas outras, são claros exemplos de como

espaços e pessoas ligadas à comunicação deseducam a população em nome de um mero alinhamento político.

Em meio a esse contexto de polarização em que um grupo político de extrema direita parece militar para aniquilar a um grupo político denominado de modo pejorativo de “comunista”, como se o adjetivo pudesse assumir tal conotação, esse outro grupo, por sua vez, reclama por um Estado de bem-estar social em que os direitos mínimos da classe trabalhadora sejam assegurados e acusa o primeiro grupo de querer impor um estado fascista à população. Tal polarização tem adoecido a nação e gerado um estado emocional de ódio, de violência verbal e física e, especialmente, a sociedade envolta na pandemia, tem sofrido no enfrentamento dos seus paradoxos e contradições e de muitas doenças da alma como ansiedade e depressão.

Com o necessário isolamento social para conter o avanço da Covid-19, o sentimento de solidão se amplia significativamente, apesar da possibilidade de estar mais com a família, nem sempre é possível estar próximo dos entes queridos; o trabalho “home office” invade a vida das pessoas e acaba adentrando à sua privacidade e, por vezes, aumentando tempo de dedicação às atividades profissionais; o “homeschooling” vem para desvelar a pouca ou nenhuma habilidade da família para educar formalmente seus filhos e, paradoxalmente, a importância da escola e dos professores, tão marginalizados e desvalorizados nos últimos anos. A ansiedade e a depressão são uma marca registrada desse tempo no qual precisamos ficar isolados em casa, ainda que muitos precisem se aglomerar num transporte público, pois sua atividade é essencial e o trabalho autônomo e assalariado não permite que alguns trabalhadores possam ficar em quarentena, haja vista não haver liberação de auxílio emergencial do governo para todos.

Em vista do exposto, o contexto dessa guerra em que uns defendem, de forma politicamente correta, o isolamento social, enquanto outros

defendem o seu direito de buscar a subsistência, pois a barriga e as contas não esperam, o que se desvela é o quanto a contradição faz parte das vivências e da existência humana como um todo, afinal, as pessoas viviam a se queixar por não terem tempo para ficar em casa e, quando têm, se desesperam e não sabem o que fazer; os funcionários públicos defendem o isolamento e são rebatidos por aqueles que não têm uma colocação profissional da mesma natureza; os pais que acham a escola sem importância, podem perceber o quanto o trabalho dos professores é árduo e não pode ser feito por qualquer pessoa; enquanto a pobreza de muitos aumenta, exponencialmente, em função da pandemia, alguns empresários enriquecem de modo significativo pelo mesmo motivo; enquanto uns demonizam a política, pondo-a como razão dos males da nação, outros tentam colocá-la na posição de único espaço possível para discutir e encaminhar questões caras às condições da classe trabalhadora e, desse modo, pautar a construção de um Estado de bem-estar social.

Como diz Leonardo Boff (1998), “todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Enxergar esse momento de pandemia, como qualquer outro, implica usar lentes que têm a ver com que lugar eu ocupo na sociedade, que lugar ocupo na cadeia produtiva, a que classe pertencço, tenho identidade e empatia para com a classe à qual pertencço, que compromissos tenho que assumir com o Estado, que compromissos o Estado tem para comigo, qual o meu lugar de fala. A falta de empatia flagrante a essa nação é a marca de um povo que não sabe quem é, não tem consciência de classe e, por ter negado de modo estratégico o acesso à educação formal de qualidade, endossa o discurso de seus algozes e constrói uma ojeriza aos seus iguais, pois passa pela vida sem condição de fazer uma avaliação crítica do seu existir, pois foi alijado da ferramenta mestra – a escolarização formal e de qualidade.

## **Referência**

BOFF, Leonardo. A água e a galinha: uma metáfora da condição humana. Editora Vozes, 1998.

## **Rabiscos de uma coordenadora pedagógica na pandemia**

*Edineide Vitor Costa*<sup>1</sup>

Este relato de experiência apresentará o processo de adaptação, organização, elaboração, planejamento, avaliação, postagem e/ou distribuição de roteiros de atividades impressos, aos estudantes de um colégio do campo. Trará como centralidade, o trabalho do coordenador pedagógico na articulação das atividades remotas em parceria com a gestão e os professores da Rede Estadual da Bahia, motivados por manter o vínculo com os estudantes e buscando promover aprendizagens durante a suspensão das aulas no período da Pandemia da COVID-19.

Descreveremos como aconteceu o ensino remoto durante a Pandemia da COVID-19 no colégio, trabalho que iniciou em março de 2020 e finalizado em outubro do mesmo ano, sendo retomado, agora, em março de 2021. Com a suspensão das aulas e a necessidade do isolamento social, o que nos restou, enquanto possibilidade metodológica, foi o ensino remoto, que necessitou da articulação da coordenação pedagógica para o trabalho interdisciplinar, que em 2020, teve como centralidade, manter o vínculo com os estudantes e seus familiares.

---

<sup>1</sup> Pedagoga, licenciada em letras, especialista em Neuropsicologia, Educação Infantil, Gestão Escolar, Educação do Campo, Pedagogia Histórico-Crítica, coordenadora pedagógica na Rede Estadual da Bahia, professora da Rede Municipal de Senhor do Bonfim e formadora no Plano de Formação Continuada Territorial. IAT/SEC. E-mail: [edneidevitor@hotmail.com](mailto:edneidevitor@hotmail.com) Lates: Link para o lates: [https://www.cnpq.br/cv/lattesweb/PKG\\_MENU\\_menu?f\\_cod=90FF093DED63C16295409F3E2CA7E49F#](https://www.cnpq.br/cv/lattesweb/PKG_MENU_menu?f_cod=90FF093DED63C16295409F3E2CA7E49F#)

## **1. O começo...**

A mídia divulgou que as Escolas Estaduais da Bahia teriam as aulas suspensas a partir do dia 17 de março de 2020 e, inicialmente, por um período de 30 dias. A medida adotada pelo Governo Estadual da Bahia visou reduzir a chance de contágio da Covid-19. Em minha cabeça eram apenas 30 dias de suspensão de aulas, mas até o momento, estou em casa, trabalhando, “três vezes mais”, remotamente.

Eu imaginei que 2020 seria igual aos demais anos, no colégio e na educação pública, de uma forma geral, iríamos conviver com problemas estruturais, já que as escolas precisam de mais investimentos, é fato; eu teria que enfrentar os desafios que são comuns ao exercício da minha função, pois ser coordenadora pedagógica exige constante preparo e formação, esforço, comprometimento, por muitas vezes renunciar a si mesmo, entre outros tantos obstáculos. Diante de tudo isso, a primeira atitude que tomei foi buscar compreender o que estava acontecendo. Esse vírus era realmente tão nocivo? Foi precipitado o fechamento das escolas na Bahia? Busquei entender cada acontecimento, sem o negacionismo.

Em seguida, busquei os aspectos legais específicos, me comprometendo em fazer a leitura das portarias emitidas pela Secretaria de Educação do Estado, que direcionaram a atuação dos diretores escolares, coordenadores pedagógicos e professores na modalidade “Remoto”, a fim de compreendê-las e buscar alternativas de manter o contato com os alunos e alunas e suas respectivas famílias. Confesso que muito do que foi apresentado como proposta, não foi possível ser aplicado, pois o contexto escolar do qual faço parte, é um colégio do campo que atende alunos e alunas que, em sua maioria, residem em fazendas onde a internet disponível é apenas a dos dados móveis, deixando aparente as dificuldades enfrentadas pelo nosso alunado.

Comecei, então, a analisar as tecnologias que já possuía, as que seriam necessárias e como obtê-las, diga-se de passagem, o meu aparelho celular não aguentou e tive que comprar um, com uma memória maior e uma bateria com maior durabilidade de carga para o novo formato de trabalho remoto.

A internet da minha casa já era satisfatória e não precisei fazer um investimento maior. Continuando a busca pela garantia de melhores condições no trabalho, em casa, ocupei o meu quarto de vestir, para ficar mais “confortável”, silencioso, que não me permitisse distrações e, assim, contribuísse para a elaboração dos *podcast* (termo novo que aprendi) e o espaço para começar a jornada de reuniões online, fui apresentada à várias plataformas como: *Google Meet*, *Zoom*, *Teams* e, até o *Skype* ressurgiu em minha vida. Foi importante pensar nesses detalhes, inclusive encomendei, a um marceneiro, uma escrivaninha e foi nesse espaço que se deu todo o planejamento das atividades diuturnamente (tenho trabalhado uma média de 12 horas por dia), onde o constante uso das tecnologias, se deu nesse local por um longo tempo e, hoje, aos poucos, estou voltando a habitar nos outros espaços da minha casa.

Depois do período de adaptação do espaço físico e apropriação das normativas (que não eram muitas e nem esclarecedoras), surgiram, então, as múltiplas inquietações. Mesmo dialogando, todos os dias, com colegas da mesma função nos vários grupos de WhatsApp que foram criados e somados aos já existentes e em algumas reuniões pedagógicas, a sensação é que ainda não tínhamos compreendido a atual conjuntura e nem sabíamos por onde começar a compreender e intervir. Como chegar ao principal motivador da nossa função que é o nosso alunado? De uma coisa tínhamos a certeza: precisaríamos retomar a aproximação entre coordenação pedagógica, professores, alunos e seus respectivos responsáveis.

Mas como? Ainda estamos em busca da resposta para esse questionamento.

Decididos a não permitir que o distanciamento educacional aumentasse, e o desânimo tomasse conta dos nossos alunos, resolvemos “seguir em frente” mesmo sem saber, ao certo, onde desejaríamos chegar. Buscamos, então, alternativas para superar a principal dificuldade que, por hora, se apresentou e se apresenta, a falta de acesso à internet pelos nossos alunos, que, em sua maioria, residem no campo. Foi doloroso perceber que a internet estava bem ali, em nossa frente, e não poderíamos usá-la como ferramenta de comunicação entre o colégio e os nossos alunos.

Foi quando sentamos e percebemos que a única forma de acolher esse aluno, era por meio escrito (impresso). Começamos, então, o planejamento e elaboração dos roteiros de estudos, que para além dos conteúdos, levavam sempre uma mensagem de acolhimento, motivação, orientação, utilidades públicas e os roteiros passaram a ser disponibilizados aos alunos pelos grupos de WhatsApp e impressos, para os que não tinham acesso à internet, fato que representa a maioria. Com essa metodologia, conseguimos chegar a 90% dos nossos alunos. E os outros 10%? Como chegar?!

A cada roteiro entregue e recebido de volta, fosse via *WhatsApp* ou presencialmente na escola, seguindo todos os protocolos de segurança, refletíamos e avaliávamos a metodologia utilizada e o alcance da mesma, levando, sempre, em consideração, os diferentes perfis dos alunos e como a aprendizagem estava chegando, ou se não estava chegando aos nossos alunos. Observamos e acompanhamos várias práticas que estavam sendo desenvolvidas Bahia afora, algumas exitosas, outras nem tanto e, assim íamos reestruturando o nosso desafiador trabalho com atividades remotas.

Revisitamos conhecimentos adquiridos nos projetos que foram desenvolvidos na escola em anos anteriores, casamos com as práticas que

estavam sendo desenvolvidas por outros colegas, tendo em vista, sempre a realidade dos nossos alunos, inclusive e principalmente, o público da Educação de Jovens e Adultos – EJA e suas múltiplas especificidades e as nossas turmas que funcionam em um anexo, que fica a 52km de distância da escola sede e que, remotamente, essa distância triplicou. Como chegar a esses alunos sem a disponibilidade de acesso à internet pela maioria deles? Este é mais um desafio a enfrentar.

Nunca antes, aprendemos tanto pela observação, pela escuta sensível, pelas vivências partilhadas, fomos desafiados a reconhecer a importância do trabalho coletivo e colaborativo. O fato é que, o contexto da pandemia nos provocou a pensar a educação em um outro formato de organização, valorizando as diferentes intencionalidades, observando a reação dos nossos alunos ao receberem os roteiros de atividades, e todas essas “novas” atitudes demandaram tempo para adaptação e ocuparam muitas horas do nosso precioso descanso. Educador já dorme pouco por natureza e durante a pandemia temos dormido menos ainda, pois o pensamento não consegue parar diante de tantas incertezas.

Mesmo, contudo isso, posso dizer que está valendo a pena! Nunca antes fomos tão provocados a refletir sobre a nossa prática. O tempo está passando e muitos alunos ainda continuam quietos, silenciados, pelos mais variados motivos, continuam na condição de expectadores em um processo educativo onde os mesmos deveriam ser convidados a ocuparem o lugar de protagonistas, que lhes é de direito. Um bom trabalho em equipe, imaginamos que estamos fazendo e o que falta, então, para chegarmos até aos nossos alunos, com a tecnologia? Falhamos em não desenvolver, em nossos alunos, a autonomia para o estudo? A escola cumpriu com a sua função social, até aqui? Qual a concepção de educação que adotamos ao optarmos pelo trabalho com atividades remotas? O que, de fato, é essencial?

Continuamos em busca de respostas e trabalhando remotamente com três perfis de alunos: os que têm acesso à internet durante todo o dia, os que têm acesso à internet por algumas horas, na casa de outras pessoas e os que não têm acesso nenhum à internet.

## **2. Alguns desafios...**

A experiência do trabalho remoto tem estimulado a colaboração e a cooperação para a realização dos planejamentos e interação entre os professores, já que o trabalho é realizado de maneira interdisciplinar. Será que a pandemia vai nos ensinar como trabalhar de forma colaborativa, interdisciplinar, respeitando as individualidades e particularidades dos nossos alunos e suas famílias?

Os resultados alcançados com o ensino remoto nas redes públicas, não têm sido positivos, pois evidenciamos que os estudantes, em sua grande maioria, não têm acesso às aulas por não terem computadores, *tablets* ou celulares com acesso à internet. Restando aos estudantes que não possuem acesso à internet, a opção de retirar as atividades impressas na escola, observando, sempre, todas as medidas de segurança ao combate e prevenção da covid-19.

A experiência do trabalho remoto tem angustiado e adoecido a coordenação pedagógica, uma vez que os coordenadores, junto com os seus professores, por meio da utilização de aplicativos de conversa e reuniões on-line, e-mails, redes sociais, estão percebendo, claramente, que não estão conseguindo atender aos seus estudantes. A entrega das atividades impressas chegou a atender 90% dos nossos alunos, mas a aprendizagem não aconteceu e isso é fato.

O feedback aos estudantes e famílias tem acontecido de forma, ainda, inoperante. Talvez a escola ainda não tenha conseguido se aproximar da

família como deveria e seria necessário, nesse momento. Sigamos, buscando alternativas para vencer os desafios que, por hora, se apresentam.

### **3. O saldo positivo**

A organização das atividades remotas em conjunto com os coordenadores do Núcleo Territorial de Educação – NTE 25, com os diretores escolares e professores das escolas, promoveu uma estrutura com objetivo de alcançar os estudantes e realizar uma aprendizagem, mesmo que mínima [por falta de acessibilidade], sempre com o objetivo de estabelecer o vínculo afetivo com seus estudantes e esse foi o nosso maior foco em 2020. Sem o envolvimento do coordenador pedagógico de cada escola, o trabalho da equipe pedagógica da secretaria de educação não teria conseguido atingir, em efeito cascata, as atividades propostas para o ensino remoto, que agora em 2021, está sendo normatizado, efetivando a proposta do continuum curricular 2020/2021.

Pontos negativos? Temos muitos, mas já ouvimos tanto falar sobre eles, que prefiro trazer, aqui, os pontos positivos e dentre eles destacamos a utilização de ferramentas tecnológicas no ensino. Enfim, estamos aprendendo a utilizar as ferramentas tecnológicas, os espaços formativos com os educadores mostraram-se um potencializador de nossas ações nesse novo rumo que a educação nos convida a tomar, conseguimos fortalecer uma rede coletiva e colaborativa de coordenadores pedagógicos, e aos estudantes e suas famílias, estamos dedicando uma visão solidária e humanitária para a sensibilização e o enfrentamento da atual conjuntura.

A resistência às ferramentas tecnológicas no ensino, perpassa, nesse período da pandemia da COVID-19, e após tudo passar, pensaremos como será o ensino nas escolas? Tivemos que nos reinventar, recriar e reconstruir a forma de ensinar. Mas, também, sabemos que não poderemos mais

ter resistência ao uso de tecnologias, ao contrário, precisamos lutar pela universalização do acesso à internet.

Pensamos que conseguimos compreender que estamos lidando com uma geração que já nasceu conectada e desprezávamos isso até que a pandemia nos provocasse a usar, diuturnamente, a tecnologia para desenvolver as mais variadas funções em nosso dia-a-dia e a maior delas, a comunicação! Mas será que os planejamentos serão diferentes no pós-pandemia? O relacionamento interdisciplinar entre professores/coordenadores será uma constante em nossa prática? E os relacionamentos escola/estudantes/famílias de que forma acontecerão? Buscaremos manter esse vínculo? Como será nosso processo avaliativo? Entenderemos, de fato, a importância da avaliação no processo educativo? Esperamos que sim, porque não poderemos desconsiderar todas essas vivências e experiências que a pandemia nos trouxe, levemos, desse período, as lições positivas.

Portanto, concluo esse relato com muitas indagações. E os questionamentos que o trabalho remoto tem deixado durante a pandemia de 2020/2021... nos ajudarão a refletir as práticas do cotidiano, para que possamos reinventar e buscar respostas para esse novo contexto que temos e teremos após a pandemia.

## Entre espantos e medos, as lições da Covid-19

*Juscelita Rosa Soares Ferreira de Araújo*<sup>1</sup>

Aquele poderia ser um vinte de março qualquer... aliás, como tantos outros de meus sessenta e oito anos, bem vividos, mas, não! Aquele era o ano dois mil e vinte. Algo diferente e ameaçador, estava acontecendo em escala mundial. Hoje, vinte de março de dois mil e vinte e um, um ano se passou. Um ano em que se escancarava a evolução de uma tragédia sanitária ao redor do mundo. Há que se comemorar, festejar o fato de sermos sobreviventes desse conturbado e desafiante momento!

Reflico, porém, que comemorar nossa sobrevivência por esse período de um ano, marcado por milhares e milhares de mortes devido à contaminação por um vírus que se propaga numa velocidade estonteante, far-se-á num contexto de dor, de muitos e profundos aprendizados. E é assim que, entre medos e espantos, percebo as lições aprendidas em um único ano.

Como disse no início, naquele vinte de março havia algo sinalizando perigo. Ali começava uma verdadeira saga, em que, não haveria necessidade de caçar bruxas, pois o inimigo já havia sido identificado, estudiosos de diferentes partes apresentavam-no ao mundo inteiro. Ele ia tomando territórios e, de forma vertiginosa, devastava grandes centros urbanos e turísticos, ainda assim, nós, os tais viventes nordestinos em um pacato município do extremo norte da Bahia, imaginávamos que jamais seríamos protagonistas daquela história. Não tardou, porém, novos casos foram

---

<sup>1</sup> Professora aposentada licenciada em Letras; pós-graduação em metodologia do Ensino Superior.  
[juscelitarosa@hotmail.com](mailto:juscelitarosa@hotmail.com)

notificados, na região. A partir dali, estávamos inseridos na experiência, que autoridades sanitárias e científicas, mundo afora, já haviam denominado de pandemia. Coronavírus, Covid-19, UTI, saturação, morte, dentre outros, foram termos que passaram a fazer parte de nossas vidas de modo corriqueiro; aprendemos a ter uma visão mais detalhada do contexto em que estávamos inseridos, inclusive, por ser necessária e urgente, a adoção de novos hábitos como forma de defesa pessoal e comunitária.

A partir deste cenário, o calendário passou a ter novos significados na minha vida. Nunca, em tão pouco tempo, foi possível compreender a Teoria dos Complexos, senão, vejamos; março (dia 19 de 2020), encontrava-me em Salvador, quando os jornais anunciaram o primeiro caso de Covid, na Bahia, registrado na cidade de Feira de Santana. Tal fato impunha uma resolução: retornar para casa imediatamente.

Naquele vinte de março, portanto, chegava em casa. Até ali, imaginava que a Covid-19 era algo distante de nossas vidas. De tal forma parecia longínqua a possibilidade do contágio que fiquei espantada com a recepção conforme os novos hábitos. Ao adentrar a casa, como era “o normal”, dirigi-me para o meu neto de braços abertos e para meu completo espanto ele, uma criança de sete anos, recuou... Naquele momento, senti pela primeira vez, de forma profunda e visceral, a interferência de algo avassalador, inimaginável, assustador. Frente àquela nova e indesejável realidade, eu e meu esposo ficamos confinados, por intermináveis quatorze dias, em respeito à prescrição de isolamento para proteger aos “de casa”.

Dia após dia, as notícias davam conta de que o mal crescia assustadoramente, ainda assim, cá da minha aldeia, alimentava a esperança de que ele não chegaria até nós, até porque me acostumara a ver pouca coisa chegar, nas terras áridas do meu sertão. No entanto... um novo espanto, a Covid-19, fora registrada na minha cidade. Com o risco bem ali do nosso

lado, o medo cresceu e entranhou no meu cotidiano. O ficar em casa, o usar máscara tornaram-se hábitos a serem rigorosamente seguidos e nós, os idosos, ficamos, literalmente, trancafiados, como única forma de prevenção.

Os dias passavam lentamente, aprendemos que podíamos experimentar novas formas de “curtir” os finais de semana. As maquiagens tornaram-se indispensáveis, até porque eram também uma forma de consumir o tempo. Os preparativos para as lives passaram a ser obrigatórios, até que chegou o mês de junho. As alegrias, os festejos tão peculiares da época do ano foram silenciados, sufocados pelo medo. A despeito do inusitado, foi possível para “os de casa” experimentarem uma experiência nova, festejar São João pela TV, assistindo às *live* dos ídolos forrozeiros, algo atípico para qualquer nordestino. Porém, não faltou a emoção de estar vivo, de viver para experimentar novas formas de sentir vida.

Por aquele tempo, poucos dias antes do São João, um dos meus cinco filhos, necessitou fazer exames cardiológicos na cidade vizinha e foi aí que trouxe na bagagem, o terrível vírus. Já no dia 26 de junho, iniciaram os sintomas, no dia seguinte, já apresentava perda de olfato e paladar. Atento aos cuidados, imediatamente, trancou-se em um quarto e o que parecia estar sendo vencido, a partir do oitavo dia, foi agravado, sendo necessário buscar novos recursos na cidade vizinha, onde foi sedado e intubado por intermináveis nove dias em UTI. Ali se iniciava um suplício para familiares e amigos. Iniciava, também, o desespero de uma mãe impotente, trancada, isolada... em um paradoxo de emoções, onde o medo confundia-se com a esperança, a dúvida, com a fé.

Dias tormentosos de espera, ansiedade, aflições... como era torturante esperar os famosos boletins, as notícias que não chegavam! Porém, como eram acalentadoras as demonstrações de preocupação de “tantas e diferentes gentes”! Como era alentador, perceber parentes, uma amiga,

um amigo, a buscarem conhecidos que tinham conhecidos trabalhando no hospital, para trazerem notícias extraoficiais, atualizando, com maior frequência, a real situação... foram dias torturantes de sobressaltada expectativa. Contudo, aqueles também foram dias de oração. A consciência de que nada poderia fazer por meu filho, a não ser rezar. Colocava-me em confronto com um misto de perplexidade, medo, medo, medo... Mas, ao mesmo tempo, coragem, fé, esperança, esperança, fé, confiança. Não havia tempo para comer ou dormir, pois, rezar era preciso!

Dias após dias, a cada boletim, um turbilhão de sentimentos vinha à tona. A dor íntima era renovada no temor de ouvir, de ler notícias, de sentir, perceber as feições das pessoas ao meu redor... no entanto, havia algo de grandioso naqueles dias, um sentimento contagiante que me impulsionava, que era força, que alentava o coração e engrandecia a alma: **Solidariedade**. Da família, dos amigos, dos conhecidos, da comunidade inteira... A solidariedade, como um show pirotécnico, pipocava de todos os lados. De perto, de longe, vinha carregada de esperança, de confiança, de certeza. A solidariedade, expressa de diferentes formas, enchia nossas almas de doce tranquilidade e certezas de que aquele era apenas um tempo de espera. Até que, entre apreensões, medos, fé, esperança, a **Emoção**, em forma de alegria e gratidão, fez-se presente quando recebemos a grande notícia: meu filho havia vencido a Covid-19.

As lições continuaram e continuam até hoje. No seu retorno, ele contou com calorosa recepção, como um grande e simbólico abraço coletivo, através de uma linda e emocionante carreata que incluiu não só familiares, mas também marcada pela presença e demonstrações públicas de carinho e afeto por um grande número de pessoas. A emoção de revê-lo, ainda que à distância, o sentimento de Gratidão que ganhou conotações gigantescas dentro de mim, é incomensurável e talvez seja inexplicável. Sim! Porque nem tudo que vivemos se encerra e se explica numa existência!

Confesso que ser tocada no coração é um dos mais poderosos remédios. Receber mensagens de apoio, ter notícias das mais diferentes promessas feitas por inúmeras pessoas, orações, recados de quem eu não tinha notícias há mais de trinta anos, tocou o meu ser. Entendi, literalmente, o: “juntos somos mais fortes”, ou o: “unidos em oração, venceremos”. Entendi a força dos sentimentos, o valor da sintonia de pensamentos. Aqueles momentos foram bálsamo, acalanto e foi assim, que a Covid-19 me ensinou grandes lições.

Uma coisa é certa: só alguém que vive ou viveu uma experiência como esta, poderá avaliar, de fato, o quão complexa é a situação, o quanto ela atinge o psicológico das pessoas e quão diferenciadas são as consequências desses aprendizados em nossas consciências. O quão importante é valorizar a vida, não construindo um futuro, que talvez nunca chegue, mas aproveitando cada momento; quão importante é viver em família, ainda que seja na simplicidade do nosso muro, à frente da tv, assistindo às lives ou até higienizando os produtos que chegam em casa. O quão importante é estar vivo, não para ir a eventos, mas para sentir o poder do Criador, a beleza da natureza, a simplicidade contida, no murmúrio das águas, ou no balançar de folhas ao vento; o quão é importante o abraço, a presença; quão grandiosa é a dádiva de ser, de tão bonitas e diferentes formas. O quanto foi importante saber que existem, sim, pessoas que nos prezam, que sentem com a gente e que partilham suas crenças de forma fraternal.

Aprendi que por mais títulos que alguém possa acumular, ele nunca será reconhecido como mensageiro do bem se não estiver imbuído de sentimentos humanizados como os carregados por tantos profissionais que estiveram envolvidos com a cura de meu filho, a exemplo dos médicos, assistentes e funcionários do hospital da minha cidade, Curaçá-Bahia, bem como do hospital Unimed de Petrolina-PE. Como esquecer, católicos,

evangélicos, umbandistas, espíritas e tantos outros de religiões diferentes que estiveram unidos conosco com um só pensamento, a cura de meu filho.

Não, não há como esquecer o que está marcado no coração, o que representa vida verdadeira e é assim que a gratidão se sobrepõe. A Gratidão aproxima, a gratidão faz-nos acreditar, que um mundo melhor é possível, quando praticamos o amor, a fraternidade. E, então, peço licença ao poeta Thiago de Mello para parafraseá-lo. Eis aqui a minha vida. Que ela esteja sempre a serviço da vida, ainda que as dores se apresentem. Que eu esteja sempre pronta a me doar, e por onde passar possa levar um raio de esperança, que eu seja sempre carregada de luz, em noites de trevas. Que meu aprendizado seja um alento, que leve alegria a quem precisar. Que o meu agir seja esperança...

O que passou, conta. O que passou, ensina... nada sei, nada é predestinado, a vida é feita ao caminhar. O caminho ensina, por isto aprendi, que não estou sozinha. As lições de vida comigo caminham e fazem verdadeiro e autêntico o meu jeito de ser e estar no mundo.

Ainda haverei de espantar-me, ainda sentirei medo... Uma certeza, porém, há em mim: nunca estarei sozinha e de mãos dadas com outros, muitos outros, caminharei pela vida verdadeira.

Vinte de março de dois mil e vinte um, não, não tenho caminho pronto...

O que virá? Não sei. Importa caminhar.... Caminhemos, então!

## 8

### **Dores silenciadas, sufocadas**

*Carmélia Aparecida Silva Miranda*<sup>1</sup>

Era uma quarta-feira, dia 20 de janeiro de 2021 (data que jamais esquecerei), em pleno verão de Salvador, a despeito de estarmos vivendo a pandemia Covid-19, as praias estavam cheias (apesar de algumas restrições), ouvia-se o vai e vem das pessoas indo caminhar na praia, descendo a ladeira da Rua 8 de Dezembro para testemunharem a beleza do mar do Porto e do Farol da Barra, as ondas bailavam, trazendo um cheiro de um mar melancólico, espumando a tristeza de uma saudade. O dia estava amanhecendo, o sol apresentava os seus primeiros raios, eu acordei muito apreensiva, meu pensamento estava em você e nesse momento eu recordei de uma parte da música de Djavan, chamada “Um dia lindo”, que tinha alguns versos que dizia:

Um dia frio,  
Um bom lugar para ler um livro  
E o pensamento lá em você  
Eu sem você não vivo  
Um dia triste  
Toda fragilidade incide  
E o pensamento lá em você  
E tudo me divide

---

<sup>1</sup> Esposa de Francisco César de Souza Miranda, que perdeu o seu amado para a COVID-19.

Estes versos se repetiam mentalmente, parecendo que eu adivinhava o que estava por vir. Da janela do quarto eu via uma pontinha do mar, elevava meus pensamentos para Deus e pedia que você voltasse para o aconchego do nosso lar, vivo e são. Orava e rogava para continuarmos juntos com nossos filhos e netos. E da janela, neste cenário entre o céu e o mar, lembrava de quanto fomos felizes, quanto você me fez bem.

As lembranças de nossas viagens vinham à tona, quantos momentos incríveis, Grécia, Turquia, Marrocos, Boston, Califórnia, Canadá, Europa, Argentina, quantos lugares visitamos. Lembrava da nossa alegria ao chegarmos em Lisboa em 2013. Ah, meu Deus! Que excelentes recordações. Na noite que chegamos, estávamos tão empolgados que caminhávamos pelas ruas, deslumbrados, procurando um lugar para jantar, estávamos tão felizes, que a nossa alegria transbordava, sorrisos e mais sorrisos escapavam da nossa face. E quantas viagens fizemos juntos.

E a brilhante viagem que fizemos ao Peru, quando visitamos Machu Pichu? Lembro que caiu uma chuva na subida da montanha, as gotas caíam pelos nossos corpos, uma energia, sem tamanho, invadia as nossas memórias e nós só agradecemos a oportunidade de estar naquele lugar. Uma experiência ímpar, que estará guardada para sempre em minha memória e não esquecerei um dia, nenhum dia.

E assim, naquele 20 de janeiro, eu acordei muito ansiosa, querendo saber notícias suas, mas precisava aguardar até a tarde (quando iria à UTI do Hospital Santa Isabel). A angústia da falta de notícias tomava meu corpo e minha mente e eu sentia um vazio sem precedente, algo inexplicável, uma tristeza profunda. Desde que você foi diagnosticado com Covid-19, no dia 22 de dezembro de 2020, que nos separamos, primeiro do quarto, depois você foi para o hospital, depois para Unidade de Terapia Intensiva (UTI), parece que foi determinado por Deus, Ele foi tirando você de mim aos poucos, silenciosamente, sem alarde. Acredito que tudo isso, para que

o choque da separação não fosse tão imenso, Deus foi me preparando, devagar, pausadamente. Passei a viver os dias sem sua companhia e a tomar decisões, sem você por perto.

E assim na manhã do dia 20 de janeiro de 2021, minha intuição estava aguçada, temia que algo ruim estava para acontecer. Costumava deixar o telefone sempre próximo da cama, para quando alguém ligasse pudesse atender, aguardava sempre boas notícias. Não é assim, que nas primeiras horas da manhã daquele dia, o telefone tocou e quando eu atendi, alguém, na linha, dizia que precisava falar comigo pessoalmente ou com algum familiar. Minhas pernas tremeram, meu coração batia aceleradamente, queria ouvir uma boa notícia, ouvir que você estava bem e que iria voltar para casa.

Todos os meus sentidos estavam cônicos, a emoção foi tomando conta de mim e eu só chorava, caí em desespero, me joguei na cama e comecei a chorar alto, bem alto, com todas as minhas forças, talvez para liberar toda a tristeza que estava sentindo, me esticava desesperadamente, à procura de consolo, de aconchego, pensei que fosse morrer de tanta tristeza, senti um grande vazio. O que eu tanto temia, estava acontecendo, você não estava mais conosco, nunca mais ouviria sua voz, suas risadas, sua alegria de viver, não mais sentiria o seu cheiro e não viria o seu sorriso. Meu Deus, que tristeza!

Como é difícil encarar a realidade, me conscientizar que você fez sua passagem para eternidade. Eu perdi você para a Covid-19. Lutamos, lutamos muito, quando via você no hospital, tinha certeza da sua melhora, que era só questão de dias, que você ficaria bem, você era forte, tinha muita saúde e driblaria o maldito do coronavírus, mas, a doença foi mais forte que você. Levou você da nossa casa e das nossas vidas.

Agora vivo com uma saudade dolorida, que sempre retorna com lembranças que estão presentes em nossas vidas e a todo momento lembro de

você, durante as refeições, nos programas da TV, no horário que você retornava para casa. Cada passo seu, cada palavra, hábitos e modos de pensar, lembro do seu sorriso e de como você foi importante para mim. Você está presente em nossas vidas, em cada parte da nossa casa vejo você, nos frutos deste amor, te amo para sempre.

Infelizmente perdi você para a Covid-19, nunca pensei em vivenciar esta tristeza, que esta separação pudesse acontecer, você foi embora sem dar um adeus, sem despedidas, vários projetos foram interditados, muitas coisas ficaram para trás, mas eu preciso dar prosseguimento a estes projetos e espero que um dia eu possa te reencontrar. Você só me fez bem! Os frutos do nosso amor estão aqui... nossos filhos e netos. Beijos para sempre, saudades eternas meu amor.

## **Ensinar em tempos de pandemia: quando educar se torna um desafio no cotidiano do lar**

*João César Abreu de Oliveira Filho*<sup>1</sup>  
*Andrea Almeida Cavalcante*<sup>2</sup>

### **A pandemia do cotidiano e o cotidiano da pandemia**

Seis da manhã... toca o despertador!

Mais um dia começa na rotina diária que, de um ano para cá, tem movimentado e modificado o conjunto de atividades que antes, eram feitas dentro e fora do lar de um professor e professora.

Na maioria das vezes, despertar às seis, é uma tarefa difícil, haja visto que dar conta de todas as atividades diárias tem sido ainda mais cansativo em tempos de pandemia. Há um ano, o medo da pandemia tem feito parte desse cotidiano. Cada dia uma vitória para continuar vivo; porém, a cada espirro, tosse, vem à tona o medo de ter contraído a doença, principalmente, quando se tem um filho com síndrome de *down* e pais idosos. A rotina de uma criança com síndrome de *down* é intensa para que ela possa ter um bom desenvolvimento motor e cognitivo. Aqui em casa, essa rotina se iniciou ao nascer, já com a fisioterapia motora, e esta rotina foi se modificando com o crescimento. Hoje, nosso filho tem quase todos os dias preenchidos com atividades para melhorar seu desenvolvimento. Escola todos os dias. Fonoaudióloga na segunda e na quarta. Natação na terça e na quinta. Terapeuta Ocupacional também na quarta. A pandemia mexeu com tudo!

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

<sup>2</sup> Doutora em Geografia. Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Só mais cinco minutos para levantar, enquanto se processa o dia que já raiou... mas já!? Parece que acabamos de deitar!?! Vamos lá! O filho ainda dorme, mas logo, logo acordará...cuida para não se atrasar! Água do café no fogo, enquanto prepara o lanche do filho que, daqui a pouco, estará de pé, descansado e cheio de energia. Um breve check list para o dia, porque além das aulas que se iniciam às 8h, o almoço precisa estar pronto no horário, afinal precisamos nos alimentar bem, manter a tal da imunidade em dia...

Assim começa a rotina em uma casa em que o casal é professor. As aulas normalmente se iniciam às 8h, em turmas de 20 a 30 alunos, muitos destes desorientados e cheios de dúvidas do porquê do ensino remoto em um momento onde deveríamos nos preocupar em cuidarmos de si e dos outros. Mas, afinal, o que é o ensino remoto? Uma modalidade do ensino a distância? Definitivamente NÃO... Na verdade nem sabemos que tipo de ensino é esse, onde nunca tivemos nenhum contato presencial com os alunos, onde muitas vezes nem sequer seríamos capazes de reconhecê-los na escola ou na universidade, porque simplesmente nunca os vimos. Mas como pode isso?! Como pode não conhecer seus alunos? Quando muito, os identificamos pela voz, isso quando alguém fala. Difícil acreditar que essa forma de ensino possa agregar algum valor, algum conhecimento, visto que, na maioria das vezes, salvo raras exceções, nós professores, nos sentimos completamente sozinhos, falando por quase duas horas para uma tela de computador, cujas bolinhas, com ou sem fotos, identificam que os alunos estão “conectados”. Mas que conexão é essa? Sem interação? Difícil para nós, mais ainda para eles que, na maioria das vezes, estão sem nenhuma condição de assistir aula porque no lar não há espaço para isso. O cachorro late, a mãe chama, o irmão chora, a radiadora passa na rua... – “peraí, mãe, estou assistindo aula, não posso ir agora”- diz o aluno. Ou ainda, “desculpe professor, não dá pra ligar o microfone, tá muito barulho

aqui! Também não posso ligar a câmera porque vai consumir todo o meu pacote de dados”, relata outro colega.

Desse modo, entendemos que o momento atual é de cuidar de si, dos parentes, amigos e a função social e o papel de uma instituição de ensino, neste momento, não é intensificar as formas de exclusão social a partir do chamado “ensino remoto”. É fundamental esclarecer que o chamado “ensino remoto” não substitui o papel da instituição de ensino. Destacamos que o ato e a prática educativa são construções sociais, ou seja, é na *práxis*, no contato, no toque, no espaço físico da escola/universidade que se produz o conhecimento. A mediação do ciberespaço, é uma mediação falseada da realidade, não carrega os mesmos sentimentos, emoções, construções. A escola/universidade é o lugar do encontro, da troca, da merenda, do namoro, das descobertas, das emoções, das criações. É o lugar do afeto, da amizade, da poesia. É o espaço da preguiça, do descanso, da diversão, do pé no chão! Esse é o espaço social de uma instituição de ensino.

Dez para as oito! Banho tomado! Vamos dar uma melhorada na aparência, colocar um pouco de brilho no olhar, preparar uma melhor performance para tentar interagir melhor com eles, hoje. Quem sabe seja diferente! Computadores a postos, estamos prontos! O filho já tomou a vitamina e a vovó já está vindo buscá-lo. Graças a Deus são nossos vizinhos!

Ficamos pensando como tem sido difícil para os professores que não têm nenhuma habilidade com essas tecnologias, nem tampouco para desenvolver as chamadas “metodologias ativas” na forma de ensinar para tentar tornar as aulas mais envolventes. Mas será mesmo que essas metodologias ativas funcionam? Ou os problemas da educação e do processo de ensino/aprendizagem são mais amplos e complexos?!

Começou a aula! E hoje teremos mais uma aula de Geomorfologia. Sim, aqui em nossa casa somos dois professores de Geografia. O

apartamento é pequeno. Não há dois escritórios, portanto, um dos dois vai trabalhar na sala, se os horários forem concomitantes. Caso não sejam, nosso filho não precisará ir para casa da vovó e aí teremos que lidar com as travessuras dele em casa mesmo. Mas só com as travessuras?! Definitivamente não! Teremos que assumir, também, o papel da escola, ensinando os conteúdos pertinentes à sua idade escolar (vogais, alfabeto, cores, animais, etc.), já que com a pandemia, ele está permanentemente em casa. Além disso, ele adora música e tem muitos instrumentos, inclusive uma bateria que fica na sala. Mas hoje, estamos, os dois, dando aula no mesmo horário.

Dia de atividade! Os alunos apresentarão os textos em duplas. Repartiram o conteúdo e um deles apresentará os slides. “Compartilha aí, Fulano! Fulano? Dormiu? – Diz o colega”. “Calma aí, cara! Desculpe, professora!! Não ligue pra eles não, kkk!” – Replica o outro. Começamos de forma descontraída. Parece que vai ser bom hoje! De repente toca o interfone. “Só um instante, gente. Preciso atender! É a água que vai subindo”. Mas continuando, vamos passar para a próxima dupla. Depois de muito chamar pelo colega, eis que ele se apresenta. –“Desculpe professora, sou Uber e estava terminando uma corrida. Mas estava atento, viu professora; a situação está muito difícil, preciso trabalhar! ” – diz o aluno ao iniciar sua apresentação.

Em outro quarto, a aula é de Geografia Agrária, e nesta, uma outra experiência interessante. Ao falar das questões agrárias no Brasil, um aluno, de repente abre a câmera e diz, -“olha aí professor, essa discussão na prática. Estou cortando um pé de algaroba aqui no terreno. Preciso trabalhar, professor, mas também preciso assistir aula! ”- diz o aluno. A pandemia tem sido muito dura com esses alunos e com todos nós que vivemos a esperança de se vacinar e voltar às salas de aula de forma plena.

Desse lado de cá, não dá pra desligar o microfone, pois, normalmente, falamos do começo ao fim, e vez por outra, a dinâmica da casa invade a aula. Ou seria o contrário? A aula invadiu a casa?! O filho do vizinho chora, e os alunos perguntam, -“eita professora, seu filho está animado hoje! ”. “Não é meu filho, mas poderia ser sim! ” Essa é a vida remota em que nossos lares foram, literalmente, invadidos e tivemos nosso espaço de privacidade escancarado. Isso quando a internet não cai. Sempre no início do ano, a coisa fica mais complicada, porque choveu, a internet não funciona. Será um problema nosso?! De repente passamos a nos responsabilizar totalmente, pelo sucesso ou não dos alunos, abdicando de nossa privacidade, tendo que usar todos os nossos equipamentos para garantir a infraestrutura necessária para que a aula aconteça e, aconteça de forma atrativa.

Mas um professor não vive só de dar aulas. Onde fica a pesquisa e a extensão? A vida remota de repente preencheu todos os espaços e agora não se sabe mais o que é horário de trabalho e horário de descanso familiar. Toda hora é uma boa hora para se trabalhar mais um pouco, porque, afinal de contas, “estamos em casa” ... então porque não poderíamos participar de mais aquela reunião? Não há mais a desculpa do trânsito, da consulta, dos perigos das ruas... “estamos em casa”. Embora, exaustos, sobrecarregados!

Sem falar na tensão da doença que nos acompanha dia e noite. Como administrar o psicológico e o trabalho, enquanto um familiar seu está doente? Assim também estão nossos alunos, tentando cuidar uns dos outros, em casa em meio ao caos instalado num país, sob a direção de um chefe de Estado que minimiza a pandemia. -“Peraí, ele vai falar!” Na televisão o noticiário maximiza o tema e o presidente fala: -“vamos deixar de mimimi”. O que foi isso? Afinal, é para cumprir e se preocupar com a pandemia ou não?!

E a pandemia continua! Termos como flexibilização, *lockdown*, isolamento social rígido, primeira fase, segunda fase, PCR nasal, sorologia, bandeira vermelha, bandeira verde, mortes nas últimas 24h, aumento de casos, termos que agora fazem parte do nosso vocabulário e cotidiano e que precisamos nos apropriar e compreender.

E a pandemia continua! Uma cepa mais contagiante, de maior poder letal. Na TV, os números de mortes só crescem, a sociedade está em pânico aguardando a vacina que não chega de forma mais rápida, no risco de contaminação sem saber se vai dar tempo de se vacinar. Difícil!

Mas o dia ainda não acabou. Ainda temos a tarde e a noite que para além dos trabalhos a corrigir, das reuniões agendadas, do planejamento das aulas, artigos a escrever, trabalhos de curso para ler, bancas para participar e *lives* para organizar (claro, o *lattes* precisa estar atualizado mesmo na pandemia), ainda temos uma criança que precisa se alimentar, dormir, brincar. Mas calma, o dia ainda não acabou! Ligamos a TV e aparece o noticiário informando que será votada a reforma administrativa. Mas para que essa reforma?! O discurso dos representantes políticos, afirma que é preciso enxugar o Estado, garantir a meta fiscal, acabar com privilégios. Privilégio? De quem? Mas não são os servidores públicos que estão salvando vidas? Educando as pessoas? Fazendo as vacinas? Protegendo a vida? Médicos, enfermeiros, professores e pesquisadores, policiais, funcionários do Butantã, Fiocruz, entre outros. Não, na leitura de muitos, esses são privilegiados, recebem o salário todo final de mês, não ficarão desempregados. É preciso privatizar. Acabar com as despesas, fazer a economia crescer. Afinal, o desemprego também mata. Defendem os arautos da economia, os que defendem a flexibilização, a volta da pujança do capital sobre nossas vidas, agora ceifadas pela covid-19.

## **1. O ensino remoto: algumas reflexões**

E assim, se intensifica o ensino remoto. Para alguns, a única forma encontrada diante da pandemia. Nele se perderam trocas, construções, emoções, sentimentos. A prática educativa passa a ser mediada pelas relações artificializadas que marcam o mundo virtual. Torna-se o espaço marcado pelo conteudismo, cristalização do conhecimento, decoreba. Lugar do ensino enfadonho, chato, nomotético.

O ensino remoto, então, retoma a grande crítica que foi feita desde o período da corrente tecnicista por várias pedagogias críticas que enfatizam o problema do nexa causal do conteudismo e as implicações no processo de ensino/aprendizagem. De um ensino cada vez mais seletivo, excludente e darwinista que se acirra na prática educativa do ensino remoto.

Precisamos, neste momento atual, de uma forma de ensinar e aprender com amor, paixão, sentimento pela dor do outro. Afinal, como afirma Paulo Freire (1979, p. 96), “educar é um ato de amor e de coragem”, de solidariedade e de afeto. E é em nome desse amor ao próximo, que refutamos qualquer forma de ensino que exclui e segrega, ainda mais, nossos estudantes.

Isso mostra que devemos concentrar nossas energias na produção de conhecimento para entender esse momento, de repensar e refletir sobre o caminhar da civilização no pré e pós pandemia e na mudança de paradigma civilizacional que temos que enfrentar, principalmente na busca de uma outra sociabilidade, mais humana, inclusiva e solidária.

Essa nova forma de sociabilidade fez com que tivéssemos que nos adaptar às condições de distanciamento social, trazendo uma nova realidade, diante da qual, os aspectos remotos, virtuais e cibernéticos ganharam uma maior centralidade. Se antes, as tecnologias já ganhavam adeptos e mentes de forma cada vez mais intensa, com a pandemia, o uso

intensivo dessas tecnologias adquiriram ares de "normalidade". Afinal é o "novo normal", termo utilizado para exemplificar essa nova forma de sociabilidade que não tem nada de normal.

O espaço doméstico se mistura ao espaço do trabalho. Do lugar da reprodução (casa), virou lugar da produção (fábrica). O tempo das atividades laborais é compartilhado com o cuidar da casa, dos familiares e do cuidado de si. Com isso, perdeu-se quase que completamente a privacidade que ainda existia, como, também, as rotinas não estão sendo mais separadas. Tais atitudes passaram a fazer parte da rotina de nós, brasileiros e nossa energia, nosso quarto e demais espaços privados foram usurpados para dar lugar ao espaço produtivo.

Tanto os professores de diversas instituições e redes de ensino, como vários trabalhadores, percebem a multiplicidade e o grande volume de informações e atividades que devem realizar ao mesmo tempo e no mesmo espaço, sobrecarregando suas funções para um patamar jamais imaginado. A flexibilização do trabalho, acarretou em maior precarização da condição de ser trabalhador, não tendo mais nem horário de início nem de fim de suas atividades. Isso caracterizou o chamado "privilégio da servidão", quer dizer, o caráter eminentemente empregatício do trabalho, ganha privilégio em uma sociedade de desempregados, despossuídos e precarizados (ANTUNES, 2018). Além do emprego precarizado ser um privilégio, as horas trabalhadas de forma exaustiva, remetendo analogicamente ao período da produção fordista também se torna privilégio, afinal, qual o problema de trabalharmos 12, 14, 16 horas por dia?! Isso é produtivo! Enfim, "abrimos as portas para o inferno de Dante" ou os "os portões do Éden" (MAZZEO, 2019)!

E a pandemia continua... estamos, cada vez mais, conectados com o capital e desconectados com nós mesmos...

## **Referências**

ANTUNES, Ricardo **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12<sup>a</sup> Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

MAZZEO, Antônio Carlos. **Os portões do Éden: igualitarismo, políticas e Estado nas origens do pensamento moderno**. 1<sup>a</sup> ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.

## **Amor ou dor: o estatuto que me rege**

*Edvone da Silva Souza*<sup>1</sup>

Aqui estou eu, numa constante busca pelo aprendizado sobre esse hiato da existência humana que conhecemos como vida! Necessitei de coragem para chegar até aqui e mais ainda para refletir sobre o tempo a nós concedido como uma constante oportunidade de evolução, desde o nascimento até o último suspiro! “Trago dentro do meu coração, como num cofre que não se pode fechar de cheio...” (PESSOA, 1980, p.238) as marcas de tantas histórias contadas de minha vida! Filha de família do campo, eu cresci no meio rural/campo, onde as riquezas da liberdade conjugada com as dificuldades das oportunidades, caminhavam paralelas. Cresci confiante, sorriso largo, porém, certa de que enfrentaria batalhas!

Nesse crescimento, entendi, rapidamente, que dois estímulos batiam à porta de minha existência para auxiliarem na constituição humana, frente às labutas terrenas: o amor e a dor. Eu, essa menina crescida, vivenciei experiências o suficiente para entender que o primeiro quase nunca era eficaz para imprimir a carga de emoções e experiências necessárias, ao ponto de nos fazer repensar e corrigir o curso de nossas existências.

Meu pai sempre declarou e acreditou que o amor seria sim, o grande responsável pela costura da vida. Para ele, seria o Amor o alinhavador do

---

<sup>1</sup> Professora da rede municipal na modalidade de Educação de Jovens e Adultos do município de Senhor do Bonfim; Gestora da Cooperativa de Ensino de Senhor do Bonfim-Escola Nova Geração; Especialista em Educação de jovens e Adultos; Membro do Grupo GEPAPORDOC/CNPq. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3617141696389125> E-mail: vonny.com@hotmail.com

sentido da existência, a grande riqueza que a condição humana herdou. No entanto, foi a partir da dor, que não só registrei, mas, também, retro-alimentei-me para as melhores escolhas nesse processo de evoluções, desde sempre.

A dor chegou nas entrelinhas da vida vivida, do território existencial, quando visitou a minha casa, trazendo no amparo da voz fraterna da irmã caçula, a inesperada notícia da partida de nosso pai. Por meio das palavras ditas e ouvidas, fui capaz de percorrer e auscultar as regiões do meu coração, tão machucadas pela perda abrupta e cruel que um infarto fulminante é capaz de deixar. Não é fácil estabelecer uma relação compreensiva com a morte. Hoje, enxergo que essa mesma instabilidade relacional também se dá na compreensão com a vida.

Percorri caminhos como uma construtora de meus ideais, onde os impressos registram de que é na labuta, na resistência e nas marcas que a dor proporciona que a aprendizagem se faz mais expressiva e significativa. Sinto – me como um vaso de argila nas mãos do oleiro, cujo barro precisa estar amolecido para os ajustes a serem realizados e logo, seus vestígios possam ser apreciados.

Vale ressaltar que, o formato sobre o aprendizado que aqui me refiro, como tudo sobre a humanidade, não é regra, não é absoluta. Inclusive, acredito que haja sim, os poucos que aprendem com e no amor, tão quanto existem alguns, que não aprenderão nada, passarão pela oportunidade de aprendizagem na vida permanecendo infortunadamente o mesmo para todo o sempre.

O cenário atual em que estamos vivenciando essa pandemia, onde todos ficamos petrificados, atônitos e impotentes diante de tantas informações, orientações e acontecimentos, vem revestido de uma carga de dor e um misto de emoções, jamais vivido em outros tempos! Vivemos um momento de solidão coletiva. O melhor e o pior do humano estão a se

revelar. Contudo, a profunda e inigualável chance de uma aprendizagem reveladora está posta. Claro, para aqueles que estão com suas almas e propósitos disponíveis, abertos para aprender. Entendemos por vez, que, em alguns momentos

nossa condição humana é marcada pela precariedade de nossos sentimentos. Nem sempre direcionamos nossas ações por valores elevados, nobres, altruístas. Vez em quando eu reconheço minhas intenções intimamente conectadas ao contexto de minhas necessidades mais mesquinhas. Chego a me reconhecer como inadequada ao propósito maior, ao amor. (MELO, 2011, p. 24)

Quando bem interpretado, o sofrimento se transforma num impulso fantástico para as superações que precisamos viver. Toda perda sempre esconde um ganho. Frase conhecida e repetida muitas vezes, eu sei. É importante repetir certas coisas, por isso volto a dizer: escute as mesmas coisas de sempre, mas de um jeito novo, diferente.

É nesse viés, que a dor nos visita positivamente. Nos dando uma chacoalhada na vida nos entregando uma chave poderosa que abrirá lugares nunca visitados em nossas vidas. A dor, esse sentimento tão estranho refutado, pode ser uma relevante fonte de virtude. (MELO, 2011, p. 25-26).

Um dia eu precisei amar minha dor. Era o único jeito que tinha de continuar vivendo. Ou aprendia, ou morreria com ela. Resolvi aprender. Desde então, minha dor é minha companheira, minha mestra, minha parceira. Deixou de ser minha inimiga no momento em que eu a olhei nos olhos e aceitei conhecê-la com mais propriedade. Quis entrar nos mistérios de seus mecanismos com o intuito de poder administrar melhor as suas consequências.

Nesse exercício da escrita, sinto – me numa aventura audaciosa, onde meu coração humano se registra e se revela, pois bem sei que a palavra

escrita segura o significado do vivido e a vida vivida encontra abrigo na casa da palavra. A dor de quem perde seus entes queridos é uma dor pagã que ganha batismo neste momento de tristeza e perda coletiva, frente à pandemia da COVID-19. Essa dor é de todos nós! Traição, dolorida e cruel. É assim que a dor, que ora vítima a Terra, bate à nossa porta!

É preciso mantermos o alerta sobre o risco de despersonalização da dor. Não podemos aceitar a consciência dessa situação tão grave, apenas quando acontece com um familiar, celebridades ou amigos. Devemos e podemos nos reconhecer na dor do outro. É no respeito e cuidado que, vez em quando, a dor descansa e não incorre no risco de virar luto eterno. Diante de tal realidade, sinto uma necessidade de conhecer melhor quem sou. As atuais circunstâncias provocam em mim, anseio em compreender o estatuto que me rege: a lei interior que me distingue e ao mesmo tempo me assemelha a uma parte da humanidade.

Sou a segunda filha de uma família de agricultores, composta por quatro filhos, herdeira direta dos melhores ensinamentos e valores que o tempo não pode emancipá-los como ultrapassados. Carrego as lições amorosas de meu pai; homem simples e sem muita instrução, sempre foi tesouro de um conhecimento prático que os livros jamais nos ensinarão. Um ser humano portador de sentimentos e experiências muito preciosas. Meu pai, meu velho, meu amigo, foi um dos livros mais raros e relevantes que a vida me oportunizou a ler.

As pessoas precisam ser lidas. Precisamos ir além das capas dos sujeitos - livros. Não parem nas capas. Há muita riqueza escondida em capas não atraentes. Somos possibilidades, e, certamente, não estamos neste plano por acaso. Há um propósito em nossa existência e vivência terrena. Façamos ao outro aquilo que gostaríamos que fizessem por nós. Vigiem os desejos e ações para com outrem! A conta chegará! O saldo

que de suas ações pode nascer, será importante para sua (des) qualificação humana.

Entendi que em algum momento da vida, detemos a oportunidade do poder, eu diria que; “damos as cartas, ” como se diz no popular. Aí sim, surge a oportunidade de refletir sobre quem de fato, somos nós. Sinto-me testada no que há de mais íntimo na minha existência, diante desse cenário atual de pandemia! Este momento de morte<sup>2</sup> tem me trazido muito sofrimento e provocado uma sensação de insegurança, tristeza e certificações de tempos tão translúcidos quanto ao mesmo tempo, obscuros. Trabalhar os desdobramentos dos dias atuais, tem sido desafiador e exaustivo!

A dor é um sentimento real e faz parte de nossa existência terrena. Eu não a busco, mas, quando ela chega, abro as portas para que não force as janelas. Permito que entre, ofereço-lhe um café, olho nos seus olhos para que cesse o medo e, depois, me empenho em deixar que fique o tempo necessário, até que se dissolva por si só, pela força do tempo. Quando acolhida, a dor se dissipa aos poucos, e, de maneira incrível e surpreendente, o que parecia ser tão definitivo transforma-se em matéria transitória. Pode parecer-lhe estranho, mas eu prefiro que ela se acomode na sala. Se eu não permito que ela entre, ela fica batendo na minha janela, dia e noite, impedindo-me o sono.

É preciso atentar para as nuances dos elementos que provocarão o saldo final. Eles são sutis ou muitas vezes escancarados. Não importa! O saldo será de cada autor! As medidas estabelecidas diante do cenário da pandemia da COVID-19, podem ser vividas sob vários aspectos.

Enquanto alguns negam a doença, outros fingem cumprir à risca as medidas de proteção enquanto postam suas selfs em suas baladas

---

<sup>2</sup> Morte nesse contexto, refere-se ao desdobramento da ação pandêmica atual que assola o país, por meio da COVID19-doença causada por um vírus altamente contagioso e de fácil transmissão, podendo provocar a morte rapidamente.

“proibidas” ou na hipocrisia de seus refúgios paradisíacos fingindo felicidade e harmonia total e; ainda tem aqueles - os hipocondríacos obsessivos, que tornam a vida da família um inferno: uma simples tosse, já é condição suficiente de se diagnosticarem portadores do coronavírus, o que os levam a se automedicarem, sustentados em pesquisas populares sem base científica, veiculadas em programas sensacionalistas de TV.

Para além de todo esse contexto, constituem-se em potenciais buscadores de vídeos e áudios de procedência desconhecida para repassarem sem nenhuma responsabilidade, sem nenhum respeito e pudor, cultuando a projeção do vírus terrorista. A ciência nunca foi tão banalizada!

Enquanto alguns, não medem esforços para auxiliar seus semelhantes, outros se organizam de forma meticulosa para se dar bem, ainda que ilicitamente. O ódio gratuito e autorizado, acentuou-se para além da pandemia, tem revelado humanos assustadores e indesejáveis. Ao se conscientizar sobre a finitude da vida, o modo pânico é acionado e reações egoístas em nome da sobrevivência ganham espaço na aquisição de produtos para serem estocados e garantir a vida de seus familiares.

Diante de tal cenário narrado, vimos que a vida de fato é muito frágil e que pode nos faltar naquilo que deveríamos viver, pela sua raridade, intensa, preciosa e irrepetível que o é.

É lamentável que a aprendizagem de tudo isso tenha vindo a mim, pelos caminhos percorridos pela dor fria, cruel e impiedosa de uma pandemia devastadora. A dor tem sido a conselheira e companheira de dias silenciosos e incertos. Que a indignação de mãos dadas com a esperança, possa soar como combustível, percurso e horizonte para seguirmos esperançosos, além do que já sabemos. Que a marcha pela vida ganhe força na labuta dos que esperançam agindo, como bem nos impulsiona

a marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem-teto, dos sem escola, dos sem hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível. (FREIRE, 2000, p.29).

A mulher que sou, a partir da menina crescida de outrora, reflete acerca desse lugar de fala, representado pela escrita presente, que se reconhece regida por um estatuto próprio – do amor ou da dor, sob o púlpito da coragem, apela aos leitores e às leitoras. Que a indiferença a essa luta não seja nossa marca. Sabemos que a pandemia ainda não cessou, ainda teremos a imposição de outras aprendizagens, quem sabe ainda mais amargas do que as que já experimentamos. Que as lições sejam aprendidas e não sejamos de todo, reprovados na vida. Que diante de tudo isso, nossos sentimentos sejam suficientemente fortalecidos para as relações humanas, pois a esperança e a alegria apressam as horas, enquanto a dor e o sofrimento paralisam nossos dias.

## Referências

- LOLE, A.; SATMPA, I; GOMES, R.L.R. **Para Além Da Quarentena: Reflexões Sobre Crise E Pandemia**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. ISBN: 978-65-86464-15-3
- FREIRE, A.M.A. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. P. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000
- MELO, F. **Tempo de esperas: o itinerário de um florescer humano**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- PESSOA, F. **O Eu profundo e os outros Eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

## **O que a pandemia fez, faz e fará de nós educadoras? Observações experienciais**

*Carmem Sueze Silva Miranda*<sup>1</sup>

A visão e os relatos (particularmente de brasileiros) do confinamento na cidade de Wuhan (China) em fins de 2019, chocavam, na medida em que uma metrópole deserta parecia, por demais, irreal. Com compaixão pelas vítimas chinesas da covid-19, aqueles primeiros cenários nos davam a sensação de estarem, geograficamente, distantes de nós, habitantes de outra porção do Planeta. Não tardou para o cenário italiano de início de 2020, com perdas de tantas vidas em curto espaço de tempo, nos deixar ainda mais estarecidas.

Em meados de março de 2020, a região do Submédio Vale do São Francisco entra em quarentena. A última excursão técnica de uma disciplina ministrada para (pré) formandos da Engenharia Civil, apenas no campo, por parte do Nordeste da Bahia e para análise de afloramentos de rochas e de perfis de solos sob o viés do uso tecnicamente embasado dos recursos naturais, foi cancelada 15 dias antes de sua realização, bem como as disciplinas teórico-práticas iniciadas na primeira semana de março.

Apesar de o cenário das cidades desertas fazer, então, parte, também, de nossa realidade, a certeza era de que em, no máximo, três meses estaríamos de volta às nossas rotinas profissional e pessoal. Como a nossa profissão encerra inúmeros papéis e funções, segundo Gil (2010), o

---

<sup>1</sup> PhD em Ciência do Solo e Licenciada em Letras/ CENAMB/UNIVASF. Educação em Solos e Pedologia. Endereço para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8592359701300271> E-mail: [carmem.miranda@univasf.edu.br](mailto:carmem.miranda@univasf.edu.br)

trabalho docente continuou intenso e adicionalmente inserido numa catástrofe repentina com repercussão na saúde física e psicológica, na vida social e econômica do país.

No afã de sairmos do vazio criado pela pandemia em nossas vidas profissionais, pautadas na socialização presencial, buscamos respostas e soluções. Qualquer fala era ansiosamente ouvida e lida, a fim de nos compreendermos nesta realidade desconhecida. A participação em eventos que debatessem as adaptações necessárias a um “novo normal” se torna, então, uma prática comum, adicional ao trabalho regular docente.

Com a intensificação da pandemia ao fim do primeiro semestre de 2020, as instituições estruturam o retorno on-line para as atividades de ensino nas universidades, passando a capacitar os corpos docentes e/ou discentes na área de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Associado à dinâmica domiciliar regular, o espaço de trabalho em casa (home office) pode incluir, ainda, a escola, que se mudou para dentro da casa também, no caso de unidades familiares com crianças e jovens. Com isso, a sobrecarga se avoluma.

Em adição, o caos da pandemia no país nos faz padecer, por milhões de pessoas em vulnerabilidade socioeconômica e pelas vidas perdidas; no momento desta escrita, 24 de março de 2021, atingimos o terrível e infeliz patamar de 300 mil mortes por covid-19 no Brasil. Ao mesmo tempo, a fome passa a afligir mais e mais brasileiros, atualmente desprovidos de suporte financeiro como o auxílio emergencial, dilacerando nossos corações de dor.

Em meio a todo esse turbilhão individual/privado e social/coletivo, a nós, docentes, é dada a missão de dar continuidade ao componente social mais construtor e promotor da cidadania: a Educação. Os medos e as inseguranças precisam ser ignorados, para nos mantermos minimamente

funcionais dentro e fora da sala de aula on-line. E como tivemos e temos (e teremos) que agir para alcançar esta condição?

O psicanalista e professor Christian Dunker, no prefácio à edição brasileira da obra intitulada “PANDEMIA: Covid-19 e a reinvenção do comunismo” de autoria do esloveno Slavoj Žižek, afirma que “o coronavírus parece ter posto à luz a verdade latente em nossa forma de vida neoliberal: é preciso acelerar sempre, é impossível parar...” (ŽIŽEK, 2020, leitura virtual).

Apesar das quarentenas, a educação não seguiu este mesmo caminho; passamos, de fato, a precisar dar respostas em níveis inconcebíveis no âmbito da profissão docente. Com isso, houve uma aceleração significativa no trabalho docente, ao termo que dar conta de demandas adicionais, não tão intensas na realidade pré-pandemia.

Além do tempo para nos capacitarmos em TDICs, foi necessário investir tempo na criação de salas de aulas virtuais. As estratégias de ensino e aprendizagem, também, tiveram de ser reformuladas para transpor as restrições impostas pela virtualidade, a fim de permitir o alcance vygotskiano de desenvolvimento proximal. Horas e horas sentadas diante do computador e não demora para sintomas de LER (lesão por esforço repetitivo) e esgotamento físico se estabelecerem entre várias de nós.

Tudo pronto e disponível, vem a primeira reação à sala de aula virtual: discentes não se sentem à vontade para abrir a câmera, por várias razões, incluindo vergonha de expor seu ambiente doméstico aos colegas de turma. Realidade acolhida por nós, passamos a ministrar aulas dialogadas pelo chat das plataformas. Com muita insistência do docente para criar um espaço de diálogo, alguém, por vezes, se expressa, brevemente, ao microfone.

Outros elementos perturbadores do trabalho docente na realidade pandêmica ainda incluem: as emoções ante o desconhecido, os conflitos

existenciais, os desafios da superação, a solidariedade com estudantes, colegas, familiares e amigos e a busca da saúde física e mental.

Para enfrentar, de forma minimamente saudável toda esta realidade sem precedentes, busquei algumas fontes de inspiração e satisfação. O caminho da vida para mim, passa, necessariamente, pela experiência de aprender. Optei, inicialmente, pela música, não só como ouvinte (hobby), mas como aprendiz desta bela fonte de ludicidade e promotora de qualidade de vida emocional. O piano foi a opção para dar vazão aos dilemas e às dores decorrentes das adaptações na vida, que, agora, se caracterizam pelos medos de contrair o novo coronavírus e do desconhecido.

A arte da música é complexa, como qualquer área do conhecimento humano, mas pode ser alcançada em sua beleza pela dedicação. Aprender a tocar notas musicais, de trechos curtos de obras clássicas de compositores como Beethoven, me levou a uma outra dimensão dentro de mim. Por conseguinte, a balança pendeu para o lado mais esperançoso, apesar de ainda está mais pesada para o lado das dificuldades geradas pela pandemia no individual e no coletivo.

Entretanto, com o tempo, notei que ainda sentia falta de mais estratégias de promoção da saúde mental, ante às mais de 10 h diárias de dedicação à atuação profissional docente (grande volume de aulas, reuniões virtuais, respostas a mais e-mails e mensagens de Whatsapp, elaboração de textos, gravação de vídeos e a lista continua...).

A opção seguinte foi, então, por algo que envolvesse, também, o outro social. Nesta perspectiva, o universo da adoção de crianças e jovens, particularmente aquelas e aqueles inseridos na busca ativa, me trouxe mais para dentro de mim mesma como sujeito social. Meu descanso noturno passou a incluir assistir aos vídeos de especialistas no tema, como psicólogos, assistentes sociais, profissionais das Varas da Infância e

Juventude de estados como Pernambuco, coordenadores de casas de acolhimento etc.

Compreender a adoção e a doação neste tipo de processo me fez manter a esperança em dias melhores. Tentei participar de programa de Apadrinhamento Afetivo na região, mas tanto houve caso de inexistência de tal programa em um município, como dificuldade de comunicação (virtual) com o Fórum de outro município. Contudo, o sonho de fazer parte deste programa persiste.

Compreender um processo, seja social ou psicológico, enquanto o vivencio, é por demais desafiador e novo. No momento, sinto-me como se estivesse entre as personagens de José Saramago na obra literária “Ensaio sobre a cegueira” (SARAMAGO, 1995). Acometida pelo mal que a pandemia atualmente representa, persisto na existência enquanto docente, indivíduo e parte de uma sociedade que precisa sair mais solidária e menos “determinada” pelos ditames de um sistema político e econômico promotor de extinção dos recursos naturais, incluindo o ser biológico e social Homem.

## **Referências**

GIL, Antonio Carlos. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2010.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

ŽIŽEK, Slavoj. **PANDEMIA: Covid-19 e a reinvenção do comunismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

## É preciso estar atento e forte

*Roberto Marques*<sup>1</sup>

Escrevo na primeira pessoa, um pouco em forma de carta, um pouco em forma de ensaio; com algumas doses de academicismo, outras de pretenso poesia; ora em tom de angústia, ora em tom de alerta. No entanto, não tenho o desejo nem a intenção de fazer um manifesto pessimista. O problema é que o contexto é, de fato, devastador. Porém, por outro lado, como ouvi há alguns anos, pessimismo é luxo. Foi desse jeito que Divino Maravilhoso veio parar no título deste texto.

### **1 Dois relatos e algumas reflexões**

Recebi dois vídeos com crianças durante o horário escolar remoto. O primeiro, ao que tudo indica, filmado pela mãe, mostra uma criança estressada com a aula *online*. Ela, a criança, aparece visivelmente angustiada dizendo que não consegue, não sabe fazer, enquanto chora e grita, em frente ao seu laptop. Seu corpo grita mais do que a sua boca. O ambiente onde a cena acontece, parece ser o de uma sala de estar de uma família que possui um razoável poder aquisitivo – os móveis e objetos, como o próprio laptop, nos dão essa impressão. A mãe não demonstra muita empatia com a angústia da criança, e dialoga com ela, rindo algumas vezes. Esse vídeo chegou a mim, no final de 2020, por meio da rede social

---

<sup>1</sup> Professor Doutor da Faculdade de Educação/UFRJ. Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2481647952690184> E-mail: robertogeofe@ufrj.br

WhatsApp, sabe-se lá por qual caminho de quantas vias e quantos ré encaminhamentos.

O segundo vídeo, já em março de 2021, também pelo WhatsApp, foi a própria mãe que me enviou diretamente. É a filmagem do seu filho correndo ao redor da casa, também no exato instante em que está acontecendo a sua aula *online*. O menino está uniformizado e não grita, nem chora. Apenas corre, sabe-se lá se brincando ou fugindo, ou os dois. Diferente do primeiro, nesse vídeo a mãe está entre resignada e angustiada. Posso dizer que foi uma comunicação de desabafo.

Nos dois casos, temos a manifestação do sucesso da normalização de um modelo e educação que tem como eixo, o uso das tecnologias de plataformas de reunião, por meio da Internet. Tudo, ao redor, tem essas plataformas como início, meio e fim do processo educacional. A criança que chora, a criança que corre, a mãe que ri e a mãe que desanima, são produtos diretos dos conceitos e das formas que se impõem, diante de falsas premissas, como soluções que são difundidas sem que se discuta, a fundo, quais são os problemas, de fato. Se na educação básica os corpos infantis e as relações familiares externam as idiosincrasias do processo educacional que reina nos nossos tempos, na educação superior elas ficam, em grande medida, escamoteadas por algumas particularidades.

Quando iniciei as aulas *online* e à distância, na Universidade, no segundo semestre de 2020, não presenciei choros de estudantes durante as aulas, nem mesmo tive notícias de aluno ou aluna correndo ao redor da casa. Não recebi vídeos de mães com as capturas dos momentos dos seus filhos, talvez até porque algumas mães estavam do outro lado do monitor, como estudantes.

O primeiro dia de encontro com a turma, trouxe, também, a primeira surpresa: quase não havia alunos com câmeras abertas, além de alguns nem mesmo habilitarem o microfone. Como professor, minha tarefa

inglória foi a de tentar não fazer com que uma simulação digital de aula não se convertesse em mais uma *live* acadêmica. E isso não era uma questão de domínio de metodologias, de falta de criatividade ou de trânsito com as tecnologias digitais. O buraco é bem mais fundo.

## 2 Memórias do futuro

Na minha infância, eu ficava maravilhado com os desenhos animados em que os personagens se comunicavam por meio de chamadas com imagens. Em poucas décadas, o que parecia fruto de uma imaginação futurista, se tornou comum. Porém, saímos do futuro fantástico dos desenhos para uma realidade bastante diferente daquela. Nos encontros com as turmas, a paisagem de uma tela com as várias janelas abertas e fechadas me remete aos quadros da Hogwarts, da saga de Harry Potter, escrito por J. K. Rowling. Nessa história, os personagens dos quadros se mexem, desaparecem para dentro das telas e conversam com os expectadores. Eles participam da história, estabelecendo uma ponte entre o passado (de quando estavam vivos) e o presente (agora presos aos seus quadros). Porém, na aula *online*, os personagens são contemporâneos entre si.

Não há ficção, mas realidades, vidas, que quando compartilhávamos o espaço físico e real das salas e dos corredores da Universidade, nos encontros das trajetórias produziam conflitos. Os corpos carregavam as marcas das suas histórias, tensionando um ambiente historicamente aséptico e produzindo questionamentos. Agora, filtrados por telas, ciberespaço e tecnologias digitais, as relações entre os sujeitos passaram a ser conduzidas em outros termos. Além disso, a ausência do espaço físico da Universidade parece ter provocado, também, uma cisão nas relações entre sujeitos e conhecimento.

Certa vez, um estudante, durante um encontro com a turma, escreveu na seção de bate-papo (*chat*) da plataforma: “Professor, desculpe não

abrir a câmera nem o microfone, porque eu estou no trabalho. Mas, estou acompanhando a aula”. Essa foi uma das tantas outras intervenções que li nos *chats*, ao longo dos encontros digitais. Alguns, também, me relataram a dificuldade de estudar, porque o faziam nos cantos da Universidade ou mesmo no caminho, dentro do ônibus.

Por um lado, a ausência da necessidade de se deslocar para a Universidade, ou mesmo de estar na própria sala de aula física, matematicamente possibilita que estudantes se inscrevam em disciplinas e concluam os cursos em um tempo que é tão somente o xadrez das grades curriculares. Seria um lado positivo para os estudantes que muitas vezes não conseguem pagar as passagens, por exemplo. No entanto, essa matemática cartesiana das grades de horários e das integrações curriculares, uma vez que não tem correspondência com um espaço físico que a materialize, tende a se tornar uma abstração sem espaço. Ou melhor, cabe aos estudantes – e não ao professor – dar materialidade a essa ordem temporal. Ao sair do campus e das suas salas, a Universidade se pulveriza e não encontra chão para assentar. Isso fica a cargo de cada um, ao seu jeito, às suas possibilidades.

“Professor, não consigo estudar em casa”, “professor, a milícia cortou a conexão e não tenho como acompanhar as aulas”, “preciso parar agora para preparar o jantar do meu filho”. Os adultos não se desesperam em frente ao computador, nem correm ao redor da casa. Os corpos já passaram por longos processos de domesticação e, por isso, os corpos falam menos. Suas angústias aparecem em frases para justificar as suas impossibilidades de atender a demandas que continuam vivas. Porém, agora estão submetidos ao desamparo dos indivíduos – estão sozinhos.

Por isso, também, recebo comunicados de estudantes desestimulados, pensando em trancar a matrícula ou mesmo abandonar os estudos. E me contam que olham ao redor e veem tudo ruindo; quando são das

classes médias, são os seus amigos desempregados e passando necessidades; quando são dos degraus mais baixos, são os próprios que não conseguem encontrar sentido nem forças para seguir. Sim, o espaço físico e material da Universidade, também, é troca de afetos e de estar juntos.

Além da ameaça de toda essa fragmentação, não podemos esquecer que existência de um espaço-universidade fisicamente estabelecido e com um tempo a ele estritamente vinculado, era a condição para a relação com o conhecimento. Agora, retirada essa estrutura, extraídos os sujeitos daquele espaço, essa relação com o conhecimento foi redimensionada e reposicionada. Esvaziado de sentidos, a produção do conhecimento é tensionada a se reduzir a repasse de informações. As chamadas *plataformas educacionais* são a prova disso.

Anunciadas como solução para o problema da ausência do espaço físico da escola, elas são repetições do mesmo, uma monotonia criativa salpicada de fetiches tecnológicos. Algumas se apresentam como mais “intuitivas” enquanto outras são mais estranhas ao primeiro contato. Mas, invariavelmente, as plataformas, principalmente as mais difundidas, como GSuite/Google Classroom, AVA/Moodle ou Microsoft Teams, são variações do passo-a-passo, baixe-leia-insira-a-tarefa, vinculadas a alguma modalidade de videoconferência e até mesmo agenda virtual. A mesma concepção de educação está em todas elas: conhecimento como objeto, aula como absorção de conteúdo, aluno como tarefeiro.

E o menino corre ao redor da casa, enquanto o outro se desespera em frente ao computador. Na Universidade, as janelas seguem fechadas, a caixa de e-mail do professor fica abarrotada de pedidos para entregar os trabalhos além da data e as “aulas” iniciam com as dúvidas sobre a próxima tarefa a ser cumprida. É verdade que, pelo menos, essa é uma possibilidade de não perdermos o contato, de lutarmos contra a fragmentação e criarmos canais para tentar reduzir a solidão do indivíduo. Porém,

estamos em um estranho futuro que não estava inscrito nos desenhos animados. Ele (chagou) chegou a nós de forma impositiva, definindo as nossas atribuições, tentando circunscrever nossos modos igualmente tentando impor um sentido ao nosso fazer.

Na linha do “absorva-produza-e-devolva”, pouca margem há para escapar da passividade da relação com os materiais, sejam eles textos, vídeos ou áudios gravados. Penso se Humboldt ficaria satisfeito em visitar o mundo pelo Google Earth ou em vídeos do tipo “o mundo visto de cima”; se Darwin trocaria a experiência de tocar nas tartarugas de Galápagos pela diversidade de filmagens de tartarugas que existem no YouTube; ou o que Engels escreveria sobre a situação da classe operária se acompanhasse assembleias exclusivamente em *lives* pelo Facebook ou Instagram. Penso em Paulo Freire sem a imersão em Angicos. Assim são os trabalhos de campo, os laboratórios, as bibliotecas, os corredores, as salas das Universidades e a presença constante do outro. Para além de Rousseau ou Pestalozzi, a questão é a experiência que nos leva a conhecer, a aprender e a produzir conhecimento.

Prescindir do espaço e do outro significa reduzir o conhecimento a uma dimensão prioritariamente objetiva e limitadamente cognitiva – o que é preocupante quando igualmente nos remetemos ao que está acontecendo com o conhecimento na educação básica e também na educação superior. Não custa lembrar o caso recente de uma faculdade privada que continuou utilizando os materiais e até mesmo as avaliações, mantendo as turmas de um professor falecido há dois anos, sem que os estudantes percebessem.

### **3 Uma última história**

No início da pandemia, participei de uma *live* que teve uma certa capilaridade. Uma amiga, dias depois, reclamou que eu estava fumando,

durante o evento. Argumentou que não era um bom exemplo, que eu estava em público, etc. Fiquei surpreso, contra-argumentei, e continuei refletindo depois. Lembrei de algumas professoras, na Universidade, que fumavam em sala, no final dos anos 1980. Na época, não havia restrições para fumantes em ambientes públicos fechados – uma regra de convívio justificada por questões sanitárias, mas, também, uma questão de respeito ao próximo que não figurava na nossa cultura, até então. Afinal, quando precisamos ocupar o mesmo espaço fechado, por algum motivo... e a regra virou lei. A diferença entre a situação de décadas atrás e a atual, *hi-tech*, é simples: eu estou em casa. Diferença nada desprezível.

Dentro da pedagogia neoliberal que vem embalada nas tecnologias digitais, a fragmentação dos espaços de educação, a solidão dos indivíduos, a intensificação dos cumprimentos incessantes e a relação coisificada com o conhecimento, não são suficientes. Ao que parece, a performance também está no pacote. Uma vez que os fazeres “da rua” ou “do trabalho” adentraram o ambiente doméstico compulsoriamente, a nossa exposição ao público passou a ser objeto de intensas avaliações sociais regulatórias. Como avatares de redes sociais, porém, de maneira um tanto esquizofrênica. Afinal, ao fumar em uma apresentação cibernética, estou ao mesmo tempo inserido nas estatísticas de aumento do consumo de álcool e tabaco na pandemia, e aos ditames morais daqueles para quem apareço (e que não tenho controle do destino da imagem). Expomos nossas imagens sem contato direto com aqueles com os quais estamos estabelecendo comunicação, seja naquele momento (em *lives* ou aulas), seja em momento posterior (nas gravações que alimentam as redes sociais). E a tensão provocada por esse modo nos exaure.

Em meio ao emaranhado de superdemandas e na exaustão das excessivas horas de exposição nas e às telas, creio que pouco tempo temos para nos afetar, de fato, com os 300 mil mortos que ultrapassamos ainda

no mês de março, nem com as 220 mil pessoas vivendo em situação de rua, ou os mais de 14 milhões de desempregados. Se os números estarem, a distância emocional e social, anestesia. Passam a ser números, como as notas das avaliações e as fórmulas matemáticas dos algoritmos. O futuro não é uma projeção simples de causa e efeito do presente. Por isso, se não somos aspirantes a Família Jetson, de Hanna & Barbera, tampouco amanhã sonharemos com ovelhas elétricas, como na obra de Phillip K. Dick, transformada em filme por Ridley Scott. Para isso, ecoa, ainda muito atual, o alerta de Marina Colassanti: a gente se acostuma, mas não devia.

## **A tal normalidade da vida: uma crônica do cotidiano**

*Ivânia Paula Freitas de Souza Sena*<sup>1</sup>

Estamos transbordados, nada mais nos cabe. Mentes cheias, sobrecarregadas de informações que circulam velozmente nas redes sociais, superlotando a memória do celular e nos levando a uma situação extrema de cansaço mental. Chegamos ao ápice, como um copo que não cabe mais uma única gota, sob o risco de espalhar sua água recipiente a fora. Uma gota pode significar uma tempestade de efeitos inimagináveis!

Há morte demais ao nosso redor, ela se aproxima, chega cada vez mais perto, nos aflige, nos assusta, nos ameaça como uma fera à espera do momento certo para capturar a sua presa e tudo parece ser, apenas, uma questão de tempo. Ficamos superlotados, exaustos, profundamente exaustos, como se estivéssemos em uma batalha permanente onde não há tempo para o descanso. O medo cansa, a expectativa sobre o amanhã, nos deixa em ânsia.

A maioria vive uma batalha travada de dentro das próprias casas, no cotidiano cheio de exigências ininterruptas. Precisamos juntar todas as forças para sobreviver e não há outra alternativa. Estamos em estado de quase total exaustão emocional, mais do que física. Há um turbilhão de coisas dentro de nós mesmos e elas nos levaram ao mais profundo labirinto de nossos sentimentos e buscamos, ofegantes, a porta de saída, mas

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus VII. Fotógrafa amadora. Pedagoga, mestre e Doutora em Educação. E-mail: [ipfsouza@uneb.br](mailto:ipfsouza@uneb.br). Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/5025732509414142>

tudo parece muito confuso. Olho para mim e para os que convivo e vejo cada um de nós como uma pequena embarcação em meio ao oceano vasto, cuja vela se rasgou e ficou à deriva.

Embora estejamos, todos, fora do curso, a vida (dos que permanecem de pé) é empurrada em uma acentuada e naturalizada insensatez coletiva onde perdeu-se o bom senso sobre o que é prioritário e o que pode esperar. Em meio a uma pandemia avassaladora, onde precisávamos fortalecer os laços de solidariedade, empatia e fraternidade, estamos, cada dia, mais solitários, individualistas, indiferentes, egoístas e acelerados.

Prisioneiros da “normalidade” que criamos, agimos como se estivéssemos de olhos vendados ou acometidos por uma doença que nos tirou todos os sentidos, nos impedindo de ver a realidade ao nosso redor, de ouvir os choros dos aflitos, de sentir as dores dos que nos rodeiam e as nossas próprias dores. Quase isentos de sensibilidade, tentamos seguir o curso do que chamamos de “vida normal”, ignoramos a areia movediça que se espalha sob nossos pés e seguimos sem perceber que essa forma de andar e essa direção para qual marchamos, estão nos asfixiando.

Em meio a essa asfixia coletiva, parece que a única saída é negar a realidade, subtraindo o significado real das coisas. De segunda a sexta, entramos no modo automático, trabalho doméstico e remoto tomam nosso tempo e a gente até esquece do mundo lá fora e dos sinais do vulcão em erupção dentro de nós. Corremos enlouquecidos para dar conta do cotidiano que nos aproxima da nossa desejada “normalidade”. Fazer almoço, janta, cuidar da casa, lavar roupas, orientar os filhos, escrever aquele artigo, corrigir trabalho, planejar aula, dar aula, reuniões de trabalho, contas que não param de chegar. O manter da vida nos assusta, está tudo caro, o salário não é suficiente para cobrir as despesas. As preocupações aumentam. Adoecemos! Temos medo de ir ao consultório médico, medo de piorar, medo de não ter vaga na UTI. E agora?

Na exaustiva rotina, tentando correr (como se assim tudo o mais, também, passasse depressa), dormimos tarde, acordamos cedo. O dia parece curto, há tarefas demais, há tempo de menos, é possível aumentar as 24 horas, por favor? A semana é marcada por uma incrível habilidade que desenvolvemos para dar conta das tarefas de casa e das demandas de trabalho que, agora, se misturaram ao cotidiano da família causando uma tremenda confusão em nossas vidas. Reuniões *on-line*, aulas, prazos, tarefas que parecem não ter fim, tudo *on-line* nas cansativas telas.

Enquanto cozinheiro, eu participo da reunião, enquanto vejo o noticiário - lavo os pratos, enquanto limpo a casa e lavo o banheiro - penso no artigo que está pendente e no trabalho da aluna que fiquei de ler e dar retorno. Muitas vezes, almoçamos, olhando para o celular ou para o relógio do micro-ondas, a comida quase não é saboreada, mas já faz mais de um ano que cozinheiro todos os dias, é impossível que essa comida ainda tenha algum sabor ao meu paladar já acostumado!

De vez em quando, entre as mil mensagens de política e de trabalho, algum amigo manda uma canção, uma poesia ou, simplesmente, um “olá, como está”? Quase sempre a gente visualiza e não responde, muito raramente, a gente ouve a canção ou lê a poesia e agradece. A maioria das vezes não dá tempo, logo chega outra mensagem, urgente, e aquela fica para trás, perdida entre tantas outras.

N´outras vezes, a gente responde, há uma vontade danada de tirar um tempo e conversar: “oi minha amiga, tudo “bem” e você? “. O “bem”, entre aspas, é a deixa para que a conversa siga, mas do outro lado da tela, a outra pessoa já se perdeu nas suas tarefas, também, aceleradas e os “pauzinhos” da mensagem continuam cinza, sinalizando que ela não visualizou sua resposta. Um dia, dois ou mais, depois, ela responde, diz que não viu a mensagem, fala algo em duas linhas e aí o ciclo retoma. Agora é você quem não olha a mensagem, ou por não querer, ou por não poder ou por

que você está sem tempo ou, ainda, muito cansada para essa difícil tarefa de “jogar conversa fora”.

Como tem sido “comum” nesses tempos de avanço do egoísmo e da ganância, tem-se evitando qualquer coisa que indique um compromisso mais longo com o que não signifique alguma “vantagem” pessoal. As relações duram, apenas, o suficiente para que, delas, se tire proveito. As relações duram apenas o suficiente para que delas se tire proveito. É cada um atrás do seu sucesso, por essa razão, as relações precisam ser flexíveis, instantâneas e durar o tempo necessário para o objetivo imediato. Caso permaneçam, devem garantir uma certa aproximação quando for conveniente e se distanciar pela mesma razão. Compromissos longos, implicam perda de tempo.

Esse formato de relações pode ser sentido nos grupos das redes sociais. Mesmo quando há pautas de interesse coletivo, há os que pouco colaboram com os demais, preferem o lugar do silêncio e da espera da melhor oportunidade para si. Se algo lhes interessa, individualmente, se pronunciam, se não, ficam lá apenas observando as coisas acontecerem. Se isentam do processo e miram, apenas, em si mesmos.

Olhar uma mensagem que acabou de chegar no celular exigiria, dos mais educados, dar uma resposta e isso abriria espaço para uma conversa. Para fugir desse compromisso com o bate papo que leva tempo, muitos têm desativado o recurso de visualização de conversas do *WhatsApp*, o que permite que aquele que enviou a mensagem, não saiba se ela foi ou não visualizada. E assim, fazendo da indiferença um valor e um troféu de espartezza, muitos vão seguindo frios, calculistas, egoístas, isolados em si mesmos.

Aos sábados e domingos, as redes sociais, especialmente, os grupos de bate papo, que tanto nos inquietam na semana, parecem dar uma pausa e se calam. Há um tempo atrás, a gente tirava o fim de semana para estar

com os amigos ou visitar familiares, era a hora do encontro, de termos aquela conversa, de sorrir, desabafar, apoiar e ser apoiado. Era nosso bálsamo.

Na situação de distanciamento social, essa mesma necessidade (vital), de estar com os amigos e familiares, não se estendeu para as redes sociais na mesma proporção que o trabalho remoto tomou. Nesses dois poucos e curtos dias que nos restam (nem sempre inteiros), de tão abarrotados da quantidade de informação que chega pelas telas, fazemos uma espécie de “voto de silêncio” e poucos ousam quebrá-lo nos vários grupos que nos inserimos nas redes sociais.

Sabidamente, abandonamos o celular. Cansamos de telas. Mas, em tempos pandêmicos, quando não há outros meios de “encontros”, com o celular deixado de lado, vão-se, também, os amigos, os parentes que não podem mais ser visitados presencialmente e que acabam sendo postos à margem de nossa vida, cada dia mais um pouco. Nesse movimento contraditório da exaustão das telas e da “solidão de amigos”, nos afastamos, cada vez mais, uns dos outros e parecemos nos acostumar com essa ausência, fazendo disso o “novo normal”, um novo jeito de viver daqui para a frente.

Talvez, passe por nossa cabeça perguntas como se quase tudo pode ser de forma virtual, se tudo é rápido, instantâneo, utilitário, prático, precisamos mesmo de amigos? “Fulana conversa tanto!” “Fulano tem tantos problemas, haja tempo para ouvir!” Já temos “amigos” demais nas redes e como quase tudo se resume às trocas de mensagens que nem precisam de respostas, ou às relações de trabalho, talvez a gente não precise mais de amigos além desse formato. Mas, vai que a gente precisa (precise) de alguém para algum favor? Bom, aí a gente vai lá nos “contatos” e procura aquela pessoa que sempre está disposta a nos ajudar e meio que, sem

nenhuma vergonha, a gente vai lá, dá um “oi”, pergunta como está, não espera a resposta e já faz o pedido do favor.

Nesse formato do “abandono afetivo”, o vazio que parece ter se expandido dentro de nós, evidenciou o quanto nossas vidas foram resumidas às tarefas cotidianas, automáticas e produtoras de indiferença, que fazem a roda girar em torno de si mesma e não da vida para além dela. Obviamente, não foi a pandemia que nos trouxe até esse estágio, se vivêssemos sob outras bases sociais, não estaríamos com nossa humanidade tão assustadoramente ameaçada!

A pandemia, que nos impôs o asfaltamento social, apenas revelou o quanto estamos nos isolando de nós mesmos, da nossa essência humana de vida em coletividade, da solidariedade e da empatia como valores essenciais e das relações afetivas (acolhimento, amizade, fraternidade, apoio, solidariedade, escuta, diálogo, amorosidade) como fundantes e indispensáveis para termos uma vida que valha a pena ser vivida.

Esses traços da vida coletiva que caracterizam o “ser” humano, só podem ser mantidos se nos relacionamos com as pessoas na sua inteireza, se mantivermos a clareza de que não somos coisas, não somos apenas um contato no celular ou nas redes sociais, não somos máquinas de trabalho, não somos fontes de consulta, não somos objetos descartáveis que uma vez utilizados, já não servem mais. Somos pessoas e precisamos de outras pessoas, da voz, do abraço, do olho no olho, do cheiro, do afago, da paciência da escuta, do conselho, da companhia divertida, das lágrimas compartilhadas, das angústias divididas, da mão sobre a mão, do sorriso que tranquiliza, da gargalhada animada, da companhia em silêncio quando as palavras são dispensáveis.

Precisamos das outras pessoas que nos conflitam, que nos tiram do conforto, que nos provocam em suas diferenças, que nos deslocam de lugar e nos obrigam a sair de nossa condição individualista. É no contexto

dessas relações contraditórias, antagônicas, vivas, dinâmicas, que nos aperfeiçoamos como pessoas, como sociedade, como humanidade. Não somos máquinas, não podemos viver como máquinas, não podemos nos comportar como máquinas. Precisamos de mais, de muito mais!

Nesses dias pandêmicos, colecionamos carências. Acumulamos perguntas, listas inteiras de angústias que não temos com quem dividir. Muitos de nós não aguentam e sufocam com as palavras guardadas que viram doenças, que abatem a alma e o corpo físico. Outros recorrem à superexposição nas redes sociais e, no máximo, ganham alguns *likes* ou pequenas manifestações de solidariedade, pois seus desabafos são logo esquecidos pela polêmica da vez. Eles também acabam adoecendo, pois logo estão, novamente, carentes de atenção e há muitos concorrentes nas redes. Outros veem como saída, agirem como robôs incansáveis, trabalham vinte e quatro horas diárias e, uma hora param, ou porque se decepcionam ao se perceberem sozinhos ou porque seu corpo aponta que há limites. Alguns, simplesmente, resolveram agir como “atores” e criaram em torno de si, um mundo de “Alice” ou de “Poliana” e acreditam que tudo passará sem que isso exija de todos nós, mudanças mais profundas. Essas pessoas, também, estão adoecendo, se afastando, cada vez mais, da realidade como totalidade, o que as levam a um tipo de adoecimento cada dia mais comum! O excesso de si mesmas.

Mesmo quando tentamos ser fortes, sabendo que não há saída, a não ser lutar para sobreviver nessa guerra, cujas batalhas são diárias e vão muito além do medo da morte pelo COVID-19, a sensação que temos é que estamos, todos, no limite! Parece-me que é chegado o tempo de fazermos escolhas profundas sobre o tipo de ser humano que nos tornamos e se, de fato, é isso que queremos ser. É chegada a hora de olhar quais valores se manifestam em nossa forma de tocar a vida e como, muitas vezes, somos tão contraditórios com o que dizemos defender e acreditar. É chegada a

hora do enfrentamento do modelo social que nos colocou nesse ponto de encruzilhada e que se revela tão desumanizador.

De modo bastante doído, fomos colocados diante de nós mesmos, como se um grande espelho tivesse sido erguido e refletisse, de uma só vez, toda a humanidade. Nada mais pode ser ocultado. A verdade que se revela diante de nós, mostra que somos o que vivemos no dia a dia de nossas casas, aquilo que ouvimos nas incansáveis manchetes dos jornais, sobretudo, nas manifestações de rua, quando empresários clamam pelos seus lucros e pessoas fazem festas em meio a milhares de covas que engolem vidas saqueadas pela COVID.

Devemos tirar algum ensinamento da inesperada experiência, conosco, que a pandemia drasticamente nos fez encarar. Não acredito em castigo, mas em consequência. E creio que arcamos, agora, com parte do que temos feito a nós mesmos, do consenso que estabelecemos em torno de um modo de vida insensato, insano e desumanizador que chamamos de “normalidade”.

Os nossos filhos já colhem parte desse saldo e seus filhos, portanto, nossos netos e os filhos deles, colherão os saldos dessa soma que não cessa de se multiplicar. Se a tal normalidade da vida é seguir como vivemos até aqui, devemos refazer a rota, se ainda houver tempo e para quem tiver tempo.

Esse relato do cotidiano, não é um relato de desesperança, mas de alerta. É um grito! Um grito silencioso de palavras que saem pelos dedos e tentam desobstruir parte do que está no meio da garganta, numa tentativa de sair do quadro de asfixia que nos entorpeceu e nos colocou no modo automático de viver. Como não somos máquinas, uma hora tudo isso vai eclodir e seremos todos atingidos pelas consequências.

Sabendo de tudo isso, é fundamental regar as nossas mentes e corpos para fazer brotar a força esperançosa que nos anima a mudar as coisas,

que nos tira da espera e nos coloca em ação na necessária travessia desse momento ímpar na história de nossas vidas. Por mais tempo que esse tempo dure, ele passará, como tudo passa, inclusive, nós.

## **A partir de nós mesmos: artigos e ensaios**

Vamos mudar o mundo,  
Transformá-lo de pedra em espelho  
para que cada um, enfim, se reconheça.  
Para que o trabalho não seja um meio de vida  
para que a morte não seja o que mais a vida abriga  
Para que o amor não seja uma exceção, façamos  
agora uma grande e apaixonada revolução.

Mauro Iasi



## **Formação de professores para a educação de jovens e adultos na perspectiva da humanização no contexto da pandemia**

*Gilvanice Barbosa da Silva Musial*<sup>1</sup>

### **Introdução**

Esse texto tem como objetivo, refletir sobre a formação de professores para a atuação na Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da humanização, considerando o contexto da pandemia da COVID-19 e os avanços do conservadorismo e das políticas neoliberais no Brasil. Tem como ponto de partida, as seguintes questões: Quais os principais desafios se apresentam à formação de professores para atuarem na Educação de Jovens e Adultos no contexto da pandemia da COVID-19 e seus resultados devastadores do ponto de vista da saúde, da renda, da proteção social do seu público?

Considerando que as classes de EJA são compostas por adolescentes, jovens, adultos e idosos populares, negros/as e, em grande parte, oriundos dos espaços sociais rurais e, fortemente, atingidos pelos efeitos nefastos da pandemia, como enfrentar a barbárie? Como não sucumbir à tristeza, à desesperança, ao desespero diante dos ataques à educação, à saúde pública, aos bens públicos e sociais, às riquezas nacionais, aos povos originários, aos povos tradicionais, quilombolas, comunidades periféricas, à população negra, às mulheres, à população LGBTQI+? Como reagir, tendo a educação como espaço de humanização, de prática da liberdade,

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - FACED/UFBA, PPG/MPED/UFBA. E-mail: gilvanice.musial@ufba.br. Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3290799012387538>

de esperança? Para a nossa reflexão, mobilizamos os conceitos de humanização em Freire (1987), de educação como prática da liberdade em Freire (1987, 2011, 2017) e hooks (2017) e esperança em Freire (2002), como balizadores para Formação de Professores para atuação na Educação de Jovens e Adultos.

### **1 Humanização como verdadeira vocação de homens e mulheres no mundo**

Para Freire (1987), a humanização e a desumanização são possibilidades dos seres humanos em diferentes tempos históricos, mas, somente, a humanização representa a verdadeira vocação de homens e mulheres no mundo. No nosso tempo histórico, tomar esse princípio freireano no cotidiano de nossas vidas e do nosso fazer profissional como professoras, professores, formadoras, formadores, torna-se uma tarefa urgente. Esse exercício, não só pode nos fortalecer como seres comprometidos com a humanização, mas, também, com a construção de um mundo justo, democrático, inclusivo, diverso, em que homens e mulheres tenham a possibilidade de exercer seu direito fundamental de *ser mais*, de viver plenamente sua humanidade, cotidianamente negada nesse tempo de morte, de luto, de fome. Nesses tempos em que a humanização é negada a cada marca no número de mortes pela COVID-19 e pelo descaso das autoridades competentes, contraditoriamente, ela é, também, afirmada na luta por justiça para Marielles, Cancelliers, Lulas, pela verdade sobre professoras e professores progressistas, universidades e escolas públicas, saúde pública, funcionalismo público..., por solidariedade aos povos indígenas, quilombolas, às populações periféricas, mas, também, às famílias de todos e todas que perdem suas vidas desnecessariamente, fruto de uma política genocida que trata com descasos a saúde pública, os protocolos sanitários, a ciência. Como é possível pensar a educação de Jovens e Adultos em uma perspectiva humanizadora?

Em primeiro lugar, destacamos que a assunção de que todo ato educativo, é um ato político que coloca às educadoras e educadores o desafio de fazerem escolhas. Não sendo neutra, a prática educativa assumirá uma posição a favor ou contra a humanização, a libertação, a emancipação.

Para Freire (1987, p. 30), “a desumanização que não se verifica apenas nos que tem sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que roubam, é distorção do *ser mais*. É distorção possível na história, mas não vocação histórica”. Nesse sentido, a luta pela humanização no nosso tempo histórico, significa a luta pela democracia, por educação e saúde públicas de qualidade, por ciência socialmente referenciada, por vacina, por informação, por liberdade, pela afirmação de homens e mulheres como *seres para si*.

Na educação de jovens e adultos que se constitui como uma modalidade da educação básica que tem como marca o pertencimento de classe, raça-etnia, territorial, geracional, de gênero de seu público que, em grande parte, foi, precocemente, inserido no mundo do trabalho e excluído da vivência escolar e que enfrentam inúmeras dificuldades econômicas e de acesso a bens culturais e sociais, assumir a educação em uma perspectiva humanizadora, é acreditar que a “desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera violência dos opressores e esta, *o ser menos*”. (p.30)

Formar educadores da educação de Jovens e Adultos em uma perspectiva humanizadora, implica um compromisso com uma formação de qualidade que compreenda uma formação intelectual rigorosa e uma constante análise da realidade concreta da escola, dos e das estudantes. Uma formação que ultrapasse os processos técnicos do aprender a fazer (tão presente na reforma empresarial da educação), como ressalta Freitas, e

possibilite uma capacidade de reflexão sobre o mundo e sobre sua ação sobre ele, em direção a transformação.

É porque vivemos em uma sociedade desumanizadora que Freire (1987) nos convida a assumir, o que ele chama de Pedagogia do Oprimido, ou seja, “aquela que tem que ser forjada com o oprimido e não para o oprimido”, enquanto homens e mulheres ou povos, “na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas, objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que a pedagogia se fará e se refará”. (p.32)

A nossa aposta é que esses tempos sombrios não nos inviabilize como seres históricos, que possamos forjar (no sofrimento, no luto, na dor), a força necessária para transformar a realidade na qual vivemos, hoje, em tempos mais promissores e plenos de liberdade. Para isso, faz-se necessário pensar a educação de Jovens e Adultos como Educação, como prática da liberdade. É o que discutiremos na próxima sessão.

## **2 Educação de Jovens e Adultos como Educação como prática da liberdade**

Vivemos a difusão das chamadas Pedagogia do Medo e da Mentira, tão largamente utilizadas em tempos de autoritarismo, em experiências fascistas e nazistas, mundo afora. Essas Pedagogias servem às classes dominantes, e utilizam métodos que não servem à libertação do oprimido. Como essas Pedagogias têm informado e formado professores? Como devemos reagir a elas, individual e coletivamente? Qual o impacto dessas pedagogias para a formação de professores, para a Educação de jovens e Adultos?

Em tempos de ataques a democracia, com tentativas de cerceamento do trabalho de professores, com perseguições, abertura de processos judiciais, ameaças, podemos afirmar que vivemos em um período em que as

pedagogias autoritárias e até mesmo fascistas, disputam a pauta da formação de professores. Uma de suas estratégias mais bem-sucedidas é a mobilização do medo e da mentira.

Para Freire (1987, p.33) “o medo da liberdade, de que se fazem objeto os oprimidos, medo da liberdade que tanto pode conduzi-los a pretender ser opressores também, quanto pode mantê-los atados ao *status* de oprimidos” é um aspecto que merece reflexão. Esse medo não só é alimentado pelos opressores como pode ser reafirmado pelos oprimidos através de argumentos que indiquem a impossibilidade de mudança, de transformação. Freire ressalta que a liberdade não é um ponto ideal ao qual se pode chegar e permanecer nela confortavelmente. É, antes, um processo constante de busca e de luta. A liberdade é uma conquista e não uma doação. Ela não virá como dádiva dos opressores, mas sim com a ação transformadora dos oprimidos.

Essa ação transformadora, implica, pelo menos, dois movimentos dialeticamente articulados, a ação sobre a realidade objetiva, mas, também, subjetivamente, a própria transformação de homens e mulheres num movimento de partejamento de uma consciência transformada. Ou seja, para Freire (1987) “não se pode pensar em objetividade sem subjetividade”, mas em “subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade”. (p. 37)

Mas o medo, também, é utilizado como modo de governo que se concretiza nas ameaças a professores progressistas, nos ataques aos currículos escolares e à liberdade de cátedra, nas invasões às atividades universitárias *online*, nesses tempos de distanciamento social, mas que já vinha acontecendo em menor escala nas atividades presenciais, nos ataques aos docentes pelas redes sociais com destruição de reputações, falsas acusações e disseminações de mentiras.

Nesse contexto, um simples grupo de estudos sobre marxismo, gênero, Paulo Freire, atividade tão rotineira e fundamentais nas universidades brasileiras, pode ser invadido por grupos de extrema direita. Espaços que se constituem, na sua maioria, possibilidades de diálogo entre universidade e escolas da educação básica, universidade e comunidade universidade e Movimentos Sociais. Espaços que cumprem uma finalidade básica do fazer universitário, a extensão universitária, fundamental para a construção de novas pautas de investigação e produção de novos conhecimentos.

No nosso tempo histórico, os senhores e senhoras da morte espalham, pelos quatro cantos do país, mensagens falsas que desinformam as pessoas, incentivam comportamentos que causam riscos à saúde individual e coletiva como as aglomerações, o não uso de máscaras, a não vacinação, a utilização de terapias que não possuem eficiência comprovadas e quando tudo corre errado, recorre-se ao divino como única saída para a tragédia anunciada.

Vivemos uma escalada de violência que se traduz nas mais de 280 mil mortes pela Covid-19 e na qual são os seguimentos populares, de baixa renda e dependentes dos serviços públicos de saúde, os mais atingidos. As/os estudantes da Educação de Jovens e Adultos integram esse público que está sendo, fortemente, atingido pelos efeitos devastadores da doença e pela ausência de políticas públicas efetivas de amparo a essas pessoas. Com a suspensão do auxílio emergencial no final de 2020, e caminhando para o quarto mês do ano de 2021, sem nenhuma medida de amparo à população mais vulnerável. É essa população que obrigada a se aglomerar, todos os dias, em pontos de ônibus e em transportes públicos, que esteve e continua exposta, cotidianamente, ao vírus e contabiliza os maiores índices de óbitos, proveniente da pandemia.

Ao mesmo tempo, manifestações em prol da abertura de comércios e serviços não essenciais, mostram o sadismo “como uma das características da consciência opressora na sua visão necrófila do mundo. Por isso é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida” (FREIRE, 1987, 47). "E daí? Lamento! Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre", “Não sou cozeiro” etc.

Achilli Mbembe (2018, p.3) afirma que na contemporaneidade, marcada pela destruição da vida humana é possível pensar em categorias menos abstratas para analisar a política, a soberania e o sujeito, ou seja, as categorias de vida e morte. Sugere que “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder na capacidade de ditar quem pode viver, quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. (p. 3)

Experimentamos no Brasil atual, a morte como política, a política da morte, a necropolítica sendo executada cotidianamente. Morte objetiva e subjetiva, pelo adoecimento do corpo físico e psíquico. Esse é o cenário nos quais professoras e professores da Educação de Jovens e Adultos estão e continuarão se confrontando ainda por algum tempo.

Nesse sentido, assumir uma pedagogia engajada é fundamental. Para bell hooks (2017, p.35-36) “a pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda a sala de aula em que for aplicado o modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado para esse processo”. Aos professores progressistas cabe a tarefa de transformar os currículos, transgredir na sua prática pedagógica “a tal modo que não se reforce os sistemas de dominação”, são eles os mais dispostos a “correr os riscos acarretados pela pedagogia engajada e a fazer de sua prática de ensino um foco de resistência”. (p.35-36)

Na educação como prática da libertação, será necessário conhecer e nomear as dores que afetam estudantes e professoras da EJA, nesses tempos difíceis. Novas e antigas dores provocadas pelas violências de uma sociedade marcada pela força do patriarcado de supremacia branca, que se expressa no sexismo, no racismo, na homofobia e tantas outras violações do direito de homens e mulheres de *serem mais*. bell hooks (2017) ressalta o desafio de nomear nossa dor e teorizar sobre ela, mas destaca a importância de homens e mulheres que “ousaram criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõe corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas”, e claro, práticas (p.103).

Precisaremos nos debruçar sobre nossas dores e fazer delas, combustível para nossa luta e resistência na Educação de Jovens e Adultos, em uma perspectiva transformadora. Para isso faz-se necessário cultivar a esperança.

### **3 A esperança como ferramenta para a formação de professoras/es para a EJA no contexto da Pandemia**

Início essa seção, ressaltando a importância ontológica da esperança como ferramenta para a formação de professores da Educação de Jovens e Adultos no contexto da pandemia da COVID-19 e dos ataques à democracia no Brasil. É claro que, como ressalta Freire (2002, p.10), “sem negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam”, não podemos entender a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor. (p.10)

Ao propor uma Pedagogia da Esperança, Freire (2002), ressalta que “a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira assim espera vã” (p.11). Sem um

mínimo de esperança, se quer iniciamos o embate pela construção de uma formação de professoras para a Educação de Jovens e Adultos em uma perspectiva da libertação.

Como nos mobilizamos na Faculdade de Educação da UFBA para pensar a formação de professores da Educação de Jovens e Adultos em uma perspectiva de humanizadora? Eu diria que temos trabalhado em várias frentes, seja no ensino com a oferta de componentes curriculares voltados para a especificidade da Educação de Jovens e Adultos em uma perspectiva emancipatória, compreendida como modalidade da Educação Básica, logo um direito de todos e todas que não concluíram sua escolaridade básica na infância ou adolescência. Na pesquisa, destacamos a orientação de pesquisas de Conclusão de Cursos de Graduação, de Dissertações e Teses que tenham como foco a Educação de Jovens e Adultos, considerando os pertencimentos étnico-raciais, de gênero, geracional, buscando a produção de conhecimentos, o aprofundamento teórico e metodológico de professoras e professores da referida modalidade, inseridos em diferentes sistemas de educação municipais e estaduais.

Finalmente na extensão, destacamos, entre outras ações, as atividades do Grupo de Estudos Paulo Freire da FAGED/UFBA. Desde 2017, um coletivo de professoras e estudantes da Faculdade de Educação da UFBA em conjunto com professoras, coordenadoras, funcionárias da Educação Básica de diferentes municípios baianos da Rede Estadual de Educação da Bahia, têm se reunido, quinzenalmente, para estudar a obra de Paulo Freire. O referido Grupo tem o objetivo de aprofundar a análise de princípios teóricos e metodológicos freireanos, compreendendo que os ataques desferidos à sua obra no bojo do famigerado projeto Escola Sem Partido, disseminavam desinformação e mentira em relação à sua obra e aos impactos dela na educação brasileira. Com a chegada da pandemia e o distanciamento social, retomamos as atividades do Grupo de forma

remota e, além dos objetivos acima anunciados, construímos um espaço de solidariedade e apoio mútuo. Esse espaço tem nos ajudado a existir, resistir e reexistir, individualmente, coletivamente e institucionalmente.

No aprofundamento de conceitos como Humanização, Educação como Prática da Liberdade, Esperança, do verbo esperar, entre outros, temos construído, coletivamente, a leitura do complexo e doloroso contexto no qual nos encontramos e temos procurado produzir teoria e prática a partir do lugar da dor e da luta, como nos convida bell hooks (2017).

## **Referências**

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011. 245p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 40 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2017. 189p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 9ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2002. 245p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987. 184p.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade.**; trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2017. 283p.

MBEMBE, Achilli. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. Trad. Renata Santini. São Paulo: M1 Edições. 2018. 80p.

## Quando a arte inspira a luta

*Lídia Barreto da Silva*<sup>1</sup>

A arte sempre esteve presente em minha vida. Desde muito cedo, tive contato com as linguagens artísticas da música e do teatro, em igrejas, na escola, na universidade, em vários espaços promotores do conhecimento e provocadores de debates. A partir dos anos 2000, comecei a vislumbrar possibilidades de criação que relacionasse arte e bandeiras de luta que estava envolvida à época. Pensar na arte como inspiração para a luta, foi o mote para desenvolver vários trabalhos criativos que desencadearam em vídeos, performances, confecção de panôs, dentre outros.

Durante a pandemia que se instalou no mundo, devido ao contágio pelo Coronavírus, nos vimos diante de um grande desafio, o de ficar em casa para não se contaminar e proliferar o vírus. Então, passamos a trabalhar remotamente, a nos reunirmos através de plataformas digitais de comunicação, a nos divertirmos em canais de comunicação com as *lives* de artistas musicais, peças de teatro, contação de histórias, produções cinematográficas e fotográficas, visitamos museus em várias partes do mundo, via *web*. Fomos buscando nossas formas de nos adaptarmos à situação que era e, ainda é muito delicada e exige de nós, cuidados consigo e com outro, mas, sobretudo, consciência de que estamos em casa e, se pudermos,

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Plástica e Mestre em Educação do Campo. Área de atuação: Artes, arte/educação, educação e educação do campo - Universidade do Estado da Bahia. E-mail: lbrrdasilva@gmail.com

temos que continuar, mas não impossibilitados de produzir conhecimento, conteúdos e muito menos arte.

Gostaria de ressaltar a existência, a relevância, a necessidade e a função social da arte. Ao longo da história da humanidade, esse é um debate promovido por muitos teóricos que discutem a arte, mas, mesmo tendo muitos debates construídos, entendemos que ainda se faz necessário continuar abordando o assunto pela natureza mutável das pessoas que habitam o mundo e, por conseguinte, a própria arte.

Do latim “ars”, a arte é o “talento de saber fazer” (BOGO, 2016) e se caracteriza como atividade vinculada a habilidades humanas, conforme Bogo afirma que “a arte acompanha a produção da existência; foi e é parte da cultura. Ajuda a compor a consciência estética dos indivíduos e dos grupos sociais” (BOGO, 2002, p. 136).

Em toda a trajetória da humanidade, a arte vem exercendo papel fundamental para construção do conhecimento humano. Não por acaso, pois o exercício do fazer criativo é inerente a natureza humana. Desde os tempos mais remotos, que se têm indícios e conhecimento da produção artística humana, seja nas pinturas rupestres, seja na construção de ferramentas, seja nos utensílios domésticos, seja nas obras de artes que compõem museus em todo mundo e, ainda, também, nos reisados, congadas, cordéis e tantas manifestações artísticas populares espalhadas por todo o mundo. Essa afirmação tem amparo nos estudos de Araújo, quando diz que:

Ao longo dos anos a arte assumiu diferentes funções e se manifestou por uma diversidade de linguagens e procedimentos técnicos, devido às transformações sociais, políticas, tecnológicas e culturais que ocorreram na sociedade. Cada vez mais o homem sentiu necessidade de dialogar com o mundo à sua volta e de demonstrar seus anseios, ideias, emoções e conhecimentos (ARAÚJO, 2016, p. 148).

A arte é uma área do conhecimento humano que dialoga com todas as outras áreas, pois, em quase tudo, a arte está presente, desde o desenho de uma cadeira até a sua fabricação, o que revela o caráter utilitário da arte, passando pelas criações têxteis, moda, design tecnológicos até às pinturas, espetáculos de dança e teatro, música e toda produção artística que circula pela humanidade.

Por entender e defender a arte como campo do conhecimento e como provocadora de debates profícuos, é que me ocupei em relatar as minhas experiências com o meu processo criativo na tentativa de produzir arte com uma função social, durante o ano de 2020, da era pandêmica do Coronavírus.

### **1. “Foram nove tiros”**

Nós sempre achamos que as coisas vão passar com certa rapidez, que tudo voltará ao normal quando menos esperarmos. Porém, com a pandemia da COVID-19, não está sendo assim. Achávamos que as coisas voltariam ao normal, pelo menos dois meses depois, mas não voltou e tivemos que repensar nossa forma de fazer várias coisas, aliás, “repensar”, “o novo normal”, “reaprender” foram palavras ditas, repetidas vezes, e eu, enquanto artista plástica, também tive que repensar a forma como produzia arte. Acompanhada dessa inquietação, veio o convite para me apresentar na live de lançamento da TV UNEB<sup>2</sup> – CAECDT<sup>3</sup>, no YouTube.

Diante do convite, me desafiei a transformar minha casa em um espaço para as performances que pretendia fazer e foi daí que surgiu a primeira experiência de fazer arte, no quarto do meu apartamento, mas com mais de quinhentas pessoas assistindo através do YouTube e hoje conta com mais de

---

<sup>2</sup> O canal de TV Universitária da Universidade do Estado da Bahia.

<sup>3</sup> Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial.

mil visualizações. Mas o que está em questão, aqui, não é a quantidade de pessoas que viram, veem ou ainda verão o vídeo e sim o desafio de fazer a arte chegar para muitas pessoas com uma mensagem social, engajada que reproduz o que se passa ao seu redor de forma questionadora, denunciativa, provocadora de reflexões e de debates sociais e políticos.

Debrucei-me sobre o material que já tinha em casa para compor o cenário, vasculhei papéis e pastas em busca do texto que pretendia interpretar, preparei o equipamento para a captura de imagem e som, usei meu próprio figurino e rascunhei o roteiro. O resultado foi uma performance forte, marcante e com os aspectos que entendo que sejam necessários a uma expressão artística que se incube de provocar, no espectador, reflexões engajadas com situação social da classe marginalizada, oprimida e invisibilizada numa sociedade altamente preconceituosa e julgadora de padrões sociais previamente estabelecidos por uma classe dominante e perversa.

O texto de Marcio Sales Saraiva, intitulado **Foram Nove Tiros**, protagonizou toda a construção da criação artística. O autor descreve, em versos, o assassinato de duas pessoas; Marille Franco, então vereadora no Rio de Janeiro e Anderson Silva, que era o motorista de Marielle. Os versos que Marcelo escreveu dizem assim:

### **Foram nove tiros**

Era a concretização do desejo de matar as dimensões e possibilidades daqueles ser.

O primeiro foi na negra que ousou ocupar um lugar feito para as elites: o parlamento.

O segundo tiro foi na mulher feminista que incomodava.

O terceiro esfaqueou a lésbica que afrontava a Heteronormatização.

O quarto atingiu a mãe que deixa órfã mais uma jovem brasileira.

O quinto tiro calou a favelada (povo abusado).

E ainda era pouco para os fascistas.

Veio o sexto tiro que tombou a todos que militam pelos direitos humanos.

O sétimo tiro foi na democracia e emudeceu o estado de direito.  
O oitavo atingiu-me também. Fiquei tonto e caí no chão ofegante, espantado.  
Atingiu Anderson. Ele era nós no volante daquele carro.  
Veio o nono tiro, dado por aqueles que fazem comentários estúpidos diante do  
corpo inerte e de sangue vertendo.  
Não vamos esperar o décimo.  
É o início de uma ampla jornada de lutas.

*Márcio Sales Saraiva*

Os versos acima não só descrevem o assassinato violento, mas, também, denunciam todas as diversidades que são condenadas a viverem escondidos, como as relações amorosa entre duas mulheres, falta de consciência política de uma maioria que entregou nosso país a um governante fascista e, ainda, a velha opressão que os pobres, pretos e favelados vivem desde muito tempo nesse país.

Quando estava buscando os materiais para compor o cenário de minha criação performática, encontrei várias cruces de madeira com nome de pessoas que foram assassinadas porque resolveram lutar por seus direitos e a não mais aceitar as imposições de uma classe dominante. Havia usado essas cruces em outra performance, alguns anos atrás, e as guardei no meu “ateliê”. Era a combinação perfeita com os versos que iria declamar.

Mas ainda não estava satisfeita. Eu queria representar outros sujeitos que tiveram seus direitos negados durante muito, muito tempo em nosso país, os povos dos campos, das águas e das florestas. Fui separando a enxada, o facão, as cabaças, mas, também, os livros que representam que esses povos, também, estudam e devem ter esse direito garantido, assim como os que vivem na cidade. As velas acessas serviram para gerar um clima de respeito aos que tombaram durante a militância, os vasos com plantas representam o renascer de outros que se juntaram a nós na



Figura 3



Fonte: Arquivo da autora, 2020.

## 2. Considerações

Na tentativa de concluir, mas não querendo concluir, esse último tópico com o pensamento de Augusto Boal sobre a “estética do oprimido”, ele diz assim:

O pensamento sensível, que produz arte e cultura, é essencial para a libertação dos oprimidos, amplia e aprofunda sua capacidade de conhecer. Só com cidadãos que, por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem), se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la {...} (BOAL, Augusto, p. 16, 2009).

A arte é libertadora, promotora de pensamentos ilimitados, capaz de empoderar e incentivar a romper com os medos, com a opressão de forma consciente da realidade que estamos inseridos dando força pra continuar. Sendo assim, reitero um entendimento que aponta a arte como meio de comunicação e, “portanto, também de progresso – isto é, da caminhada da

humanidade rumo à perfeição” (TOLSTOI, 2002, p. 207). Talvez ainda não tenha chegado à perfeição (não cheguei!), mas tenho certeza que já comecei a caminhada rumo à consolidação da Arte como área do conhecimento da maior importância para o processo de emancipação de todos/as os/as indivíduos.

## Referências

BOAL, Augusto. **A estética do Oprimido**. Rio de Janeiro. Editora Garamond de 2009.

BOGO, Ademar. **O Vigor da Mística**. Caderno de Cultura n 02 – Setor de Educação do MST, 2002.

BOGO, Ademar. A arte e a mística na educação do campo. In CARVALHO, Cristiene Adriana da Silva e MARTINS, Aracy Alves org. **Práticas Artísticas do Campo**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p.41 – 57. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 8).

ARAÚJO, Gustavo Cunha. Arte/educação no campo: algumas reflexões. In SILVA, Cícero da; MIRANDA, C. F.; AIRES, H. Q. Porto e OLIVEIRA, U. F de. (orgs). **Educação do Campo, Artes e Formação Docente**. Palmas – TO: EDUFT, 2016, p. 147 – 167.

TOLSTOI, Leon. **O que é arte?** São Paulo - SP. Ediouro, 2002. (Clássicos Ilustrados).

**Assim como eu... muitas de nós!**

*Leonice Francisca de Souza*<sup>1</sup>

O meu interesse pela área da educação, foi concebido, progressivamente, através do constante contato com o exercício da docência desde a o período de escola, a formação primária e o gosto em imitar minhas professoras em seus mais variados aspectos, desde a letra até o penteado. Situação comum para um tempo em que o presente e as formas de convivência estavam circunscritos aos espaços físicos da escola e da casa/família. Na formação em Magistério, o sonho de poder ter uma profissão, trabalhar, ser orgulho para mãe e pai, trabalhadores rurais, que não tiveram a oportunidade de estudar, pois nesse país, o direito à educação pública e para todos é fenômeno relativamente recente. Conforme argumenta (CHAUÍ 1989, p. 20),

A prática de declarar direitos significa, em primeiro lugar, que não é um fato óbvio para todos os homens que eles são portadores de direitos e, por outro lado, significa que não é um fato óbvio que tais direitos devam ser reconhecidos por todos. A declaração de direitos inscreve os direitos no social e no político, afirma sua origem social e política e se apresenta como objeto que pede o reconhecimento de todos, exigindo o consentimento social e político.

---

<sup>1</sup> Pedagoga/UNEB- Mestra em Cultura e Sociedade/UFBA- IF Baiano - Tec. Em Assuntos Educacionais – Professora da Prefeitura de Senhor do Bonfim. E-mail - [leoniceesouza@gmail.com](mailto:leoniceesouza@gmail.com)

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6051757838354435>.

Ao se mudarem para a cidade, meus pais passaram a trabalhar como ambulantes nas feiras e, posteriormente, consolidaram um comércio, ou melhor, uma bodega, como seu Dinho, meu pai, costuma dizer.

Fiz Pedagogia, pela pouca habilidade em matemática (única opção possível na cidade de Senhor do Bonfim, caso eu não optasse pela pedagogia). Isso demonstra que, a negação do direito à educação pública e de qualidade que meus pais viveram, esteve, de certo modo, próximo da minha trajetória, sobretudo pelo fato de que a maior variedade de cursos e carreiras estavam situados nos grandes centros, nas capitais, lugares que eu, sertaneja filha da classe rural e trabalhadora não poderia alcançar naquele momento.

No curso de Pedagogia, desenvolvi gostos, sonhos e a luta pela sobrevivência me colocaram na sala de aula de escolas públicas, para substituições, estágios remunerados ou não e para colocar em prática uma forma de agir e me posicionar no mundo em defesa da escola pública e da garantia do direito à educação de cada um e de todos. Concordando com o que diz, Cury (2002): “Do dever, dever de Estado, nascem obrigações que devem ser respeitadas tanto da parte de quem tem a responsabilidade de efetivá-las, como os poderes constituídos, quanto da colaboração vinda da parte de outros sujeitos implicados nessas obrigações. Nesse contexto, me considero implicada nessas obrigações e, assim se dá o meu envolvimento e atuação na Educação Pública em diversos segmentos desde a educação básica. Mesmo com a escassez de opções, a Pedagogia não foi escolha sofrível, ao contrário, o gosto em aprender para ensinar e as sociabilidades que a sala de aula e os diálogos educativos nos espaços formacionais que vivenciei, desde então, me impulsionam a manter a vontade e o entusiasmo de prosseguir na carreira, ainda que os desafios, por vezes, se apresentassem como se fossem intransponíveis. A profissão docente é

considerada por Morin (2006) uma das profissões mais complexas, diante do território das incertezas que marcam a ação professor.

Após ter escolhido a Educação, abracei a oportunidade de melhorar no campo profissional e acreditei na possibilidade de prosseguir na carreira buscando a verticalização dos estudos, aproveitei, ao máximo, as oportunidades de formação que vieram com o curso de Especialização *Latu Sensu* em Gestão Educacional, bem como os cursos ofertados quando trabalhei durante dez anos como coordenadora Pedagógica no município de Filadélfia – BA e como professora da rede Municipal de Senhor do Bonfim – BA. Durante essa década de atuação em Filadélfia e com percurso profissional em constante formação, participei dos inúmeros cursos de qualificação, os quais, mencionarei aqueles que considero principais:

Ao concluir o curso de Pós-Graduação, escrevi monografia que teve como Título, O Papel do Diretor Escolar na Gestão Democrática. A partir de então, passei a atuar, concomitantemente, em oficinas de formação Continuada para Diretores das Escolas nos municípios de Ponto Novo, Filadélfia e outros do Território Piemonte Norte do Itapicuru. Nesses espaços de formação, ao partilhar saberes e histórias de vida com os participantes, possivelmente, aprendi muito mais do que ensinei. Se considero verdadeiras as palavras de Moraes (2004, p. 170), encontro nelas o fundamento para minha afirmação anterior, ele diz:

Partilhar histórias de vida permite, a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso, compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as nuances desse uma forma (ou em algum sentido ou lugar) com aquela narrada (e/ou com outras). Além disso, abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história, mas o cruzamento de umas com as outras.

O ofício de ser professor, uma profissão historicamente desvalorizada, leva muitos de nós ao acúmulo de trabalho, carga horária de quarenta ou muitas vezes, de sessenta horas semanais, na busca de salário mais digno, ainda que, segundo o ponto de vista do capital, essa remuneração melhor, não chegará tão somente com o aumento da carga horária. Segundo Meszáreos (2006, p. 283-284): o capital faz com que “o indivíduo internalize as pressões externas”. O autor, elabora uma crítica contundente ao sistema do capital e suas implicações para o homem e o trabalho alienante.

Já casada e mãe de Hugo, meu primeiro filho, passei, então, a cogitar a possibilidade de cursar uma pós-graduação *stricto sensu*, com o intuito claro e lógico de formar bases sólidas para uma atuação profissional mais qualificada. Meu ingresso no curso de Mestrado somente veio ocorrer, em 2010, praticamente dez anos depois de iniciar a especialização *Latu Senso*, um tempo que pode ser considerado largo, dependendo do ponto de vista. Mas do meu ponto de vista, do lugar de fala da professora que atuou concomitantemente em três municípios fronteiriços, o tempo do sonho e o tempo da imersão na lida, na realidade objetiva da prática cotidiana na escola pública são só um detalhe, que considero pouco, para o tanto que eu e outras muitas professoras e professores da educação básica vivem.

Quando ingressei no Mestrado na Universidade Federal da Bahia, eu já fazia parte do quadro de servidores do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano. Ao ingressar no IF Baiano, fiz a opção em manter o vínculo de professora na Rede Municipal de Senhor do Bonfim, os dois cargos em que mantenho a minha atuação profissional. Junto com o mestrado, vieram os grupos de pesquisa e o aprendizado acadêmico toma forma. Neste sentido, tive a oportunidade de participar em diversos congressos científicos nacionais.

A verticalização na carreira tem me proporcionado, tanto maiores oportunidades de aprendizado, quanto de atuação profissional diferenciadas. No sentido de atuar em fóruns, cursos de formação continuada, orientar trabalhos acadêmicos, além de ter conquistado a capacidade de produzir conhecimento a partir da observação e reflexão das minhas próprias práticas pedagógicas no exercício da docência. Tal produção consta na Plataforma Lattes, embora, por mais detalhe que possa ter o Lattes, o currículo que construí até aqui, é composto também por vivências, trocas, elaborações e reelaborações que não seguem, exatamente, as regras da referida plataforma.

Hoje, além de muitos estudantes, de professoras e professores que colaborei no processo educacional ou de formação continuada, estão meus dois filhos, Hugo e Iasmin, os quais, diferente de meus pais, tiveram garantidos acesso à educação de qualidade, porque antes disso, eu tive o acesso a Universidade Pública e de qualidade, que me garantiu uma profissão através da qual pude transformar uma trajetória familiar pretérita marcada pela falta de acesso à educação. Quanto aos sonhos, eles permanecem se renovando. Durante os últimos quatro anos me dediquei ao doutoramento, que está próximo de ser concluído.

O estudo para nós professores, considero não ser uma opção. É parte constituinte do labor, sem o qual, se tornaria esvaziada uma prática pedagógica que se pretende ser segura e concatenada com o desenvolvimento integral daqueles que colaboramos no processo educativo. Considerando o que escreveu Frigoto (2005), quanto aos pressupostos da educação básica no sentido de ser, pública, laica, unitária, gratuita, universal e ainda, centrada no direito subjetivo de cada ser humano; cabe a nós professores laborar estudando. E assim sigo. Em janeiro de 2021, em meio a maior pandemia da nossa geração, assumi uma turma no Ensino Fundamental do município em que trabalho, estudantes da faixa etária entre 10 e 12

anos, em um ano letivo que não findou com o ano civil, mas se estendeu, acumulou e se avolumou assim como a pandemia e com todas incertezas postas para essa geração de professores e alunos.

Eu já sabia que não estava nada fácil, quanto a superação das dificuldades de adaptação e de busca de estratégias efetivas para alcançar os estudantes nesse contexto de isolamento social. Contudo, a realidade objetiva a que me deparei, retrata que estamos (infelizmente) longe da garantia do direito à educação pública e de qualidade, face a exclusão imposta aos alunos e alunas que assim como os da minha turma (que não conheço pessoalmente) no que diz respeito ao acesso aos bens tecnológicos, que na atualidade representam uma condição fundamental para a manutenção do processo formacional de aprendizagem mediada pelo professor. Para falar em números, entre os 25 (vinte e cinco) alunos que compõem a turma, apenas 8 (oito) têm acesso a um celular com o qual podem se comunicar com a escola ou a professora. Diante desse dado, não é possível orientar ou promover vídeo aulas e, assim, aumentar, ainda mais, a exclusão por dentro, utilizando aí o conceito “excluídos do interior”, Bourdieu (2010). Tal conceito serve para explicar o quanto um grupo que no geral já sofre processos de exclusão, têm em seu interior, segregados.

Sim, é necessário manter o vínculo com as famílias e estudantes, com comunicações formais aos pais e as devidas orientações claramente expressas e entregues, mas, também, é urgente, uma política pública que atue na garantia da superação dessa desigualdade no acesso, que, me reportando ao exemplo citado, sobre a negação do direito à educação que meus pais passaram, enfrento, hoje, através de meus alunos, um tipo de negação de direitos. A negação do direito ao bem tecnológico, tanto ao equipamento, quanto à rede. A exclusão está diante de nós. E o que vamos fazer para superá-la?

Considero que o reconhecimento do problema é parte importante na busca de estratégias par o seu enfrentamento. Enfrentamento esse, que, na minha perspectiva, deverá ocorrer em duas frentes, ao menos: primeiro, no coletivo da classe de professores constituídos enquanto categorias representadas por seus respectivos sindicatos e atuando na luta de base, para fazer valer tanto aquilo que já se tem garantido em leis, quanto na formulação de novas e essenciais garantias que o contexto atual impõe; segundo, uma atuação segura na prática pedagógica, orientada pelo aprendizado de que somos “sujeitos de direito” e, assim sendo, posamos fazer saber aos estudantes que estes, são indivíduos que tiveram, historicamente, seus direitos negados, Arroyo (2012).

*Adelante!*

## **Referencias**

- ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, P.; Champagne, P. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, P. (org.) **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.
- CHAUÍ, M. Direitos humanos e medo. In: FESTER, A. C. R. (org.) **Direitos humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CURY, C. R. J. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de Pesquisa**, n.116, p.245-262, jun. 2002.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, Maria (Org.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MESZÁROS, Istvan. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. **Histórias de vida e auto formação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente**. Disponível em: <https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2251/44-artigos-moraesaaa.pdf> . Acesso em 06 de março d 2021.

MORIN, Edgard. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: o Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

## Famílias autísticas na pandemia: vozes de mães

Gisele Soares Lemos Shaw <sup>1</sup>

Thaís S. M. Teixeira<sup>2</sup>

### Introdução

O cenário pandêmico da COVID-19, lembra o conto *A máscara da morte rubra*, do escritor Edgar Allan Poe (1809-1849), autor estadunidense de contos que envolvem mistério e terror. Nesse conto, Poe (2015), retratou uma epidemia viral num reino onde cavalheiros e damas são protegidos num castelo, longe da doença e da morte. Contudo, numa festa de máscaras surge o contágio, retrato da igualdade entre os homens, no âmago da desigualdade. Assim como a doença adentrou o reino retratado por Poe (2015), ela imergiu em outro reino; de famílias que convivem com o diferente, com a deficiência e que, normalmente, já coabitam com o inusitado – de famílias de pessoas com Transtorno do espectro Autista (TEA).

Este capítulo expressa vozes de mulheres-mães de pessoas autistas no berço da pandemia. Geralmente, essas vozes se limitam ao espaço de seus lares, onde reinam com afazeres doméstico, com o cuidar dos filhos, com o trabalhar fora de casa, com o lidar com a deficiência. Seus conflitos e dificuldades se intensificam diante do inesperado, da pandemia, do

---

<sup>1</sup> Gisele Soares Lemos Shaw - Doutorado em Educação em Ciências: química da vida e saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Brasil; Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido (PPGDiDes), Núcleo de Pesquisa Educação em Ciências (NPEC) - Brasil. E-mail: [gisele.shaw@univasf.edu.br](mailto:gisele.shaw@univasf.edu.br)/ ORCID: 0000-0001-5926-2679

<sup>2</sup> Thaís S. M. Teixeira - Graduação em Ciências biológicas/Ciências ambientais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); mestrado em Biologia de Fungos pela (UFPE); Especialização em Educação, Contemporaneidade e Novas Tecnologias (UNIVASF); Especialização em Educação Especial (Uninassau). Bióloga na Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Campo Formoso - Bahia - Brasil. E-mail: [thayba17@hotmail.com](mailto:thayba17@hotmail.com)/ ORCID 0000-0002-3458-8346

rompimento de rotinas estruturadas, fato que causa estranheis e desconforto a seus filhos autistas. Segundo OII et al. (2016), mudanças na rotina e mudanças de ambiente são os dois motivos que mais trazem incômodo a pessoas com TEA, além de indisposições trazidas por dificuldades no processamento sensorial, tão comuns a esses indivíduos.

Considerando o protagonismo de mães de pessoas autistas no lidar com o transtorno e todas as manifestações resultantes dele, trazemos algumas vozes que contam um pouco do universo de famílias de pessoas autistas durante o íterim da pandemia.

### **1 Relato de Gisele e de outras mães: Ser menina, ser mulher, ser mãe, ser mãe de autistas, ser ente**

Ninguém nasce mãe, ou professora, ou mulher, ou o que for, seja na pandemia ou não. Mas, entender uma história de mulher na pandemia requer imergir no ser mulher, no percurso dessa construção.

Tudo começa com uma menina. Dizem que ninguém quer uma menina com filhos: Como poderiam, já que meninas não nasceram para ter filhos? Filhos são feitos por mulheres, meninas já crescidas, amadurecidas, com a vida ajustada. Já as mulheres devem ter filhos, porque são eles que perpetuam seus genes, seus valores, consolidam um casal, independente dos sexos envolvidos. Filhos trazem luz, trazem vida e trazem esperança àqueles que compõem um núcleo familiar.

Meninas nasceram para brincar com bonecas, jogar bola, ler, estudar, gravar vídeos para o Youtube, fazerem e serem tudo o que quiserem. Meninas foram (ou deveriam ser) forjadas com o amor dos pais e são (ou deveriam ser) destinadas a herdarem toda graça e todo carinho que forem possíveis, para que cresçam e se tornem mulheres saudáveis.

Mas, no percurso da vida, algumas meninas recebem a maternidade antes de se tornarem mulheres no tempo certo - esse tempo acaba

chegando antes da hora. Ou então, mulheres com mentes de meninas se descobrem mães. Várias dessas meninas-mulheres, muitas vezes, levantam o peso da responsabilidade sozinhas, por causa de “pessoas que não querem meninas-mulheres com filhos”.

Nesse desenlace, meninas são forçadas a se tornarem mulheres e recebem toda a carga da adultilidade quando ainda são, na verdade, apenas crianças, seja de corpo, de mente ou de corpo e mente. Seus corpos se deformam, acomodando luz e espírito de modo desengonçado, em espaço que ainda não estava adequado ao processo. Então, num ato de amor, a menina-mulher se adequa ao ser mãe, achando que tudo pode, se envolve no ato de criação divina e gera uma criança, ou até mais que uma. Nesse momento, a menina-mulher se torna mulher-mãe.

Mas, e quando acontece de a criança esperada, perfeita, revelar uma diferença geradora de imprevisibilidades? E quando essa diferença parecer luzir mais do que o próprio indivíduo? Nesse cenário, mães de autistas vivenciam controvérsias diversas: relativas à suspeição da presença do TEA na família, à busca por especialistas apoiadores, ao processo de investigação do transtorno, à negação da situação, ao luto pela morte do filho perfeito, à aceitação da condição, ao aprendizado de como lidar com ela e à consciência e empoderamento da realidade autística.

Estudos indicam que famílias de pessoas autistas, têm maiores índices de incidência de estresse e depressão, comparando a famílias que têm filhos com outras deficiências, tais como a Síndrome do X Frágil, a Deficiência Intelectual ou a Síndrome de Down (GRASU, 2018, OII et al, 2016). Afinal, o autismo é um transtorno que afeta, principalmente, o comportamento do indivíduo, além de sua capacidade de se comunicar e de interagir socialmente.

Contudo, mesmo diante de uma diversidade de manifestações comportamentais, estudos, também, mencionam que pais de pessoas autistas

costumam caracterizar seus filhos como carinhosos, inteligentes e bem-humorados (OOI, et al, 2016). É assim que Joana<sup>3</sup>, mãe de dois filhos autistas, Mateus e Tiago, de oito e dez anos de idade, descreve seus meninos. Para Joana, Tiago é “uma criança amorosa, é uma criança que tem habilidades na área da computação [...], é criativo; às vezes ele quer ter domínio de certas situações, ele quer comandar, mas é um amor”. Para Ariel, mãe de Larissa, de dez anos de idade, sua filha “é uma criança muito inteligente, muito pintona, ela podia ser melhor em algumas coisinhas, tipo, menos resistência às coisas, ela é muito bravinha”.

Quando uma criança autista nasce, a mãe que a ama enxerga sua perfeição. Depois, surgem todas as mencionadas controvérsias, que se instalam como obstáculos que fortalecem, que ensinam, que deixam cicatrizes, mas que são superados diariamente, com doses de amor. Na pandemia, isso não ocorreu de modo diverso. Se ser mulher e ser mãe já trazem seus infortúnios, apesar de sua beleza, ser mãe de autista traz: fraqueza e força; lampejos de desespero e busca por paciência; esperança e amor.

Na pandemia, nós, mães de crianças e jovens autistas, experimentamos muitos episódios difíceis, afinal, mudança de rotina é um dos maiores motivos de desconforto para pessoas autistas, se igualando, somente, a mudanças de ambiente (OOI et al., 2016). Assim, quando a pandemia adentrou nosso universo, presenciamos muitos tipos de manifestações, exaladas em nuvem (fig. 1).

---

<sup>3</sup> Foram utilizados pseudônimos para resguardar a identidade dos indivíduos mencionados, que são participantes da pesquisa científica Família, escola e especialistas: relações e possibilidades no desenvolvimento da pessoa autista, aceita e registrada no comitê de ética da Universidade federal do vale do São Francisco (UNIVASF), CAAE 00943418.7.0000.5196.



Ela, enfim, percebeu que não era a maternagem atípica que pesava em seus ombros. Era algo mais profundo, era a vida pedindo uma decisão daquela mulher-mãe. Era a vida pedindo para renascer, ressignificar, reiniciar. O caminho, que ela havia previamente planejado e sonhado, pedia uma nova rota, um novo rumo. Tudo o que até ali, que ela tinha sido, dizia a ela que aquela não era ela! Uma personagem havia se apossado do seu ser e ela havia se esquecido de quem realmente era, do que gostava, de seus sonhos. Um rompimento foi necessário para que ela pudesse ver a vida com outros olhos.

Lembrar de quando ela caiu em si, e viu que a vida podia ser diferente, que o autismo da filha de seis anos, não era mais o bicho de sete cabeças que a assombrava, porque ela entendeu que o autismo da filha não podia definir toda beleza, sensibilidade e esperteza daquela menina! Sua mãe finalmente entendera que ser diferente é bom, e, acima de tudo, é *libertador*. Deixou de querer que sua filha se encaixasse em um “normal”, porque enxergou que ninguém merece ser o que não é, para agradar aos outros.

E ela quis experimentar ser diferente do que vinha sendo, se libertar dos padrões, das crenças, dos sonhos que não lhe pertenciam, do plano de vida que não se sustentava mais. Então a chave girou, ela se libertou, e voou em busca de novos ares. Sua rotina mudou completamente, seu lar se desfez, ela viu e sentiu todas as dores e emoções desse processo. Ela acolheu, dentro da sua pequenez, as dores de suas filhas, também. Mas ela sempre teve um otimismo dentro de si. E isso foi o suficiente para que ela tivesse forças para recomeçar. E agora ela segue, permitindo-se ser e sentir, e por extensão, permite que suas filhas sejam e sintam a vida como elas quiserem.

### 3 Algumas reflexões

No âmago da pandemia, algumas vozes se libertam, vozes de mulheres que também são mães de autistas, trazendo suas dificuldades, seus enfrentamentos, seus processos de reconstrução. Vozes que gritam pelas dores de seus filhos, seres sofrentes diante de mudanças em suas rotinas, em seus ambientes, diante de suas sensibilidades sensoriais. Em meio à força assumida do ser mãe de autista, muitas vezes, elas reencontram a si mesmas, algumas nunca chegam a fazê-lo. Se descobrindo, ou não, antes de tudo, elas exercitam a capacidade de serem - de serem meninas, de serem mulheres, de serem mães, de serem mães de autistas. Nesse processo, elas são muito, às vezes, tudo para alguém, ou para si mesmas. Diversas vezes, elas não se dão conta disso, mas, conseguem ser muito mais, sabendo ou não. São seres que são, são seres serentes.

### Referências

- GRASU, Mihaela. Parents against autismo spectrum disorder. **Bulletin of Integrative Psychiatry**, march, year XXIV, v. 1, n. 76, 2018.
- OOI, K. L.; ONG, Y. S.; JACOB, S. A.; KHAN, T. M. A meta-synthesis on parenting a child with autism. **Neuropsychiatric disease and treatment**, v. 12, p. 745, 2016.
- POE, Edgar Alan. **Contos de terror, de mistério e de morte**. Tradução Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

## **Dores da pandemia: reflexões, vivências e angústias**

*Carmélia Aparecida Silva Miranda*<sup>1</sup>  
*Eliana do Sacramento Almeida*<sup>2</sup>

Vivemos tempos difíceis de angústias, de medo e de insegurança, infelizmente, temendo ser a próxima vítima da Covid-19. São estes sentimentos que nos atravessam e nos afetam, cotidianamente. (Nos sentimos). Sentimo-nos incapazes e impotentes diante deste vírus, embora a Ciência tem procurado, de toda forma, driblá-lo, o que precisamos fazer, neste momento, é nos fecharmos, ficarmos guardados em nossas residências, aguardando o noticiário e as redes sociais alarmarem o número de óbitos e de infectados, a falta de oxigênio e de leitos para a população.

Infelizmente, esta pandemia nos pegou de surpresa e nos tirou da nossa normalidade. Crianças, adultos e idosos estão vivendo confinados, em casa, sem liberdade de ir e vir, no entanto, os trabalhadores, em geral, têm mantido sua rotina diária com os cuidados exigidos pelos os órgãos de saúde, como o uso de máscaras, a higienização das mãos, a utilização de álcool gel. Mesmo com estes cuidados, o índice de contaminação continua muito elevado, em razão da superlotação dos transportes públicos, entre outros fatores. Ficamos à mercê, apesar das orientações da Organização Mundial de Saúde - OMS e de outros órgãos, em relação às

---

1 Doutora em História (PUC-SP), Pós-Doc em História (UL-PT), Professora Permanente do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (UNEB- Campus IV) e Professora Plena - Pedagogia (UNEB- Campus VII). E-mail: e-mail: carmelia15@hotmail.com; link do <http://lattes.cnpq.br/3845434417410880>

2 Doutoranda em Enfermagem e Saúde (PGENF/UFBA), Mestre em Educação e Diversidade (MPED/UNEB). Professora Auxiliar - Enfermagem (UNEB/Campus VII). E-mail: [elianaDOSACRAMENTO@hotmail.com](mailto:elianaDOSACRAMENTO@hotmail.com) Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8052097299062702>

aglomerações. Infelizmente, ainda presenciamos aglomerações festivas. Esperamos, que, em breve, tudo isso se acabe para termos de volta o nosso cotidiano, para podermos sair às ruas, fazer as coisas que nos dão prazer, visitar e abraçar amigos e familiares.

A humanidade tem passado por várias pandemias e epidemias. Aqui citaremos algumas dessas, que conseguiram dizimar grande parte da população mundial em diferentes tempos e espaços, entre elas, a peste negra, que assolou a Europa no século XIV, matando um terço da população, cidades foram abandonadas, pessoas mortas por todos os lugares e, outras, desesperadas, temendo serem contaminadas. Segundo Daniel Neves Silva:

A peste negra ficou conhecida também, como peste bubônica, doença causada pela bactéria *Yersinia pestis*, que atingiu o continente europeu em meados do século XIV. [...]

O resultado foi catastrófico, pois a doença atingiu praticamente todo o continente e resultou na morte de milhões de pessoas. (Grifos do autor).

Nessa perspectiva, a peste negra durou cerca de seis anos, de 1347-1353, em plena Idade Média. Calcula-se que 25 milhões de pessoas tenham morrido, segundo alguns pesquisadores, essa enfermidade teve sua origem na Mongólia e se espalhou pelo Ocidente, por meio dos barcos que realizavam o comércio entre a Ásia e a Europa.

No final do século XIX, em 1899, a peste negra novamente passa a assolar a Europa, especificamente a cidade do Porto, em Portugal, que foi atacada por esta doença e, provavelmente, os navios brasileiros que comerciavam ali, trouxeram os ratos e suas pulgas, vetores para transmissão. Em razão dessa contaminação, o Brasil sofreu uma epidemia de peste negra entre os anos de 1900 a 1901.

Inicialmente, foram registrados casos em Santos (SP), mas foi a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, que enfrentou as maiores

consequências. Além disso, a febre amarela, que era epidêmica àquela época, e a varíola, se juntaram à peste bubônica, tornando a situação caótica. Estas enfermidades só foram extintas por meio de medidas drásticas de higiene, vacinação e saneamento básico. No entanto, estas medidas foram aplicadas de forma coercitiva e sem o devido esclarecimento à população, originando a Revolta da Vacina<sup>3</sup>, em 1904.

A epidemia da febre amarela, citada acima, devastou o Brasil em meados do século XIX, e, segundo alguns pesquisadores, a contaminação iniciou no Rio de Janeiro, na época capital do Império do Brasil, como podemos ver abaixo:

Testemunhas relacionaram a eclosão da epidemia que irrompeu em meados do século 19 na capital do Império brasileiro à chegada de um navio negreiro procedente de Nova Orleans, tendo feito escalas em Havana e Salvador antes de atracar no Rio de Janeiro, a 3 de dezembro de 1849. Em fevereiro de 1850 a febre amarela se apossara da cidade e já havia se disseminado pelas praias dos Mineiros e do Peixe, Prainha, Saúde e além. Segundo estimativas, atingiu 90.658 dos 266 mil habitantes do Rio de Janeiro, causando 4.160 mortes, de acordo com os dados oficiais, ou até 15 mil vítimas, segundo a contabilidade oficiosa. Foi então constituída a Junta de Higiene Pública, que em 1886 transformou-se em Inspetoria Geral de Higiene e Inspetoria Geral de Saúde dos Portos. (BRASIL, 2008, ON-LINE)

Nesses termos, houve uma preocupação constante das autoridades brasileiras para combater a epidemia da Febre Amarela, criando formas de higienização:

Os debates sobre a urgência de sanear o Rio de Janeiro aumentaram entre duas epidemias de febre amarela muito violentas, as de 1873 e 1876, que causaram, respectivamente, 3.659 e 3.476 óbitos numa população estimada em

---

<sup>3</sup> A Revolta da Vacina foi um motim popular ocorrido entre 10 e 16 de novembro de 1904 na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil (BRASIL, 2005).

cerca de 270 mil habitantes. Foi elaborado, então, o primeiro plano urbanístico para o Rio de Janeiro, por uma Comissão de Melhoramentos da qual fazia parte Francisco Pereira Passos, recém-nomeado engenheiro do Ministério do Império. (BRASIL, 2008, ON-LINE)

Em 1918, o Brasil foi acometido com a Epidemia da Gripe Espanhola. Com o término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e entre 1918-1919, surge essa pandemia, também, conhecida por *La dançarina*, gripe pneumônica, peste pneumônica ou, simplesmente, pneumônica, que provocou milhões de mortes, especialmente entre os setores jovens da população. Foi considerada a mais severa pandemia da história da humanidade, causada pela virulência incomum de uma estirpe do vírus Influenza A, do Subtipo H1N1.

Segundo Sergio Lamarão e Inoã Carvalho Urbinati (2008, ON-LINE):

A denominação “gripe espanhola” foi cunhada devido ao fato de muitas das informações a respeito da doença terem sido transmitidas pela imprensa da Espanha. Os jornais desse país, que se manteve neutro durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), não sofriam censura quanto às notícias sobre a epidemia, o que não era o caso da imprensa dos países beligerantes. Por isso, assim que a gripe chegava a algum país, era logo chamada de “espanhola”.

Assim, em diferentes tempos e espaços, várias epidemias aniquilaram a humanidade, deixando suas marcas, levando, consigo, homens e mulheres, crianças e adultos, negros e brancos, não escolhendo suas vítimas pela cor, classe social, etnia, gênero etc.

Dando prosseguimento a discussão sobre as diferentes pandemias que devastaram a humanidade, iremos, agora, dialogar sobre as dores deixadas pela Covid-19, especificamente sobre as perdas dos entes queridos, das sequelas deixadas por esta doença e como ela tem desestabilizado, emocionalmente, a população de modo geral.

Desde que a Covid-19 se instalou no mundo, isso desde o final de 2019, quando o vírus apareceu na China e de lá percorreu todo o planeta, vivemos momentos difíceis, as famílias choram a perda dos seus entes queridos.

O primeiro caso de infecção pelo coronavírus SARS-CoV-2 foi registrado em Wuhan, China em dezembro de 2019, verificou-se rápida e intensa disseminação do vírus, adquirindo proporção mundial. Em 11 de março de 2020, foi caracterizada como pandemia pela OMS. Em meados de março de 2021, foram notificados cerca de 121.500.00 casos confirmados e 2.684.093 mortes em todo o mundo, liderando o *ranking*, estão os Estados Unidos, Índia e Brasil, respectivamente (WHO, 2021).

No Brasil, a transmissão comunitária da COVID-19 em todo o território nacional foi declarada em 20 de março de 2020, e, após um ano da pandemia, batemos os recordes, totalizando, em 19 de março de 2021, a lamentável marca de 11.780.820 casos confirmados e 287.499 óbitos. Tais dados refletem o elevado potencial de disseminação e magnitude da doença que atinge todos as cidades brasileiras (BRASIL, 2020).

Ouvem-se gritos de socorro, choros e todas as dores que uma pessoa em desespero pode sentir. Procuramos um porto seguro e não encontramos, o nosso próprio presidente não se sensibiliza do sofrimento dos brasileiros, não há uma preocupação e nem ação que nos dê esperanças de dias melhores, ações que possa nos conduzir a uma saída, por meio da vacinação em massa e de ações rígidas para que a população fique em casa. Assim, a pandemia Covid-19, além de todos os óbitos, nos deixa de legado, uma série de desdobramentos na rotina de manutenção das famílias, na economia e nas relações interpessoais como um todo.

Evidencia-se, então, as desigualdades sociais exacerbadas pela pandemia, vez que a maioria dos/as trabalhadores/as não podem adotar o isolamento/distanciamento social como estratégia de prevenção e são

obrigados a se colocarem em risco, ao permanecerem em seus trabalhos, considerando que sem o mesmo, não seria possível alimentar a família e arcar com despesas essenciais (água, energia, gás, medicamentos). Tais iniquidades, fruto do racismo perpetrado em nossa sociedade, apresentam reflexos negativos diretamente sobre o quantitativo de casos e de óbitos pela doença nas populações negras, indígenas, em situação de rua, dentre outras vulnerabilidades. Corroborando com este pensamento, Almeida (2019) tece diversas reflexões sobre os aspectos estruturantes do racismo e sobre a formalização de um conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais dentro da sociedade brasileira.

A pandemia, associada à sua principal e mais eficaz, até o momento, estratégia de controle e prevenção, o isolamento social, tem alterado, significativamente, os modos dos seres humanos viverem, se relacionarem e, até mesmo, de (re) significarem suas vidas. De repente o mundo parou sob o comando de um vírus e as pessoas, agora, têm que administrar seu tempo com jornadas infundáveis de trabalho, estudo, rotinas em casa, com companheiro (a), filhos, família, animais de estimação e afazeres domésticos e, na maioria das vezes, não sobra tempo e/ou não se têm disponíveis opções de lazer. Surgem, então, uma série de problemas psicossomáticos, manifestados, muitas vezes, por distúrbios no sono, comportamentos depressivos, ideação suicida, sem falar nas tensões e dores musculares.

Fatores como trabalhar em casa, lidar com tarefas simultaneamente e parar de fazer exercícios tornaram-se comuns ao longo dos últimos meses e, claro, cobram o preço em diversas instâncias da saúde. Um primeiro sinal dessa bagunça toda pode ser sentido em músculos, tendões e articulações. É a dor, um grito do corpo de que há algo errado. (BIENARTH, 2020, ON-LINE)

É uma tristeza imensa que percebemos no semblante dos brasileiros e do mundo como um todo, a humanidade está se desmoronando com

doenças, com morte, com dores e angústias. Assistimos atônitos, a toda esta situação. É uma dor física e psicológica sem tamanho, que nos angustia e nos paralisa. Só quem sentiu a perda de um ente querido, sabe o que significa a dor da saudade e da falta daqueles que já se foram.

Os anos de 2020 e 2021, provavelmente, serão lembrados como os anos da morte, como diz Raul Seixas: “no dia em que a terra parou”. Anos amargos e desconfortantes e que desnudam todas as mentiras construídas ao longo de nossas vidas. A morte, a grande protagonista, traz dentro de si a esperança de uma vida diferente, daqui para a frente. De uma vida com respeito aos direitos do cidadão, ao meio ambiente, à construção de um Estado que proteja seus povos com justiça e igualdade e que considere que a Vida é, e sempre será mais importante do que o lucro.

Vamos ter esperança de dias melhores! É o que nos resta! Vamos ser otimistas e pensar que logo, logo podemos encontrar com os familiares e amigos, abraça-los, caminharmos juntos com muito afeto. Acreditemos que em breve este dia chegará. Vamos em frente! Parafraseando a Banda Aliados na canção Esperança: “Sonhar, viver/ E todo dia agradecer/ E rezar, para você ser a última a morrer/ Esperança/ Esperança”.

Exercitemos o verbo **esperançar!**

## Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Pólen Livros, 2019.

AS DORES emocionais da pandemia. **Revista pesquisa FAPESP**. Disponível em: [https://revistapesquisa.fapesp.br/wpcontent/uploads/2020/08/Pesquisa\\_294.pdf](https://revistapesquisa.fapesp.br/wpcontent/uploads/2020/08/Pesquisa_294.pdf). Acesso em: 17 mar. 2021.

BEZERRA, Juliana. Peste negra. **Toda Matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/peste-negra>. Acesso em: 16 mar. 2021.

BIERNATH, André. As muitas dores da pandemia. **Veja Saúde**, 17 de julho de 2020.

Disponível em: <https://saude.abril.com.br/especiais/as-muitas-dores-da-pandemia>.

Acesso em: 17 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **COVID-19 no Brasil**. 2020. Disponível em:

[https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html).

Acesso em: 1 dez. 2020.

BRASIL. A revolta da vacina. **FIOCRUZ** – Fundação Osvaldo Cruz, 25/04/2005. Disponível

em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/revolta-da-vacina-2>. Acesso em: 17 mar. 2021.

BRASIL. Uma breve história da febre amarela. **FIOCRUZ** – Fundação Osvaldo Cruz,

11/01/2008. Disponível em: [https://agencia.fiocruz.br/uma-breve-hist%C3%B3ria-](https://agencia.fiocruz.br/uma-breve-hist%C3%B3ria-da-febre-amarela)

[da-febre-amarela](https://agencia.fiocruz.br/uma-breve-hist%C3%B3ria-da-febre-amarela). Acesso em: 17 mar. 2021.

LAMARÃO, Sergio; URBINATI, Inoã Carvalho. Uma breve história da febre amarela.

**Agência Fiocruz de notícias**, Atlas Histórico do Brasil, 11/01/2008. Disponível em:

<https://agencia.fiocruz.br/uma-breve-hist%C3%B3ria-da-febre-amarela>. Acesso

em: 16 mar. 2021.

PINHEIRO, Pedro. Peste negra – história, sintomas e tratamento. **MD. Saúde**. Disponível

em: <https://www.mdsaude.com/doencas-infecciosas/peste-negra>. Acesso em: 16

mar. 2021.

SILVA, Daniel Neves. Peste negra. **Brasil Escola**. Disponível em:

[https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pandemia-de-peste-negra-seculo-](https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pandemia-de-peste-negra-seculo-xiv.htm)

[xiv.htm](https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pandemia-de-peste-negra-seculo-xiv.htm). Acesso em: 17 mar. 2021.

WHO. **WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard**. Disponível em:

<https://covid19.who.int/>. Acesso em: 1 dez. 2020.

## Palavras finais

O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.

*Mia Couto em "Terra sonâmbula"*

Nossa mais profunda gratidão aos que partilharam conosco suas histórias e conhecimentos sobre esse terrível período pandêmico. Que as palavras escritas nesse e-book, tão cheias de dor, revolta e alertas, sirvam para nos encorajar a enfrentar os desafios diários que se avolumam em nossos corações e mentes diante da barbárie que vemos crescer ao nosso redor. Esse e-book é um ato de resistência à barbárie, ao medo e uma atitude desafiante de escrita sobre nós mesmos, a partir de vivências distintas que se complementam no entrelaçar das narrativas de reflexões tão necessárias.

Temos muita esperança de que tudo passará e nós não nos abatemos diante da perda e da dor. Nas palavras finais desse livro que evidencia o corajoso ato de viver e seguir em frente, no momento em que encerramos a revisão desse livro, uma das nossas autoras, a Professora Leonice Francisca, perdeu seu esposo amado e nós choramos com ela sua dor.

É para ela, para Carmélia, para todas e todos que perderam partes de si para a COVID, que dedicamos todo amor e solidariedade contida nas pessoas que se puseram no exercício corajoso de partilharem suas vidas nas linhas que aqui tivemos o prazer de registrar.

Com carinho,

**Ivânia Freitas**  
**Tiala Albuquerque**

Senhor do Bonfim-BA, julho do Ano II da pandemia que nos sacudiu as nossas almas.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**  
**[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)**